A Saga Magister-Auctor

Publicações fora de controlo

Delung Huáng

Umut Aydın

A Saga Magister-Auctor

Publicações fora de controlo

Delong Huang

Umut Aydin

Para Manuel,
Sebastião e Olívia

Prólogo

Lille. Passa pouco do meio-dia de 24 de janeiro de 1733. Dieudonné regressa à casa, acompanhado da parteira que lhes foi recomendada e que ele foi avisar, no *Hospital St. Jacques*. Uma hora antes, Mathilde tinha avisado que estava a chegar o momento. Dieudonné abre a porta sua habitação aconchegante na *Rue des Carmes*, perto do *Pont Neuf*. Ao longe ouve-se a atividade portuária no rio Deûle.

No piso térreo a lenha crepita na lareira. A apoiante de cozinha entra na divisão com panos de linho branco que passou por vapor de água e ainda cheiram a húmido. Ela acompanha a parteira e o Dieudonné para o quarto no primeiro andar, onde Mathilde tenta de controlar as contrações, acelerando a respiração. De vez em quando ela geme, quando uma contração mais violenta perturbe o controlo que exerce.

Mathilde e Dieudonné estão mais aliviados observando os movimentos tranquilos das duas mulheres que mostram já terem trabalhado juntos em ocasiões anteriores. Dieudonné senta-se na cabeceira da cama e esfrega delicadamente a testa de Mathilde. A parteira apalpa o abdómen de Mathilde e avalia a abertura do colo do útero.

Ela sorri.

“É a vossa primeira criança, não é?” pergunta.

Dieudonné acena a cabeça.

“Está tudo a correr bem. O parto iniciou e o bebé está na posição certa. Pelo que consigo sentir, a criança estará ao peito

da mãe antes do pôr do sol.”
Dieudonné olha para a Mathilde que transpira e faz-lhe um gesto encorajador. Ela fecha os olhos para se concentrar sobre a respiração. Em pensamento ele volta a vê-la como na primeira vez que se encontraram, faz quase três anos, no salão da família onde trabalhava como preceptor. O riso claro dela fez-lhe levantar a cabeça. Foi como se ela tinha sentido que a levantou e os seus olhares tinham se cruzado…
Alguns meses antes, ele tinha se despedido dos seus pais e da sua irmã Maria. O seu irmão Johannes estava então, como agora, em Leuven. Tentem de se escrever regularmente, mas a agitada vida, tanto em Leuven, como aqui, frequentemente lhes impede de manter as rotinas.
Graças à Mathilde e aos seus empregadores, rapidamente Dieudonné entrou no mundo intelectual de Paris bastante diferente de Leiden e de Leuven. Lá sentia-se a seriedade pesada dos pensadores e investigadores estabelecidos frequentemente em contraste com a alegra vida estudantil, apesar de todas as tentativas de reprimir a vontade para a diversão. Cá, os intelectuais de Paris misturam aparentemente trabalho e prazer. *Salonnières* conseguem combinar musica, teatro, poesia e ciência e do conjunto até fazem uma festa frívola. A Duquesa de Maine certamente se encarrega de grande parte deste tipo de acontecimentos. Mas regra geral sente-se uma vontade de viver que lhe fazia falta sobretudo nos meios Cristãos reformados. A frívola matiz dos encontros nos salões dão um tom algo irónico mesmo quando as discussões são sérias. Aqui não se trata de exagero de

estudantes com que diminui o prazer de argumentar em grupo na mesma proporção em que aumenta o consumo de vinho e cerveja. Entretanto ele consegue manter clarividência, graças ao olhar muito crítico da Mathilde para tudo que é ostentação de riqueza e poder. E ele precisava desse olhar crítico, depois de tudo que lhe aconteceu quando chegou à Paris, onde tudo contrastava com o que antes lhe foi contado acerca dos franceses.

Juntos provocaram de vez em quando desagrados, sobretudo com as suas intervenções mordazes com a qual defendem a educação e a instrução da plebe. Sabem hoje pelos pais da Mathilde que alguns dos seus interlocutores regulares de então não estão bem-vindos nem na esfera da Corte nem na da Igreja. Foi também por isso que os pais de Mathilde inicialmente não concordavam com o casamento deles. A razão principal foi e continua a ser que segundo eles, Dieudonné não está à altura da sua filha.

Mas Mathilde e ele próprio sentiram muito bem em dois momentos particulares como olham para o mundo da mesma maneira. Fizeram o mesmo comentário entusiasta ao esquema que os pais de Dieudonné enviaram faz agora quase dois com o qual procuram analisar o fenómeno da arrogância. Foi o primeiro momento. O segundo ocorreu o ano passado, quando Dieudonné foi informado pelo pai do falecimento em Köln do avô Pieter, que nunca conheceu pessoalmente. Com um certo sentimento de culpa, só então leu com muito atenção as notas dos avós que até lá nunca tinha analisado em profundidade. Arrependeu-se nunca ter abordado diretamente com o avô

para falar desses apontamentos. Foi quando decidiu com Mathilde que iam dar particular atenção à influência do mundo religioso na educação e na instrução. O estudo da escolarização feito até então já os tinha elucidado de como investigadores e homens da ciência falam negativamente quando se referem a crianças da plebe, como se tratasse de outra espécie animal. De vez em quando as discussões tornaram se mesmo desagradáveis e sentiram-se cada vez mais convidados obrigatórios mas não desejados.
Assim, Lille tornou-se o novo refúgio para Dieudonné agora com 26 anos e Mathilde com 23. Ambos estão cientes da sua posição privilegiada de família burguesa. Dispõem de rendimento seguro tanto pelos pais de Dieudonné como pelos pais de Mathilde, apesar destes continuarem críticos em relação ao casamento deles.

Uma observação da parteira trá-lo de volta para o momento.
“Mais um esforço e podemos ver a cabeça,” anuncia.
Dieudonné segura as mãos de Mathilde e observa a nova forma que se desenha por baixo das roupas da parturiente. Então o rapazito larga o seu primeiro grito. Um pequeno Lemaître-Larouge nasceu. Será Yann para a família Larouge-au-Château, originária da Bretanha. Para os *Lesmeister* ou *Lemaître*, que, adoptaram o *Diets* ou *Vlaamsch* em Gent depois de saírem de Köln, fica a grafia Jan.
O rapazote parece ter feito o salto para o nascimento com alguma tranquilidade. A parteira a sua ajudante lavam-no em água morna, enrolam-no num pano en poem-no ao peito da Mathilde delicadamente lavada, depois da expulsão da

placenta. Mãe e filho adormecem, enquanto Dieudonné convide as duas mulheres para uma caneca de café, algo que surpreende ambas e que aceitam timidamente.

Um passo atrás no tempo

Os anos anteriores à decisão e Dieudonné de seguir para Paris foram anos inquietos em toda a Europa, devido à Guerra da Sucessão Espanhola. Este desastre económico e social que para grandes partes da população da Europa de l'Oeste, do Sul e Central se prolongou doze anos, continua a deixar rasto. Cinicamente os historiadores que relatam este conflito entre Casas Reais governantes à procura de aumentar posse e influência, dando-lhe o nome de *Pequena Guerra*, mas não dizem que foi o *Grande Desastre* para cidades, aldeias e vítimas de oportunistas.

Durante a sua estadia em Leiden, Dieudonné seguiu as aventuras do hábil trapaceiro John Law. Grande parte da nobreza e burguesia francesa ainda hoje lambe as feridas, depois do fiasco com os papeis de valor emitidos pelo banco de Law em 1720. O próprio Law tinha rapidamente desenvolvido um sistema para liquidar as dividas do Rei francês que assume ser o Estado francês. Em 1714, no fim dessa guerra, a dívida equivalia 2800 milhões de libras, dez anos de receitas do Estado. Os principais credores eram os fornecedores de mantimentos e munições.
John Law conseguiu a confiança do Regente francês e instalou o seu banco na *Rua Vivienne*. Conseguiu o monopólio sobre as futuras receitas das colónias do Mississipi que serviram de garantia para o capital do banco. Para aumentar estas receitas, Law promoveu o crescimento da produção agrícola recorrendo ao povoamento das terras de ultramar com proprietários

brancos e escravos negros. Em 1717 conseguiu assim diminuir a dívida em 60 milhões de libras. Perante o total de 2800 milhões foi uma gota de água no oceano, claro. Mas Law continuou a defender o dinheiro em papel emitido pelo banco dele. Argumentava que as riquezas que a França iria tirar das suas colónias eram praticamente inesgotáveis. Contudo, só o Regente estava verdadeiramente convencido com esse argumento. Os outros governantes bem como o Parlamento de Paris não mostraram grande entusiasmo. Pouco tempo depois, o banco de Law foi rebatizado para Banco Real. O dinheiro em papel emitido passou a ser garantido pelo próprio rei. Porém, com esta operação, todo o comércio exterior do Estado passou a ser gerido por uma só instituição, com um só homem à cabeça. E a mesma instituição dominava também a especulação sobre os títulos.

Em 1720 todo esse negócio colapsa. Quando aparecem os primeiros sinais de desconfiança em relação a John Law, este não consegue evitar que muitos depositantes preferem optar por dinheiro em metal em casa e coleções de moedas de ouro as títulos e o dinheiro em papel. Observa-se o princípio do fim quando no mesmo ano figuras proeminentes, entre os quais o Príncipe de Conti e o Duque da Burgundia, reconvertem dinheiro em papel para moedas de prata.

Os irmãos Pâris, comerciantes de munições, enriquecerem-se durante a Guerra de Sucessão e iniciaram um banco com os lucros feitos. Eles encarregaram-se da liquidação final do sistema de Law. Criaram vistos garantido compensações para quem tinha agido de boa fé e multas para quem claramente

tinha especulado. Depois do aval legal desse visto, todos os detentores de títulos foram obrigados de os deixar carimbar. A partir daí, a comissão de vistos, coordenada pelos irmãos Pâris concluiu toda a operação ao longo de 1721. Apercebeu-se que aproximadamente 10% da população francesa foi vítima do sistema John Law. Reduziu-se a divida do Estado para 1700 milhões de libras, sobretudo através da cobrança das multas. Um pequeno grupo de 185 especuladores originou uma entrega no total de 187 milhões de libras. A maioria das vítimas encontraram-se entre os depositários de 500 a 10.000 libras. 300.000 detentores de títulos perderam muito com o sistema, mas todos os detentores de até 400 libras foram indemnizados. Este conjunto de 200.000 cidadãos menos ricos não foi lesionado pelo colapso. Mas a aristocracia e ainda mais a burguesia abastada, só muito lentamente voltarão a ter confiança em títulos e dinheiro em papel…

Na *Belgium Austriacum* entretanto, as coisas correm razoavelmente bem, por parte devido à Companhia das Índias de Oostende. Mesmo com a continuada intriga por parte de comerciantes e governadores de estados vizinhos contra a patente atribuída pelo Imperador Carlos VI, os subscritores das ações estão muito contentes.

A família Lesmeister tem na Companhia um mealheiro. Sendo cidadão de Gent e depois de Oostende, John teve a oportunidade de investir na Companhia, quando um grande investidor de Amsterdão deixou falar a prudência. Retirou-se logo que os governos da França e da República das Sete Províncias começaram a ameaçar os seus súbditos com

elevadas multas caso apoiassem a Companhia de uma maneira ou outra. Nos anos que antecederam a patente, os armadores privados competiam de modo tão agressivo uns com os outros que as margens de lucro, que já tinham sido elevados, começaram a diminuir. A patente oficializou a constituição da Companhia, o capital completo realizou-se em tempo record e assim inverteu-se a tendência relativamente aos lucros.

Entre 1724 e 1728 a Companhia das Índias de Oostende alcança uma posição de liderança da importação de chá para o oeste da Europa. Sessenta porcento do total da importação passa pelos mercados de Oostende e de Bruges. Neste período 16 barcos voltam do Oriente. Em 1724 atracam o *Keizerin Elisabeth* com capitão Balthazar Rose e *De Arend* com capitão Nicolaas Carpentier vindo da China. Em 1725 o *Karel VI* com capitão Jacques de Winter vem de Bengala. No mesmo ano chegam *De Keizerin* com capitão Jan de Clerck e *De Markgraef De Prié* comandado por Andreas Flanderinq provenientes da China. Em 1726 seguem *De Gouden Leeuw* e *De Tyger* da China, com os capitães Jacques Larmes e Michael Pronchaert. Depois chegam de Bengala *De Vrede* e *De Hope* comandados pelos capitães Philips Perrenot e Nicolaas Carpentier. Nos dois anos a seguir o porto recebe os navios *de Aartshertogin*, *Karel VI*, *Concordia, Markgraef de Prié, Sint Antonius van Padua, Sint Anna* e *Sint Joseph,* com os capitães Michael Cayphas, Laureins Meyne, Reingoet, Guilherme De Brouwer, Joannes De Brakel, Matthias Clinckaert e Daniel Peters. Nessa altura o canal de Oostende para Bruges é alargado, para permitir os navios de continuar diretamente até ao porto de Bruges.

Depois de mudar para Oostende com a família, John travou conhecimento de alguns supercargos, comerciantes que acompanham o barco e, tal como o capitão, têm direito a carga particular. John acaba por fazer um pequeno investimento em algumas cargas tratados por Arnold Hoys e por Pieter van Heurck. John conhece o segundo do tempo que ele se alistava como cirurgião-barbeiro, antes de se tornar supercargo.
Dieudonné sabe do pai Dieudonné como o negócio sobre China é lucrativo para a Companhia das Índias de Oostende e portanto também para os seus accionistas. É verdade que os navios vindo de Bengala só providenciam um lucro modesto, mas em menos de dois anos o chá eleva o lucro bruto a nada menos do que 400%. Contas feitas, o capital investido renda já um lucro anual de 70%.
É mais uma razão para outras companhias a navegar para a India e a China visarem a jovem Companhia das Índias de Oostende que vai literalmente de vento em popa.
Impõem-se restrições de fora na Companhia de todas as possíveis maneiras. Algumas pagam-se bem caras. Os armadores tem que recorrer a intermediários disfarçados para conseguir barcos, uma vez que nenhum estaleiro estrangeiro pode abastecer Oostende. Assim, o *Tyger* é comprado em Amsterdão pelo preço de 24.000 florins e imediatamente revendido através de dois intermediários o que faz subir o preço final para 54.000 florins.
Os navios da Companhia de Oostende são, como qualquer outro navio, possíveis alvos de piratas e corsários. Capitão Joseph de Gheselle sabe tudo a este respeito. No dia 29 de

maio de 1724 o navio mercante *Keyserinne Elisabeth* que comanda é abalroado por dois barcos piratas argelinos. Os membros da tripulação que sobrevivem à luta corpo-a-corpo são vendidos como escravos, enquanto o saque vai para o mercado local. Só dois anos mais tarde, depois de realizar uma angariação de fundos, graças à intervenção do Bispo de Bruges e do próprio Imperador, Gheselle e a tripulação sobrevivente são resgatados. Entre os homens que voltam para casa há também os Oostendeses Antoine Pieters e Jean Ingelet.
Mais tarde, os dois homens contam as suas aventuras a John e Dieudonné. O que lhes indigna mais é de terem sido vendidos como escravos numa praça de Algeria. Anteriormente, durante uma paragem nas ilhas de Cabo Verde puderam presenciar de perto o tráfico de escravos negros. Convenceram-se então que os escravos não eram muito mais do que selvagens ímpios. Os comerciantes eram em maioria Portugueses e Franceses católicos ou protestantes vindo das Sete Províncias. Registaram que muitas mulheres negras eram retidas para servir e satisfazer os comerciantes locais, que se queixavam de falta de mulheres. Os presos mais fracos também são desembarcados e ficam nas ilhas como escravos locais, para equilibrar a perda financeira presumível caso morressem na travessia a seguir. De facto, muitos negros cativados morrem durante a travessia para o Brasil, Tierra Firma e Paraguay.
Os dois homens não conseguem entender como eles próprios se transformaram em escravos. Não são eles piedosos crentes e não selvagens ímpios abalroados por piratas hereges? Mesmo assim foram presos, vendidos e obrigados a extrair argila por baixo de

um sol escaldante. Também foram obrigados por encarregados de obras de elevar andaimes de madeira que tinham que trepar, carregando baldes pesados. Perderam companheiros de infortúnio precipitados dos andaimes. Mostram as suas cicatrizes resultantes de espancamentos, sobretudo nas primeiras semanas do seu cativeiro como escravo.
O que muito incomoda Dieudonné é que é considerado evidente que as pessoas negras são selvagens e ímpios e portanto predestinados para a escravatura, se bem que o mesmo destino é visto como uma afronta pesada para as pessoas brancas e piedosas. John conta que o pai e o avô dele falavam frequentemente com Claudius acerca da visão egocentrada da população branca Europeia, quando se trata de cultura e formas de sociedade. Conta mais em pormenor a crescente dúvida de Claudius acerca da política volátil dos sucessivos Papas em relação à proibição da escravatura. Esta incoerência influenciou grandemente a sua decisão de renunciar à sua função episcopal. John lembra a já longa história de intolerância e arrogância religiosa e cultural que tornou a escravatura um fenómeno comum. A aristocracia Europeia que desde sempre ansia por mais terra e bens banaliza a escravatura de quem é rotulado de descrente e primitivo. John dá a ler ao Dieudonné o texto de Zera Jacob que chegou à sua biblioteca e conta o que ainda se lembra da história contado pelo seu pai acerca do neto do Rei Ngola Hari de Ndongo. Este tinha conseguido que dirigentes da Igreja Católica tomassem posição em relação ao extermínio dos

índios de Brasil e à importação de escravos negros[1]. Ele promete Dieudonné que vai escrever o seu pai para pedir de lhe refrescar a memória.

Dieudonné não só estudou filosofia em Leuven, mas também trabalhou muito a sua proficiência na língua francesa. O fenómeno parece irreversível. O Latim reduz-se cada vez mais à esfera da igreja e a específicos trabalhos científicos. A Europa dominante está a procura de uma nova língua para a administração de alto nível. Rapidamente esta língua passa a ser o francês. Ainda que na Europa e as suas colónias, se fala muito o inglês, o espanhol, o português e o alto alemão, em todo lado a língua cultural dominante é o francês. Poder-se-ia dizer que junto com o árabe e o sânscrito, o francês é hoje uma espécie de terceira língua mundial. Contudo, tanto em *Belgium Fœderatum* como em *Belgium Austriacum*, os governos locais continuam a utilizar baixo alemão, neerlandês e flamengo.
As línguas vernáculas aparecem cada vez mais nas publicações científicas. Uma das razões é porque cada vez mais pessoas lêem. Os muitos franceses exilados, sobretudo Huguenotes, consideram o francês o sucessor ‘natural’ do Latim, porque eles próprios o utilizam Europa fora. Jacques Basnage por exemplo publica a sua história oficial dos Países Baixos em francês. De seguida Bayle escreve que o Latim é a língua dum reduzido número de estudiosos e que aqui, toda a gente quer falar francês. Publicar um trabalho em baixo alemão só faz quem fantasia.

---

1 Ver volume 02 - Uma ideia perigosa

Entretanto, a educação e o ensino das línguas continuam a ser campo de trabalho favorito da família Lesmeister. Os dias precedentes à sua saída para Paris, Dieudonné, os seus pais e a sua irmã Maria, de dezanove anos, reunem as informações que recolheram nos últimos anos. John e Marianne falam da sua correspondência com Pieter. Maria envolve Dieudonné nas visitas regulares à muito ativa Begga de Bruges, agora com 24 anos. Maria e Begga apoiam Marianne para dar forma ao trabalho de pesquisa da falecida sogra Henriette.

"Se entendo bem o raciocínio do avô, ele considera que não só Démia, mas também Locke generalizou a ideia de que a escola para os pobres se deve distinguir da escola para os estados altos," diz Dieudonné.

"O teu avô, mas ainda mais o teu bisavô, tinham altas expectativas no trabalho de Locke. O teu avô Pieter está hoje bastante desanimado com a tese de Locke acerca da educação, porque ele também deve conhecer a obra de Comenius. Considera que Locke tem maior responsabilidade porque é mais conhecido do que Démia," responde John.

"Li alguns dos diários que o avô enviou para o pai, como contributo para o trabalho de pesquisa dos nossos pais. Podes considerar a crítica dele ao Démia como impulso para uma crítica geral ao hábito de dar ainda mais privilégios a quem já tem privilégios," diz Maria.

"O vosso avô ouviu falar pela primeira vez das ideias de Démia nos anos noventa do século anterior. Ele foi claramente alarmado pelo facto que, sem nenhum embelezar de palavras, se separa a instrução das crianças da plebe da formação dos

estados superiores. Já na altura ele dizia que era terreno fértil para ordens religiosos que se ocupam do ensino," repara John.
"Begga fala frequentemente daquilo que ela chama a atitude ambígua dos Jesuítas, quando abordam o ensino. E tinha que pensar novamente nisso, quando o pai me mostrou a carta que ele escreveu ao avô na qual descreve o *Conduite des écoles chrétiennes*[1]. Penso que posso dizer que a vossa posição corresponde com a da Begga," diz Maria.
Interessado, Dieudonné pega nos diários de Pieter que tratam de Démia e Lasalle: "Terei que ler estas notas com mais atenção," observa. "Eu estava convencido que quanto mais escolas houvesse conduzidas pelos Jesuítas conhecidos pela sua erudição, melhor. Mas agora vocês dizem que se defende uma clara separação entre o ensino para quem tem dinheiro e poder e para quem não tem."
"Jean-Baptiste de La Salle tornou público as suas linhas de conduta *Conduite des écoles chrétiennes* em 1706. Desde então há cada vez mais escolas com instrução para pobres. Pouco depois, Luís XIV introduziu na França uma espécie de instrução obrigatória com indicações acerca do conteúdo a ser instruído. Era sobretudo uma tentativa para conseguir ober o controlo sobre o ensino dos preceptores nas casas da aristocracia e da alta burguesia. Conta-se que este rei esperava contrariar a divulgação da Reforma que ainda se sentia. Mas por arrasto melhorou a base para uma maior implantação de escolas para pobres em todas as cidades franceses e as *Écoles Chrétiennes* tinham um bom acolhimento por parte da

[1] Ver volume 02 - Uma ideia perigosa

edilidade de muitas cidades. Como antes já tinha dito Démia, mantinha os vagabundos da rua e a disciplina e a catequese católica estavam asseguradas," continua John.
"Mas eu pensava que os Jesuítas estão mais interessados nos Colégios, nos Ateneus e na Universidade," observa Dieudonné.
"É verdade. Mas não impede que vêem como obrigação sua ganhar jovens para a igreja. Na Pequena Escola consegue-se manter regras de disciplina mais pronunciadas do que nos Gymnasia. Quando as crianças provêm de famílias pobres, são facilmente subjugáveis por um sistema de punição e recompensa. O teu pai fez disso um apanhado[1]," diz Marianne.
"Em Leuven percebi que a ordem não mantém um *Ratio Studiorum* uniforme para todas as províncias onde organiza colégios e ginásios." conta Dieudonné, "Aqui, na Flandres existia antes um *Instructio pro Scholis*, agora atualizado no *Ordo Domesticus*. Há portanto uma espécie de livro de regras próprias para o grupo de ginásios numa determinada região. Há um *Ordo domesticus* válido para toda a *Provincia Flandro-Belgicum*. O regulamento local cá é um pouco mais brando para as turmas de humaniora em comparação com outras regiões. Mas como em todo lado, os colégios ficam fechados para as raparigas. Para os rapazes saídos da plebe o acesso é muito limitado. A liberalização concerne o *classis humanitatis* e a *rhetorica*. Autorizam-se por exemplo desvios das regras em relação aos papéis de mulher em peças de teatro. Na continuação do predecessor *Instructio pro Scholis* local, esses são autorizados quando necessários para a história religiosa.

[1] Ver volume 02 *Uma ideia perigosa,* Oostende.

No geral os papéis femininos devem ser assumidos por rapazes. As representações são autorizadas para todas as classes da humaniora. Os alunos da *rhetorica* atuam no início do ano, o *poësis* na primeira semana da quaresma e as outras classes entre abril e julho. Contudo, na *Provincia Flandro-Belgicum* autoriza-se que atores de diferentes classes atuem juntos na representação do fim do ano escolar. Por fim, desviando de regras anteriores, a dança ou *tripudia* é permitida durante essas representações de fim de ano."

"Aha," ri Maria, "***esta*** luta, os guardiões da moral da igreja católica perderam. Sempre se esforçaram para demonstrar que a dança é obra do diabo, mas aqui, a vida secular conseguiu sobrepor-se."

Dieudonné esclarece: "Foi me contado que a dança, embora autorizado, sempre que possível deva ser evitada. E os membros da Ordem *nunca* podem ensinar dança. Em outras circunstâncias a dança é reconhecida como um espectáculo louvável. A clássica hipocrisia e ambiguidade, portanto."

"Obviamente, existem muitas razões para se perguntar qual é o verdadeiro objetivo da crescente escolarização em mão de ordens e organizações religiosas. Quem se move pelo pensamento humanista e aspira disponibilizar saber e ciência a todos, tanto pobre como rico, homem ou mulher deve estar muito alerto…," começa Marianne.

Dieudonné e Maria acenam com a cabeça em concordância com a mãe. Querem aprofundar a conversa, mas John repara: "Teremos tempo para retomar mais tarde, mas talvez é melhor pensar no almoço de hoje. Nos próximos tempos Dieudonné

não terá oportunidade de comer peixe do mar, fresquinho… o que vos parece?”

A família Lesmeister não é certamente uma típica família burguês. Não tem pessoal residente. Há uma cozinheira em serviço que trata diariamente das refeições. Isto não impede John ou Marianne regularmente irem eles comprar peixe ou legumes no mercado. Para as lidas da casa vêm de vez em quando umas mulheres fazerem limpezas. Duas lavandeiras recolham regularmente roupa de cama e vestuário.
Umas semanas atrás Marianne, John e Dieudonné encheram duas grandes malas de viagem de couro que já foram expedidas para Paris. Apesar das indicações relativo à escolarização deixadas pelo há quinze anos falecido Rei Sol, muitos aristocratas e nobres de robe continuam a contratar preceptores para os seus filhos. Pouco antes de Dieudonné deixar Leuven para regressar a Oostende, foi abordado por um dos seus professores que lhe perguntou se não estava interessado em ocupar um posto de preceptor, na casa do seu irmão em Paris. Inclui alojamento no *Hôtel* da família e um salário anual que corresponde a 100 libras flamengas. O *Hôtel* da família fica na *Place Royal.* Não é mesmo junto à Sorbonne, mas fica numa das zonas nobres de Paris. Dieudonné pensa ser uma oportunidade para perceber um pouco melhor uma outra versão das ideias das Luzes que apanhou em Leiden e em Leuven e inteirar-se da cultura francesa. O professor que fez o convite explica que não é raro jovens filósofos e estudiosos da natureza encontrarem um mecenas num membro da aristocracia francesa, o que permite a continuação do estudo.

Com este argumento tira as últimas dúvidas do jovem atraído por esta nova aventura.

Dieudonné e o pai caminham em direção ao local de ancoragem dos barcos de pesca. O local está bastante animado agora que os barcos de cabotagem regressam ao ancoradouro. É fácil encontrar o barco de Pieter Janszoon.
"Olha o Pieter!" John sauda assim um homem forte com a cara queimada pelo sol que acaba de pôr pé em terra. "O que nos aconselha hoje?"
"Tenho tudo para uma bela sopa de peixe," assegura Pieter. "Vou te fazer um arranjo de que vão gostar."
John tira a sua bolsa e paga generosamente um florim, mais dois soldos do que os 18 que Pieter pede para o peixe.
Regressando para casa na *Kaaistraat*[1], cruzam-se com Jean Ingelet. O marinheiro não consegue deixar de provocar um pouco Dieudonné com a sua viagem à Paris: "Os franceses intrujam-nos e a Companhia. Estão sempre à coca, para impedir que os nossos navios rondam a costa deles e agora vais te curvar para um Fransuí."
"Não me vou curvar, Jean. Vou mostrar às crianças franceses como o mundo é bem maior do que o Reino Francês dos Luíses e o Império Austríaco incluindo *Belgium Austriacum*. Talvez posso no meio disso evocar as tuas histórias empolgantes. E assim posso falar do povo de escravos negros tão mal tratado por todas as Companhias."
Jean abre a boca num triste sorriso mostrando os seus dentes muito estragados: "Ja falamos disso Dieudonné. Eu sei o que

[1] Rua do cais

significa ser sujeito à pancadaria de outro. Eu fui espancado por estes terríveis Árabes. E os negros que estavam ao meu lado foram ainda mais espancados. Mas Deus seja louvado, Ele encarregou-se de mim porque sou bom cristão. Ele fez com que foi pago o meu resgate. Porque é que os negros não se querem baptizar? Assim Deus cuidaria também deles."

"Não é tão simples, Jean," intervém John. "Li histórias de missionários Dominicanos e Jesuítas que endereçaram cartas a Roma. Eles testemunharam como mesmo os negros convertidos não são libertos da escravatura, apesar de ser costume lhes prometer isso antes."

"A mim, cristão devoto, não me foi prometido nada, John. Só sei que Deus se ocupou de mim e mandou um sinal para o Bispo de Bruges, que iniciou a recolha de fundos para a nossa libertação."

"Talvez o sinal não foi inteiramente compreendido," observa Dieudonné troçando um pouco. "A minha ideia de Deus é que Ele cuida de todas as pessoas em sofrimento. Aparentemente quem assegura a divulgação da Sua palavra tem uma outra interpretação. Na sua essência, não deixa de ser mais uma vez um comércio, uma compra e venda de pessoas. Resgatar é só uma outra forma de comprar."

John contempla o seu filho: "Segundo quem diz captar os Seus sinais, Deus só pode ser entendido por quem adota a verdadeira fé. A igreja católica considera que os anteriores proprietários de Jean são não crentes ou então adeptos da falsa fé. Logo esses nunca poderiam receber corretamente o sinal de Deus. Então, Deus tem que ser assistido, apoiado, com

dinheiro. Os dirigentes da igreja podem alegar que não são responsáveis pelos pagãos companheiros sofredores de Jean e dos outros amigos de Oostende. Ou seja, não é Deus, mas quem diz O representar em terra que considera a conversão essencial. Claro que ainda nos podemos colocar a questão se os nossos dirigentes eclesiásticos locais iriam quebrar uma lança para pessoas negras convertidas, de outros lugares, e que não fazem parte da tripulação da Companhia de Oostende. Os relatos que referi mesmo agora confirmam que os cristãos, tanto faz se reformados ou católicos e que possuem terrenos nas colónias não libertem os seus escravos convertidos, como era deles esperado."

Jean ouve atentamente e diz: "Não sei muito bem, John. Talvez tem a ver com castigo e penitência. Aqui os inquilinos dos calabouços são frequentemente obrigados ao trabalho. Também é trabalho de escravo, não? Os Árabes disseram-nos que éramos escravos, que era o nosso castigo, por adorar o Deus errado. Talvez as pessoas negras têm uma punição maior por não adorar Deus nenhum? Ou talvez eram prisioneiros de guerra, ou então eram simplesmente escravos por serem presos?"

"Pois. Podes ter um ponto, aqui," concorda John. "Tenho que pensar acerca disso. E agora é melhor levarmos este peixe para a cozinha. Senão, não haverá sopa de peixe. Voltamos a ver-nós em breve, Jean."

Pai e filho prosseguem o seu caminho.

"Pensas realmente que presos têm que ser tratados como escravos, pai?" pergunta Dieudonné algo surpreendido.

“Não, filho, penso que ninguém tem o direito de escravizar outra pessoa. Penso nos textos de Claudius nos quais disse que quem detém poder o baseia por parte ou inteiramente no labor de outros. É mais frequente o labor não ser pago do que ser pago. Mas tenho que pensar como posso explicar isso a Jean, sem feri-lo nos seus sentimentos e na sua fé. Jean mostra uma certa pena pelos outros que tiveram a má sorte de sofrer o mesmo que ele sofreu durante os seus dois anos de cativeiro, isto vê-se. Ele procura uma espécie de justificação com a qual consegue viver, agora que ele voltou a ser livre e os seus companheiros de sofrimento negros não. Não podemos levar-lhe isso a mal. Para mim, o mal está em outro lugar. E o pior é que nós próprios somos responsável e vítima pelo que sucede.”
“Como assim, pai?"
“O que quero dizer é que, na realidade, vivemos do que o trabalho de outros rende, e não só do que rende o nosso próprio trabalho. O nosso próprio trabalho é pago por quem vive do rendimento do trabalho de outros. Foi assim para o meu avô, foi assim para o meu pai, também é o meu caso por grande parte e será o teu também, com o rendimento fruto de te ocupar dos filhos de outros que para isso te pagam. Para mim, o mal está na posse das coisas. Mas não consigo imaginar como pode ser diferente. Na sociedade sem posses de Thomas Morus, todas as famílias têm dois escravos. Existe um mundo sem posse? Os cristãos primitivos e alguns ascetas diziam que sim. Mas sentem eles prazer por não possuir nada, ou simplesmente consideram a ausência de posse a obrigação desagradável, o meio necessário para conseguir a eterna paz?

Um problema filosófico interessante para ti.”

Esta curta conversa com o pai vai influenciar definitivamente o pensamento de Dieudonné em relação à educação e o ensino. Vai também estimular o seu pensamento crítico em relação à abertura de escolas para todas as crianças.
Mas agora quer falar com a Maria. Ela apresentou-o a Begga de Bruges e ele tem uma imensa admiração pelo seu afiado intelecto. Begga fez-lhe ver que na esfera do poder e da posse, as mulheres ocupam quase a mesma posição como os escravos. A sua liberdade é restringida, elas não podem ou conseguem desenvolver-se intelectualmente salvo se conseguir escapar da camisa de força social na qual foram metidas. Begga era ainda muito nova, quando explicou à mãe de Dieudonné porque escolheu viver no Beguinage de Bruges, mesmo agora que há cada vez menos beguinas. Foi exatamente para escapar a esse espartilho. Depois das tarefas sociais com as quais se comprometeu, tem tempo livre para estudar. Não tinha os meios para se comprar a liberdade, como as mulheres aristocratas conhecidas das avó e da mãe de Dieudonné conseguiam fazer. Ela observou que os Magister e agora os Lesmeisters têm uma rara visão de complementaridade entre homem e mulher, digna de Zena Yacob. “Contudo,” acrescentou, “não se esquecem que desde o tempo do pai de Wolfgang, vocês dispõem de rendimentos que vos libertam do trabalho ao qual o servo se sujeita.”

Begga revê com Dieudonné e Maria o trabalho de Henriette Waldbaum e Marianne Grünen. Elas escreveram extensas notas biográficas acerca de mulheres como Tapputi-Belatekallim,

Maria de Alexandria e Hypatia de Alexandria. Descreveram a escola de Pitágoras da Grécia antiga, na qual as mulheres também estudavam. Produziram entre outros, um texto apresentando os trabalhos de Aglaonike e de Theano. Escreveram notas importantes acerca da filósofa e botánica Hildegarde van Bingen e da escritora Hroswitha von Gandersheim. Deram bastante atenção a Bologna, cidade sempre atípica no mundo das universidades. Afinal, Trocta de Salerno e Dorothea Bucca estão ligadas a Bologna e deram importantes contributos no que diz respeito à medicina e filosofia. Não estavam sozinhas. Com outras mulheres provaram que Thomas de Aquino se enganou redondamente quando afirmou que as mulheres não estavam em condição de raciocinar e que por isso era inútil dar-lhes acesso ao conhecimento e ao ensino. Obviamente existem longos textos de Henriette em relação às suas contemporâneas Margaret Cavendish, Maria Margarethe Winckelmann, Anna Maria van Schurman e Anna Maria Sibylla Merian. Aliás, com as duas últimas manteve correspondência ao longo de muitos anos.

Uns dias depois, Dieudonné fala outra vez com a mãe acerca daquilo que Begga lhe mostrou.
"Begga tem muito apreço pelo que a avó e você juntaram e publicaram sob forma de artigos na editora da nossa família de Frankfurt," começa Dieudonné. "Mas ela falou também do vosso estudo do trabalho anónimo *De l'égalité des deux sexes, discours physique et moral, où l'on voit l'importance de se défaire des Préjugés*. Disso eu não sabia nada."
"Trata-se de um estudo que iniciei com a tua avó mas que ficou

inacabado. Descobrimos agora, cinco anos depois da sua morte, que o trabalho pode ser atribuído a François Poullain de La Barre de Genève.”
“Porque é que acharam que o livro valeu a pena ser estudado?” pergunta Dieudonné.
“Queríamos sobretudo entender como se fala das mulheres. Igualdade é um termo estranho. Obviamente os homens e as mulheres não são biologicamente iguais. Não teria sentido alegar que o são. Contudo, como sempre, associa-se uma hierarquia à desigualdade. E, às vezes, quando se propõe igualdade, quer-se fazer desaparecer sem mais a hierarquia. Cria-se um faz-de-conta e diz-se que a todos foi oferecido a mesma coisa mas que todos reagiram de modo diferente ao oferecido. Estas reações diferentes constituiriam então uma inferioridade ‘natural’ de um grupo em relação a outro.”
“E como é que o autor, presumivelmente François Poullain, aborda a questão?”
“Então, para começar ele diz: «*En effet, les idées des choses naturelles sont nécessaires, et se forment toujours en nous de la même façon. Adam les avait comme nous les avons: les enfants les ont comme les vieillards, et les femmes comme les hommes: et ces idées se renouvellent, se fortifient, et s’entretiennent par l’usage continuel des sens. L’esprit agit toujours; et qui sait bien comment il agit en une chose, découvre sans peine comment il agit en toutes les autres. Il n’y a que le plus et le moins entre l’impression du Soleil et celle d’une étincelle. Pour bien penser là-dessus, l’on n’a besoin ni d’adresse, ni d’exercice de corps*.»
Portanto, para começar, a capacidade de pensar não depende

da morfologia do corpo. A este respeito não existe diferença entre mulheres e homens, jovens e velhos. Mas François Poullain continua. Primeiro fala da destreza manual das mulheres e continua: *«Il n'en est pas de même des ouvrages dont j'ai parlé. Il faut ecore plus appliquer son esprit: Les idées en étant arbitraires, sont plus difficiles à prendre, et à retenir; ce qui est cause qu'il faut tant de temps pour bien savoir un métier, c'est qu'il dépend d'un long exercice: il faut de l'adresse pour bien garder les proportions sur un canevas, pour distribuer également la soie ou la laine, pour mélanger avec justesse les couleurs; pour ne pas trop serrer ni trop relâcher les points, pour n'en mettre pas plus en un rang qu'en l'autre; pour faire les Nuances imperceptibles: En un mot, il faut savoir faire et varier en mille manières différentes les ouvrages de l'art pour y être habile; au lieu que dans les sciences il ne faut que regarder avec ordre des ouvrage tous faits, et toujours uniformes: et toute la difficulté d'y réussir vient moins des objets et de la disposition du corps, que du peu de capacité dans les Maîtres.»*
Eu sei, pode-se tratar dum argumento perigoso, porque abre a porta para dizer que a inteligência das mulheres é uma inteligência diferente da dos homens."
"Sim, isto entendo. E como é que François continua o raciocínio dele," pergunta Dieudonné.
"Ele próprio explica que não são argumentos decisivos para conseguir ir além dos preconceitos enferrujados relativamente às pessoas em geral e às mulheres em particular, que primeiro são afastadas da possibilidade de estudar e depois são consideradas 'naturalmente inferior'. Procura outra abordagem,

tenta aplicar regras estritamente filosóficas no seu raciocínio: ao espírito não é dado sexo, só ao corpo. Não é o aspecto físico ou o sexo que é decisivo, mas a formação do espírito. Tanto o espírito do ser humano analfabeto em estado bruto como do jovem ser humano carece de educação. Deus estabeleceu a ligação entre o espírito e o corpo tanto no homem como na mulher. A cabeça é a sede do espírito e o cérebro da mulher aparenta-se com o cérebro do homem. Os cinco sentidos funcionam da mesma forma.
Pareceu-nos que de seguida François Poullain alude às mulheres de Bologna que se formaram na medicina e no parto. Ele diz que as mulheres e os homens da medicina fazem e observam da anatomia de modo idêntico. E ainda considera outras formas de estímulo do espírito quando afirma que através da meditação orientada por um Mestre, as mulheres desenvolvem tão bem o pensamento lógico como qualquer outra pessoa que medita sob orientação de um Mestre. Como nós, ele devia estar-se ciente das mulheres formadas de épocas anteriores, quando afirma que tanto para a astronomia como para a matemática, as mulheres têm as mesmas capacidades de observação como os homens."
"Então, o que ele advoga é que no essencial não existe nenhuma diferença metódica para qualquer ramo da ciência, o que significa que não são necessários inteligências diferentes para ciências diferentes?"
"Sim, e diz que não se pode confundir *natureza* com *hábitos*. Não existe qualquer coisa como predisposição para a inteligência, mas que só existe a necessidade de educação e

formação para de todos os indivíduos que foram concebidos com inteligência. Ele escreve: «*Le plus simple et le plus naturel usage que l'on puisse faire en public des sciences qu'on a bien apprises, c'est de les enseigner aux autres: et si les femmes avaient étudié dans les Universités, avec les hommes, ou dans celles qu'on aurait établies pour elles en particulier, elles pourraient entrer dans les degrés, et prendre titre de Docteur et de Maître en Théologie et en Médecine, en l'un et en l'autre Droit: et leur génie qui les dispose si avantageusement à apprendre, les disposerait aussi à enseigner avec succès. Elles trouveraient des méthodes et des biais insinuants pour inspirer leur doctrine; elles découvriraient adroitement le fort et le faible de leurs disciples, pour se proportionner à leur portée, et la facilité qu'elles ont à s'énoncer, et qui est un des plus excellents talents des bons Maîtres, achèverait de les rendre des Maîtresses admirables.*» Parece-me que isto é mais claro do que a alusão à inteligência necessária para a destreza manual. François Poullain vai mais longe e escreve, como Zena Yacob já o fez antes, que Deus desejou que os humanos se multiplicam através da união de um homem e de uma mulher. Uma vez que Deus quer seres perfeitos, não persiste nenhum argumento que as mulheres seriam menos perfeitas do que os homens."

"É portanto claro para François Poullain que na base não se pode instaurar instrução e educação diferente, para depois afirmar que umas pessoas, nomeadamente mulheres, só se destinam a determinadas tarefas," sugere Dieudonné.

"Parece-me uma dedução correta sim. Agora temos que considerar que as mulheres portam nelas as crianças não

nascidas e que, cada vez que uma criança nasce, elas ficam retidas na cama da maternidade. Devido à natureza têm que interromper o seu trabalho intelectual, o que não é o caso para os homens. Isto leva determinadas mulheres a querer dispensar a sua condição de carregar em si crianças não nascidas e de tratar os lactentes. Begga de Bruges gosta falar de dois livros na sua posse. O primeiro é *Traité de la morale e de la Politique divisé en Trois parties*, escrito por G. S. Aristophile, como hoje muitos sabem, pseudónimo de Gabrielle Suchon. Em 1700 ela publicou com o próprio nome *Du célibat volontaire, ou La vie sans engagement*. Deste segundo livro, Begga aponta muitas vezes a seguinte passagem da introdução: *«Et comme par les liens du mariage les femmes sont sujettes à leurs maris, attachées à leurs enfants, inquiétées par leurs domestiques, et par les soins d'acquérir des biens temporels, qui sont des épines si fâcheuses, qu'il est difficile d'en comprendre les peines et les travaux: je fais connaître le bonheur des personnes libres, qui sont exemptes de tant de chagrins*.» Begga afirma que este livro, que leu nos seus dezasseis anos, foi decisivo para ela querer ser beguina e ficar livre de tarefas maternais e matrimoniais. Pergunta-o-lhe à vontade, ela gosta de falar de Gabrielle Suchon."

Na noite antes de partir, Dieudonné fala com Maria e os pais acerca da influência da religião na educação de mulheres e homens.
"É claro que existe nas nossas cidades um preconceito em relação ao ensino de mulheres. Como diz Begga, trata-se de um raciocínio circular que quase não é possível quebrar:

homens dizem que mulheres têm menos capacidades. Declaram portanto que é absurdo ensiná-las ou instruí-las. Sem ensino, as mulheres dificilmente conseguem acompanhar o Conhecimento e a ciência atual. Esta dificuldade é então o argumento principal para mostrar que as mulheres têm menos capacidades intelectuais," diz Marianne.

"Considero que se trata de uma forma extrema de misoginia," observa Maria. "E parece que desde a reforma no mundo cristão, os misóginos aumentaram em número."

"Isto não se deve ao facto que são sobretudo os homens que estudam as Escrituras Sagradas e sempre de novo nelas encontram provas que as mulheres são inferiores aos homens?" pergunta Dieudonné.

"O teu avô e Claudius discutiram muitas vezes este assunto," começa John. "Eles constataram que não só no cânone Cristão, mas em todos as Escrituras por eles consultados, o discurso em relação às mulheres é tão contraditório e vago como acerca dos escravos."

"Quase todos os textos, de todas as religiões de que temos conhecimento, são pelo menos ambíguos, quando se aborda a mulher. Observamos, claro, que são sempre homens que dizem ter ouvido a mensagem divina e a têm registada, nas religiões mais faladas entre nós: a dos Cristãos nas suas diferentes variantes, a dos Judeus e a dos muçulmanos ou maometanos, como também são referidos," acrescenta Marianne. "E a misoginia não é fenómeno novo. Ainda que, entre os autores clássicos, encontramos quem iguala a mulher ao homem, há também quem subordina a mulher ao homem. Contudo, pelo

que nos apercebemos dos textos que chegaram até nós, as mulheres não eram, como hoje, sistematicamente banidas do ensino e da formação, quando existia. E mesmo se, na Europa, mulheres da alta aristocracia às vezes têm um papel importante como governadora, não significa que são facilmente aceitas em círculos de estudo."

"O que sabemos de relatos de viagem de quem esteve em contacto com o mundo muçulmano, a Índia Oriental e a China, é que também nessas zonas, a mulher é sistematicamente subordinada ao homem," acrescenta John.

Dieudonné mira a sua irmã e diz: "Gostava de saber mais como, antes e hoje, é considerado o ensino e a divulgação do conhecimento entre todas as pessoas, pobres e abastados, nobreza e burguesia, artesãos, plebe, servos e escravos, mas também da divulgação do conhecimento *por* e *entre* mulheres e homens. Apetece-te trabalhar nisso, com o apoio de Begga, mas também dos nossos pais?"

Maria acena. "Sim, com muito gosto. Não te esqueces que, sendo mulher, sinto na pele o que me é proibido e que te é autorizado: estudar em Leiden ou em Leuven, por exemplo. Pelo que sei de Begga, deveria seguir para Bologna para ter a possibilidade de assistir a aulas universitárias, sem manobras manhosas, e até para lecionar."

"Parece-me estranho que tantos homens se apresentam como cosmopolita mas excluem deste cosmopolitismo mulheres, escravos e negros," observa Dieudonné.

"Sim. Pode um misógino ser cosmopolita? Será que todas as ordens religiosas que tanto querem implementar escolas têm

medo de ou ódio às mulheres? Como interpretar as linhas de conduta dos Jesuítas? Já falamos da organização escolar e da realização de peças de teatro. Mas a regra dita também que não convém deixar entrar as mulheres nas suas casas ou nos seus colégios, só nas suas igrejas. Para as grandes benfeitoras pode-se eventualmente fazer uma exceção. Medo das mulheres, ódio às mulheres com uma dose de hipocrisia? Begga assegura que a hipocrisia é o cunho deles," diz Maria.
"O vosso avô sentia frequentemente dificuldades para perceber os seus conhecidos que integravam a Sociedade de Jesus. Ele dizia que não conseguia entender como alguns dos seus amigos muito inteligentes se apresentavam como cosmopolita mas por outro lado consideravam que livros seculares que segundo eles acariciariam a vaidade não tinham espaço nas suas casas. Não é cosmopolita exatamente aquele que sem julgamento olha para os objetos, os textos e as expressões da cultura, independente da sua própria escala de valores? Era impensável para o meu pai que os seus amigos da Sociedade, lá em Köln, teriam tão pouco autoconfiança, que um livro secular, um instrumento de música, um baralho de cartas, lhes pudesse fazer duvidar acerca do estilo de vida que escolheram levar," lembra John.
"Pois," observa Maria atrevida, "afinal também são homens. Talvez não duvidam do dogma que defendem, mas sentem se inseguros acerca da sua vontade própria para conseguir afastar-se de tudo que os podia seduzir. Talvez não muito científico e investigativo, mas mais natural e simples."

Dieudonné levanta-se do cadeirão. Amanhã viaje para Paris.

Ele dá um beijo de boa noite aos seus pais e abraça a irmã. Não sabem que será a última vez que passam uma noite juntos. Dieudonné só se encontrará mais uma vez com Maria, depois do falecimento dos pais.
Ele fez 23 anos há pouco.

O julgamento de Paris.

Primeiras impressões

Querida família de Oostende,
Como posso-vos descrever Paris? A cidade é grande. Tanto se encontram avenidas largas como longas e estreitas ruas. Grandes praças alternam com becos escuros e sujos. Estou muito bem instalado na Place Royal, no Hôtel alugado pela família Saffres-de-Montbard de quem acompanho os filhos. Dos meus aposentos, no sótão, vejo o Hôtel de la Reine, num dos lados desta belíssima praça quadrada, frente à Rue Royale. Vivo portanto na parte Este de Paris-Ville, perto da Bastilha. Sieur Aruet, hoje conhecido com o nome de Voltaire, já saboreou o interior daquela prisão, antes de passar dois anos em exílio em Londres. Corre a história que teria ofendido um aristocrata arrogante depois de uma discussão em relação à actriz Adrienne Lecouvreur, que faleceu ainda nova, há algumas semanas. Ouvi do sucedido quando apresentei os meus cumprimentos no Hôtel de Sully aqui perto acompanhando a família Saffres-de-Montbard. Conta-se que os escritores e filósofos, embora tolerados pela aristocracia, nunca conseguem quebrar a solidariedade do estado superior. Sieur Voltaire teve que ceder e exilar-se por falta de apoio do Duque de Sully ou do Príncipe de Conti depois da sua confrontação com Guy Auguste de Rohan-Chabot. Depois de ouvir que Sieur Voltaire foi vítima de espancamento dos lacaios de Chabot, o Príncipe só terá dito que foram 'golpes bem recebidos mas mal dados'. *O fraquinho que Voltaire tinha para Adrienne Lecouvreur pelos vistos ficou. Depois de voltar de Londres, manteve uma ligação amorosa com*

ela. Corre o boato que Adrienne, de 35 anos, foi envenenada à manda da Duquesa de Bouillon, devido a uma história amorosa mais antiga. A autópsia requerida por Sieur Voltaire não trouxe resposta conclusiva. Depois, a igreja recusou providenciar um funeral católico porque o pessoal de teatro continua a ser alvo de excomunhão. Ela foi enterrada à pressa por amigos do Marechal de Saxe e de Voltaire. Este deu asa a sua indignação num verso que lhe dedicou:

Et dans un champ profane on jette à l'aventure
De ce corps si chéri les restes immortels!
Dieux! Pourquoi mon pays n'est-il plus la patrie
Et de la gloire et des talents?

Resido portanto em Paris-Ville. O rio, junto à Isle Nôtre Dame fica a uns dez minutos a pé. Depois temos a Isle du Palais. Chega-se à Paris-Université fazendo uso de um conjunto de pontes que ligam as margens do rio às ilhas, sem molhar os pés. Mas é preciso movimentar-se por uma densa multidão. E o cheiro! Além disso corre-se perigo de vida em muitas ruas. Os muito usados fiacres, puxados por um cavalo a galope e conduzidos por cocheiros grosseiros, tornam as ruas inseguras. E mesmo os cocheiros melhor aparentados de quem consegue manter ou alugar um coche particular não se preocupam muito com quem caminha a pé nas ruas.

O Faubourg Saint Michel e o Faubourg Saint Victor, a sul e este de Paris-Université ficam hoje dentro das muralhas. Dos Faubourg Saint Marceau, Saint Antoine, du Temple, Saint Denis, Saint Martin, Montmartre, Saint Honoré e Saint Germain des

Prés, só parte fica dentro das muralhas. Alguns destes subúrbios são antros de pobreza, feios e sujos, que contrastam imensamente com a ampliação da cidade desejada pela aristocracia. A nova zona nobre é para este de Saint-Germain, junto ao Hôtel Royal des Invalides.

Contam-me que vivem hoje em Paris perto de quinhentos mil pessoas. Com já referi, a maior parte da população vive miseravelmente, em imóveis escuros que podem contar até seis andares. Água potável é um bem escasso e vendido pelos portadores de água. Mesmo sendo proibido, há ainda muitas pessoas que vão ao rio para a água. Porém, aí… água… até os cavalos têm as suas reservas, devido à cor e ao sabor do rio. É a mais óbvia razão pela qual quem tenha posses prefere mandar edificar a sua residência na orla da cidade. Aí é possível dispor de jardim e fonte ou poço privativo. Pessoalmente fico feliz que o jardim da Place Royal é de livre acesso para moradores se arejar e que no Hôtel não falta água fresca.

Tenho a sensação que a Sorbonne perdeu muito do seu prestígio. Entendo porque é que muitos filósofos e filósofos da natureza procuram outros sítios. Da universidade de Paris descrita pelo teu avô Wolfgang, pai, pouco resta. Hoje só há trinta colégios. Na realidade só é possível estudar teologia e direito canónico. Não, não se pode comparar a Sorbonne com Leuven, nem com Leiden, muito menos com algumas das grandes instituições do Reino da Prússia ou da Grã-Bretanha. De Bologna nem sequer vamos falar.

Gentil-homem Saffres-de-Montbard contou-me que Joseph Pâris Duvernay, que tem o seu Hôtel em construção na Rue Saint Antoine aqui perto, foi de grande habilidade para atenuar as

consequências da fraude de Law. No trilho dos acontecimentos, Abraham Peyrenc, que manobrou com astúcia para se tornar genro de François-Marie Fargés, estabeleceu-se como banqueiro muito bem sucedido. Dele correm muitas histórias, uma das quais acerca do luxuoso Hôtel que hoje manda construir na Rue de Varenne.

Ainda nem todo o mal passou e o Reino Francês empobreceu, mas as finanças foram colocadas em ordem. Um marco de 8 onças de ouro corresponde agora a um pouco mais de 740 libras. 8 onças de prata correspondem a um pouco mais de 51 libras. Um Louis d'Or vale assim 24 libras e um ecu de prata 6 libras. Mas cuidado, a libra só existe em papel e como referência. Não existem moedas de uma libra. Convertidos para as nossas libras Flamengas, um Louis d'Or só vale dois libras ou 12 dos nossos florins. Para muitos habitantes de Paris libras e florins são uma miragem, mas a aristocracia entretanto fala de dezenas de milhares de libras como se nada fosse.

Meus queridos, eu estou bem. Mas olho para este enorme aglomerado de pessoas com sentimentos mistos. Dizem-me que Paris é maior do que Londres e não consigo me desfazer da sensação desconfortável que uma tal multidão também provoca muitas tensões. Como em Amsterdão e outras grandes cidades, a aristocracia e a burguesia abastada fazem algo para manter os humores sob controlo, mas provavelmente não o suficiente. Restos de refeição das grandes mesas são recolhidos por 'regrattiers' *e vendidos. Quem tem a sorte de ser interno numa família rica tem regra geral uma vida ligeiramente melhor do que quem vive numa das ruas estreitas numa habitação de uma ou duas divisões, por*

cima da oficina ou da loja de um artesão ou pequeno comerciante. Para eles não há café, teatro ou promanada e claro, nenhuma tarde de salão. Mais educação, só, é suficiente para encontrar uma solução, pai? Ou trata-se de um problema de dinheiro, poder e arrogância? E que tal a educação à compaixão dos filhos e das filhas da aristocracia?

O vosso filho que vos ama.

Mesmo se Dieudonné consegue fazer-se rapidamente uma imagem do contraste entre pobre e rico na cidade densamente povoada, muitos aspetos ainda lhe escapam. Ele não sabe que perto de 8 casas em 10 não dispõem de nenhuma instalação sanitária. Uma ligação para uma fossa séptica é praticamente inexistente, tanto em Paris-*Ville* como em Paris-*Université*. E ainda que chegam no mercado central diariamente alguns milhares de lavradores com legumes e fruta fresca e que há também abastecimento de carne fresca e peixe, a maioria dos Parisienses não tem acesso a tais alimentos. As suas refeições consistem em pão, alguns legumes menos frescos ou de próprio cultivo e um pouco de queijo.
A escassa oferta de água potável que muitas vezes tem que ser comprada aos portadores de água, tornam vinho e eau-de-vie popular. Mais e mais *guinguettes* surgem fora das portas da cidade. Aí a pinta de vinho é muito mais barata porque muito menos taxada do que porta dentro.
Quem o pode pagar prefere hoje o vinho engarrafado. Teve como consequência que a expansão do fabrico de vidro provocou uma enorme desflorestação nos últimos dez anos,

devido à crescente procura de carvão vegetal, necessário no processo de sopra do vidro. Esta procura faz também subir o preço da lenha para o aquecimento das casas. Para abafar murmúrios de desagrado, surgem decretos reais que regulam o uso de carvão vegetal e a instalação de fornos de produção deste carvão, bem como de fundições e de vidrarias.

Dieudonné frequenta sobretudo os círculos da pequena nobreza e da burguesia abastada e está claramente encantado com a sua estadia no *Marais*. A sua remuneração seria mais elevada na Flandres, sobretudo devido ao baixo valor da libra francesa, mas aqui dispõe livremente das facilidades dos serviços domésticos da casa dos empregadores. É uma enorme vantagem em comparação com o que seria o aluguer de uma habitação. Ele é rapidamente integrado em círculos intelectuais, onde a sua erudição é muito apreciado. Para o trabalho de preceptor, Dieudonné desenvolve diferentes baralhos de cartas, com as quais organiza jogos de pergunta-resposta para os seus discípulos. Um baralho de que ouviu falar por acaso numa conversa de salão que presenciou serve de referência. Madame Saffres-de-Montbard é uma *salonnière* modesta mas organiza com regularidade sessões no *Hôtel* na Place Royale. Aí, um dia, um dos convidados mais velhos lhe fala do trabalho do jesuíta Claude Oronce Finé de Brianville. Este pedagogo transformou um baralho de cartas normais num jogo de perguntas e respostas com o qual os jovens nobres facilmente podiam aprender a heráldica, a geografia e a história dos grandes Reinos Europeus: o Reino Francês é tratado com o naipe de copas; Italia e o Reino Papal são representados no naipe de paus; por

baixo do naipe de espadas estão os reinos do norte, o Sacro Império Romano-Germânico, os Reinos da Hungria, da Grã-Bretanha, da Suécia e da Dinamarca. As dezassete províncias estão no número 3. Os ouros descrevem Espanha e nessa serie, Portugal encontra-se na Dama. Dieudonné aprende que este baralho foi utilizado na educação de *Louis Le Grand Dauphin*, avô do atual Rei Luís XV.
Dieudonné atualiza o jogo e inventa novos, para descrever a Antiguidade e para abordar descobertas científicas. Também se inspira de outros jogos de cartas, como *'des hommes & des femmes Illustres', 'des Fables', 'de la Geographie', 'Cosmographie', 'Morale', 'Politique', 'Logique', 'Physique'* pelos quais editor Desmaret tem por decreto Real o monopólio tipográfico.

Rapidamente Dieudonné compreende quão finas são na França de Luís XV as linhas de separação entre os estados. A aristocracia está sempre à procura de novos divertimentos e ela interessa-se, além das artes e do teatro, também pela ciência. Mas percebe-se imediatamente que aos estudiosos e os filósofos não é reconhecido o mesmo lugar, salva para os que descendem diretamente da nobreza e combinam título de nobreza com trabalho de estudo. A nobreza de robe e a burguesia abastada é tolerada. De artesãos, servos e plebe só se exige que não atrapalham as Suas Senhorias.
Dieudonné compreende também que a universidade não é o local onde se pode raciocinar e discutir ciência e letras. Quem a conduz, independente da orientação católica subjacente, é demasiado dogmático. Paris dispõe de outros locais para trocar argumentos acerca do Conhecimento. As pesquisas são feitas

em laboratórios, museus e até nalguns mosteiros. Diferente do que se passa nos vizinhos germânicos, onde universidades parecem crucial para a acumulação de conhecimento, em Paris além dos laboratórios, as casas de café e os salões são os locais de eleição.

Frequentemente, as casas de café são barulhentas. É possível consultar revistas e discutir tudo sem quaisquer entraves. Há países onde se aceita todas as pessoas nessas casas, desde que dispõem de tempo e dinheiro. Paris conta com algumas centenas de casas, entre as quais umas muito seletivas. A aristocracia e a burguesia abastada reserva-se assim alguns locais. O Café Procope e o Café de Régence são ricamente equipados. Pode degustar-se a bebida que mantém alerta e acordado em vez daquelas que tornam uma pessoa tola e bêbada. Não impede que as discussões subam de tom e que de vez em quando desemboquem num desafio que leva à violência. Montesquieu escreveu há pouco tempo: "*Cette boisson donne de l'esprit. Si j'étais le souverain, je fermerais les cafés car ceux qui les fréquentent s'y échauffent fâcheusement la cervelle*."

Dieudonné acompanha Sieur Saffres-de-Montbard de vez em quando, agora que este gosta de ser visto na presença do preceptor erudito dos seus filhos. Ele prefere o ambiente mais sossegado do Régence ao ambiente mais confuso do Procope, ao pé do teatro da *Comédie Française*. Lá, vê pela primeira vez Voltaire, algum tempo depois de ter ouvido a história acerca da indignação desta em relação à atitude da igreja com *comédiens* e *comédiennes*. Gostava de abordar Voltaire e os seus

amigos acerca da sátira e da comédia. Ele sabe que existe uma rivalidade entre os comediantes franceses e os italianos. Os franceses não sempre apreciam o *Comedia dell'arte*. Gostava que estes homens, sempre muito ocupados a esgrimir argumentos, falassem das comédias sociais de Marivaux, mais em concreto da *Île des Esclaves*, na qual são invertidas os papeis de escravo e dono. Dieudonné sabe que não existe grande cumplicidade entre Marivaux o os outros filósofos e escritores. Contudo, gostava de ouvir desses espíritos, que sempre discutem a atitude arrogante da velha nobreza e da alta aristocracia em relação à pequena aristocracia e a burguesia, o que pensam da relação com o resto da população, entre eles os servos e os escravos. Quando fala com a Mathilde, mais tarde, da sua frustração pela não resposta ou pelas respostas efusivas, ela faz troça da ingenuidade dele.

Mathilde. Ele encontra a Mathilde pela primeira vez no salão de uma amiga de Madame Saffres-de-Montbard. Dieudonné prefere estes encontros às casas de café. Populares e menos populares *salonnières* conseguem interligar aquisição de conhecimento, letras e literatura, artes e divertimento num todo e estimular conversa e intercâmbio.

Naquele dia ele é convidado pela anfitriã para discursar sobre a vida em Leiden. Aqui, sabe se pouco de *Belgium Fœderatum*. Uma pequena palestra de um antigo estudante de Leiden que além disso fala de Amsterdão, é portanto bem acolhida.

Depois de terminar a apresentação, uma jovem mulher junta-se a ele. Apresenta-se como Mathilde Larouge-au-Château e acrescenta logo que pode esquecer o castelo. Ele tenta de a

fazer pronunciar o nome de Lesmeister mas ela não consegue. Ambos riem. De seguida Mathilde coloca questões em relação à *Companhia Unida das Índias Orientais* e pergunta em que difere da *Companhia das Índias* equivalente de *Belgium Austriacum*. Dieudonné fica admirado que Mathilde parece estar bem informada acerca das razões políticas do conflito económico escondido por baixo das intrigas relacionadas à Pragmática Sanção. Ele fala dos seus pais que vivem em Oostende e das conversas frequentes do pai com capitães que operam para a *Companhia das Índias de Oostende*. Ambos apreciam tanto a conversa, que Dieudonné considera adequado convidar Mathilde para um passeio nos jardins da *Place Royal*.

Com Mathilde Dieudonné passa a conhecer a antiga ilha parisiense, a *île du Palais*. É verdade que o coche de Sieur Saffres-de-Montbard atravessa o *Pont Neuf* quando vão de casa para a *Comédie Française* ou o *Procope*, mas isto não faz conhecer a ilha. À medida que aprende a controlar o medo quando se desloca a pé na cidade, explora mais a velha cidade. Hoje acompanha Mathilde pela *Rue Saint Paul* e a *Rue des Ormes* para o *Quai de Bourbon*. Aí atravessam a ponte de madeira e continuam em direção ao *Le Terrein*. Quando passam na *Rue de l'Abreuvoir,* Mathilda fala de Boileau que aí passou os últimos anos da sua vida. Ela conta da disputa que houve na *Académie Française* entre os clássicos e os modernos e como Boileau escolheu o lado dos clássicos, contando com o apoio entre outros de Racine e De La Fontaine. Charles Perrault encabeça os modernos e defende Quinault, Chapelain,

Scudéry e Saint-Sorlin que considera superior a Homero, Virgílio, Molière ou Racine.
Dieudonné diz que ele próprio tem dificuldade em acompanhar aquela visão recorrente que *antes* significa primitivo e grosseiro e que *hoje* é evoluído e refinado. Se entende bem, a disputa transcende os aspectos meramente literários. Não era um dos argumentos de Perrault que o mundo católico como um todo é muito mais refinado de que a antiguidade dos Gregos e dos Romanos? Dieudonné pergunta-se onde se situa o refinado quando se muda do uso de escravos vindo de territórios conquistados para a utilização de escravos capturados e vendidos, provenientes de regiões ocupados ou conquistados pelos Europeus católicos. Também questiona em que as batalhas travadas pelos reis cristãos que querem aumentar o seu território são mais refinadas do que as batalhas dos velhos comandantes empenhados em aumentar as suas posses por meio de saque. Em que difere a adoração de relíquias às quais se atribui valores milagrosos da aclamação de deuses e semideuses?
Mathilde ri quando Dieudonné faz este tipo de paralelos. Colocando a questão desta forma, diz, podemos admitir que na antiguidade se estava muito melhor no capítulo de banhos e higiene. Para não falar da sofisticação no mundo oriental, lendo os relatos acerca do uso da água, das essências aromáticas e das lavagens ritualizadas. E é esse o mundo do qual os seus habitantes são referidos pelos Europeus como ímpios, renegados e bárbaros.
Mas Mathilde quer regressar à obra literária de Boileau. Para

uns Boileau era uma pessoa generosa. Outros consideram que era brigão e figura de proa da burguesia abastada. Ele defendeu os clássicos e contrapos com ardor os argumentos de superioridade do mundo católico e da corte de Luís XIV. Não impediu que era um convidado apreciado na Corte e que integrou a *Académie Française* a pedido do Rei de quem era, com Racine, o historiógrafo. Apesar disso tudo, ficou fiel ao seu passado jansenista. Obviamente, sátira e caricatura retratam de modo cru e afiado os lados menos bonitos de indivíduos e grupos. Não é de espantar que Boileau provocou mal-estar e fúria. A autorização para a publicação da decima-primeira sátira, na qual os Jesuítas são o alvo, foi revogada por insistência do Provincial francês Le Tellier. Abade Boileau organizou a impressão e distribuição clandestina da sátira, o que foi uma espécie de vingança pessoal contra os Jesuítas. Dieudonné admira-se que nem há vinte anos, um abade e doutor em teologia da Sorbonne tomava uma iniciativa dessas. Mathilde explica que Abade Boileau era teólogo mas que tinha muito em comum com o irmão Nicolas. Um dia terá dito preferir escrever em latim para não correr o risco que os bispos o lessem e perseguissem. Dieudonné solta uma gargalhada com esta piada. Por Mathilde saber como Dieudonné se interessa por Voltaire, ela ainda refere que este já manifestou várias vezes a sua admiração pelo homem de quem Nicolas dizia que se o irmão não fosse teólogo então teria sido doutorado em *Comedia dell'arte*. Voltaire costuma dizer que o Abade foi um espírito peculiar que escreveu livros estranhos num latim curioso.

Se Nicolas Boileau já era figura de proa de uma burguesia abastada, tolerado pela aristocracia, mesmo dos níveis mais elevados, Mathilde parece talhada da mesma madeira, descobre Dieudonné rapidamente. Ela é bem-vinda, tanto nos salões modestos, como pelas *salonnières* mais em vogue. Sempre que o trabalho o permite, ele acompanha-a nos encontros de salão.
Madame de Tencin mantém o salão na *Rue Saint-Honoré*, não muito longe da *Place de Louis le Grand*. Sussurra-se que ela é a mãe do jovem e muito dotado Jean Le Rond Daremberg, presumivelmente filho do Duque Arenberg, seu mecenas. Daremberg vai rapidamente ganhar fama como matemático sob o nome de D'Alembert. Mathilde revela a Dieudonné que nos salões se fala muito de artes e ciência, mas este tipo de fofocas também circulem avidamente. Eles próprios não dão grande importância aos mexericos. Não sabem que a sua relutância em relação a comentar boatos ou participar em intrigas combinado com as críticas que produzem quanto a vários aspectos dos círculos que eles próprios frequentam, irão originar a sua saída mais ou menos forçada de Paris. Também não suspeitam que irão ter algum contacto com D'Alembert quando este, com Diderot, tomará a direção da composição da primeira enciclopédia da língua francesa.
No salão de madame Tencin, Dieudonné conhece Marie-Thérèse Rodet Geoffrin. Mais tarde D'Alembert será como um membro da família no salão que Madame Geoffrin irá manter.

Dieudonné cruza-se com Montesquieu no salão mantido por Madame la Marquise de Lambert, no *Hôtel de Nevers*, pouco antes dela falecer. O filósofo discute a necessidade da

separação dos poderes. Dieudonné entende o debatido como uma crítica ao poder absoluto. Ele aborda Montesquieu depois deste terminar a sua intervenção e conta que há alguns anos estudou em Leiden, onde leu as *Lettres Persanes*, editadas por Pierre Marteau. Sieur Charles de Montesquieu fita o jovem um fino sorriso. "A edição de 1721 de Köln?" pergunta. Quando Dieudonné confirma, surpreendido que o seu interlocutor sabe tal pormenor, este diz: "Talvez não é do seu conhecimento mas eu tratei da escolha e ordenação das cartas e propus a organização final do livro." Dieudonné fica entusiasmado: "E encontrou-se pessoalmente com os autores das cartas?" "Infelizmente, tal não posso afirmar," responde Montesquieu habilmente.

Dieudonné investiga Madame Lambert que é certamente a *salonnière* mais conhecida da altura logo à seguir a Anne-Louise-Benedicte de Bourbon. Ele fica a saber que ela escreveu nas '*Lettres sur la véritable éducation*' editado por J.F. Bernard em Amsterdão, que conseguir o prazer dos outros é o prazer mais delicado. Para o alcançar, continua, '*não são necessários nem bens nem fortuna. Riqueza nunca deu origem à virtude; mas virtude frequentemente originou riqueza*.' Dieudonné interroga--se se com isso ela pretende explicitar o que é dito em surdina: no meio da devassidão que se vivia na corte do já falecido Duque de Orleans e da frivolidade que se vive no Chateau de Sceaux, o salão da Marquesa de Lambert é lugar de descanso literário.

Nessas *Lettres,* Madame de Lambert dirige-se ao filho para falar da verdadeira glória e à filha para defender a necessidade

de educação das mulheres.
Ela dá indicações ao filho que a glória e o bom senhorio têm a ver com honestidade, camaradagem e apreciação e muito raramente com idolatria e bajulação. Descreve como é perigoso de agitar o ódio. Continua que pode ser útil de se fazer temer pelos outro mas unicamente com base na justiça, porque a vingança é sempre perigosa: "*É glorioso para as pessoas honestas de opor paciência à paixão, moderação à injustiça. O ódio indignado coloca-te inferior aos que te odeiam. Não julgas os teus inimigos; também não fazes nada para os absolver; eles prejudicam-nos menos do que os nossos erros o fazem. Espíritos baixos são cruéis, grandes homens têm piedade. Dito isso, sabe que o mais doce das vitórias é de conceder a vida aos que se prepararam para atentar à nossa. Nada é mais glorioso ou delicado do que este tipo de vingança: é a única que pessoas honestas se podem permitir. Assim que o teu inimigo mostra arrependimento e se sujeita, perdes o teu direito à vingança*." Em mais de oitenta páginas, Madame de Lambert explica ao filho como um senhor verdadeiramente bem educado se comporta em relação aos outros.
Mais extensos ainda são as suas considerações acerca da educação das meninas e das mulheres, numa carta à filha. Ela observa: "*Em todas as épocas a educação das meninas tem sido neglicenciada; só nos ocupamos dos homens. As mulheres são entregas a si próprias, como se fossem uma espécie aparte, sem lembrar que elas são a metade do mundo. Sem lembrar que estamos necessariamente ligados a elas, que elas são a alegria e a tristeza dos homens, que as querem ver e sentir todos os dias; que*

com elas, casas se edificam ou se destroem, que a educação das crianças na sua primeira juventude lhes é confiado, exatamente no momento em que as impressões são mais vivas e mais profundas. Como é que se quer crianças inspiradas, sabendo que mesmo na sua mais tenra idade são deixadas ao cuidado de governantes que se costuma ir buscar à plebe? A sua origem é a razão pela qual despoletam sentimentos baixos, paixões envergonhadas e transformam fé em superstição? Deveria-se pensar mais em como tornar hereditárias certas virtudes de mãe para criança em vez de substituir a verdadeira mãe por uma falsa. Nada é portanto tão mal entendido como a educação que se deva dar às jovens mulheres. O seu destino parece ser a coquetaria. Só lhes são dados aulas para aprender a concordar e trabalha-se o amor próprio; elas são entregues a um mundo de falsas opiniões, de pensamento fraco. Nunca têm aulas levando à virtude e força de vontade. É injusto, diria mesmo loucura, não pensar que esta educação acabará por se virar contra elas."

Dieudonné leu com muito interesse este trabalho da Madame Lambert. Ele aprecia o apelo que ela faz para que as mães se ocupam da educação dos próprios filhos. Constata que, como Comenius o fez há cem anos atrás, também a Marquesa advoga uma mais cuidada educação das meninas e das mulheres. Mas fala com a Mathilde acerca da indiferença com que a aristocracia trata quem é identificado como 'o povo'. Mathilde ri. "A aristocracia, mas também a burguesia, meu querido," responde. Ela diz ter ficado bastante admirada, quando Dieudonné contava as visitas de taverna do seu pai. Por mais que o pai de Mathilde inclui Dieudonné no grupo de artesãos

bem remunerados e não na burguesia abastada, Mathilde considera-o um igual. Um igual de quem o pai coloca as mesmas perguntas acerca da religião, das funções de governação, da ostentação de riqueza e poder como ambos fazem. Ela dá alguns exemplos em como a burguesia é parecida com a aristocracia. Ela pensa que, talvez por causa dos estudos, Dieudonné perdeu de vista que a classe deles olha com o mesmo desdém para o povo como os clássicos primeiro e segundo estado.

Sobre a frivolidade das festas da Duquesa de Maine Anne-Louise-Benedicte de Bourbon, Dieudonné pode agora falar na primeira pessoa. Um convite mediado por uma amiga bem posicionada da Mathilde permite-lhes passam a conhecer o mundo libertino do Chateau de Sceaux. Assistem a um dos teatros no Pavillon de l'Aurore, seguido de fogo de artifício, música e divertimento, no Parque de Sceaux.
Naquele festa encontram Marie de Vichy-Chamrond de 34 anos, Marquesa du Duffand desde que casou há mais do que uma década.
Na mesma noite, Dieudonné cruza-se outra vez com Voltaire. Ele tem agora uma opinião mais matizada acerca do escritor-poeta no fim da casa dos trinta, que se aparenta vivaz e despachado, com olhos brilhantes e ardentes. Dieudonné entendeu rapidamente porque é que François Arouet provoca ira com frequência. Para o próprio é evidente que o mundo não gira à volta do sol, mas à volta de Voltaire. Considera natural toda a admiração e é caustico quando opina e condena os seus adversários. Enquanto teísta, Voltaire critica severamente todas as religiões abraâmicas. Contudo, pela

mesma razão nega de modo agressivo que todos os seres humanos têm a mesma origem. Aceita-lo significaria aceitar a existência do casal original Adão e Eva. No seu estilo virulenta, Voltaire argumenta que é completamente cego quem não entende as grandes diferenças entre homens brancos, castanhos e negros. Eles têm entre eles narizes e olhos tão completamente diferentes, que comprovam a existência de diferentes espécies de humanos. De forma assaz grosseiro explica que os negros, quando transportados para outras zonas do planeta, continuam a parir crianças negras, o que refuta qualquer argumento de geofísica.

Do mesmo modo que Dieudonné questiona aquelas afirmações de Voltaire, ele tem a sua opinião formada acerca do caráter brincalhão e de intriga da aristocracia. Ele fica espantado que alguém como o filósofo Montesquieu ou o matemático Malézieu aceitam ser 'cavaleiro' da *Ordre de la Mouche au Miel*[1]. Mais uma vez, Mathilde ri-se da ingenuidade de Dieudonné. "Não te podes esquecer," diz ela, "que Luise-Bénédicte é esposa de Louis Auguste de Bourbon, filho de Louis XIV e Madame de Montespan, reconhecido pelo rei, pouco antes da sua morte, ganhando assim o estatuto de *Prince de Sang*. Nem imaginas como o brilho que emana da Pequena Corte do Chateau de Sceaux é irresistível para a pequena nobreza e para quem subiu

[1] A ordem da mosca de mel tinha sido criada um quarto de século antes pela salonnière Louise-Bénédicte de Bourbon, Duquesa de Maine que intrigava contra o Regente e Delfim. A duquesa atribuiu-se um estatuto vitalício para encabeçar àquela ordem provocadora e escolha na pequena nobreza os seus oficiais, entre eles Nicolas de Malézieu. Mas também figuras sem passado nobre, como Charles-Claude Genest ou Guillaume Amfrye de Chaulieu, que ambos se tornaram abade, integraram a lista dos seus oficiais, até a sua morte, há uma dezena de anos.

ao estado de pequeno ou grande burguesia. É vital de pertencer a uma corte para quem sem descender da alta nobreza se quer mostrar no círculo da alta roda. Não deverás admirar-te de encontrar Voltaire e Jean-Baptiste Rousseau entre os cavaleiros daquela ordem. E penso que irás ver outros pensadores integrar a ordem nos próximos anos."

É claro que Dieudonné terá que dar razão a Mathilde alguns anos mais tarde. Até a Ordem se extinguir com a morte da Duquesa de Maine em 1753, entre outros D'Alembert, Gabriel Bonnot de Mably, Émilie du Chatelet e Madame du Deffand serão nomeados cavaleiro.

Sem que Dieudonné alguma vez o saberá, Frederico II da Prússia também manifestou as suas dúvidas, numa carta dirigida a D'Alembert, quando comparava o mundo académico de Berlin com o de Paris: "*Quanto tempo sobra para 'um homem do mundo dos grandes' em Paris para estudar, fortiori, para pensar? A matiné, as visitas, o dejeuner, a representação seguida do jogo até ao souper que se prolonga até as duas da madrugada, depois as 'bonnes aventures' e dormir para só se levantar por volta das 11 horas; todos os momentos do dia são portanto tomados e todos estão muito ocupados em não fazer nada.*"

O nascimento da ignarometria

Enquanto Dieudonné divide os seu tempo entre a educação e o ensino das crianças da família Saffres-de-Montbard e as tardes com Mathilde, seja num salão, seja com visitas ao teatro e à ópera, John acompanha de perto os desenvolvimentos em relação à proibição da Companhia das Índias de Oostende. O

primeiro balanço é que do ponto de vista financeiro não há grande problema. A companhia foi suspensa para agradar a Grã-Bretanha e as Províncias Reunidas, mas em Oostende continua-se a aparelhar navios para percorrer a rota da China como se nada fosse. Numa longa carta ao seu filho, John escreve:

"*Posso te dizer em relação à Companhia, que os diretores e auditores continuam a ser escolhidos nas casas de comércio com mais experiência em Gent e em Antwerpen. Positivo é que subornos e pagamentos duvidosos quase não têm hipótese. No preciso momento em que te escrevo, estuda-se o comportamento de Thomas Ray e de Paul de Kimpe e vai lhes custar caro se actuaram em proveito próprio.*

A regra geral é que não pode haver espaço para erros. As viagens têm que terminar bem e devem ser mais célere do que as da concorrência. Isto é necessário, já chegam as dificuldades com as querelas políticas entre reinos e nações. Os nossos capitães são homens com muita experiência. Ousam zarpar tarde no ano, com os seus navios com proas revestidas de cobre, e aproveitam com mestria as correntes de vento por baixo do cabo das tormentas. Como o fazem também não sei, mas tudo somado os navios Oostendeses são quase três meses mais rápidos do que os navios da Companhia Unida da Índia Oriental das Sete Províncias. Podes perceber a diferença que isto faz, não só em saúde e vidas humanos mas também em lucros efetivos. Como bem sabes, o consumo de chá está agora muito enraizado e os preços começaram a subir novamente. A venda barata organizada pelos Britânicos alguns anos atrás teve uma espécie de efeito contrário. Um dos diretores Oostendeses ainda há pouco

observava: 'on verra avec le tems que le commerce des Indes ne sera a considerer que comme un commerce ordinaire, car tout le monde le voudra entreprendre. C'est l'effet de tous ces mouvemens des anglais et hollandais qui voullant nous ruiner se sont encore ruinés eux-mêmes'.
Eu próprio sou moderadamente optimista."
Na mesma carta John fala do trabalho de investigação que realiza com Marianne: *"Filho, a tua mãe e eu finalizamos o nosso Opus Omnia. Adotamos o ponto de vista que as ideias relativas à educação e a uma maior abertura para o Conhecimento estão frequentemente em oposição. Ainda por cima o acesso ao Conhecimento é entendido de modo muito diferente segundo estado ao qual crianças e jovens pertencem. Apresentamos aqui três estados pouco ortodoxos, referidos como o estado pobre, o estado de riqueza emergente e o estado alto e da aristocracia. Em relação às mulheres o fenómeno é o mesmo em cada estado: elas são sempre remetidas ao segundo plano. Leva-nos ao seguinte esquema:*

<table>
<tr><th colspan="3">Educação e escolas para as crianças do</th></tr>
<tr><th>Estado pobre</th><th>E. riqueza emergente</th><th>E. alto e aristocracia</th></tr>
<tr><td colspan="3">Ideias provenientes de:</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Ratke</td></tr>
<tr><td colspan="3">Claudius Cardinalis</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Manoel Andrade Figueiredo</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Locke</td></tr>
<tr><td>La Salle : instrução</td><td>La Fleche etc</td><td>Jesuítas</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Port Royal</td></tr>
<tr><td>Demia : esc. dos pobres</td><td></td><td>Filósofos antigos</td></tr>
</table>

Educação e escolas para as crianças do		
Estado pobre	**E. riqueza emergente**	**E. alto e aristocracia**
De trap der jeugd *de Carl de Gelliers		
Ian Amos Comenius		
Zena Yacob		
* literalmente "a escada da juventude"		

Da nossa leitura e observação, parece-nos evidente que o poder religioso consiste de um poder paternalista, levando à servidão. No seio do poder religioso católico pode se considerar que os Jesuítas, de quem não duvidamos estarem presentes em todo tipo de escolas, seja Escola Pequena, Escola Latina ou Universidade, têm um papel ambíguo. De facto, cria-se um sistema de ensino e educação diferente para os pobres e para os ricos e trabalha-se conscientemente para que se forma uma elite que se distancia e assim se mantém afastado do resto da humanidade.

Segundo Locke, que se baseia em outros autores, as crianças são potencialmente seres pensantes, mas nem por isso se atua de modo muito diferente com eles. Poderia afirmar-se que quem trabalha para a separação de escolas para o estado alto e de outras para o estado pobre tem dúvidas acerca da capacidade de pensar de crianças provenientes deste último grupo. Crianças deste estado que se tornam filósofos ou filósofos da natureza, ou atingem um posto alto no mundo religioso são considerados exceções, escolhidas por Deus.

Também queremos dar atenção aos planos de aula. Mas estes não estão necessariamente ligados a um determinado estado. Diferentes pensadores e mestres têm opiniões diferentes. Para ser claro: tanto Comenius como La Salle abordam os planos de aula

para o ensino do estado pobre, mas têm uma proposta diferente. É talvez um pouco desconcertante de perceber através dos textos dos antigos filósofos aos quais tivemos acesso, que eles direcionavam menos o diálogo para o desenvolvimento do pensamento dogmático dos estudantes do que vemos hoje.

Mas também encontramos visões opostas no ensino da leitura. Ao longo do tempo a escola passou a dar mais importância ao decifrar da mensagem do que ao registo de uma ideia. Dito de outra forma, parece-nos que só nos primórdios da palavra escrita é que o ensino se focava sobre a aprendizagem da fixação da própria ideia ou da ideia de outros num código que de seguida tinha que ser novamente oralizado. Mas em toda a história do ensino das crianças, sobretudo quando se considera que as crianças não são seres pensantes, insiste-se primeiro na descodificação. E ela é feito de modo lento e sistemático. Olha o que Carl de Gelliers escreve em 'Trap der jeugd ofte Perfecte maniere om de jonge kinderen ende oude perzoonen met fondament te leeren lezen ende schryven'[1]. *Na recente edição continua a explicar que primeiro se tem que ensinar os 'soantes' que alguns dizem 'vogais', nomeando-os. Depois passa-se para os 'consoantes' e no fim para os 'semi-soantes'. Quando todas as letras e combinações de letras são identificadas e nomeadas, pode-se subir para o segundo degrau da escada. Agora são apresentadas sílabas que consistem na junção de soantes e consoantes ou semi-soantes. Frequentemente utiliza-se o* Pai Nosso *separado em sílabas. Este agora já não pode ser recitado, mas tem*

[1] Escada da juventude ou a maneira perfeita para ensinar crianças jovens e pessoas velhas a leitura e a escrita com fundamento.

que ser soletrado. Depois de nomear todas as letras da sílaba elas devem ser vistas juntas para formar a sílaba e assim pronunciadas. Depois seguem listas e listas de palavras separadas em sílabas para soletrar e recitar. Não sei se consegues imaginar o que isso é Dieudonné. Tanto eu como tu conseguimos a nossa habilidade de leitura através do reconhecimento de palavras por meio de pranchas de desenhos de Orbis Sensualium Pictus *e tanto tu como eu aprendemos a escrever e a ler ao mesmo tempo. Foi graças aos preceptores e aos nossos pais que tivemos esta facilidade, porque eles continuaram a considerar a escrita e a leitura como um todo e não alinharam nessa forma de planos de lições graduais e severamente separadas umas das outras. Jean Baptiste La Salle leva as directrizes obviamente até ao extremo, mais preocupado em disciplinar as crianças para o trabalho repetido e monótono do que para as ensinar a ler e escrever.*

Provavelmente observaste no esquema acima o nome de Manoel de Andrade Figueiredo. Este nome não te deve dizer nada. Lemos há não muito tempo o livro Nova Escola para Aprender a ler, escrever e contar, offerecida A' Augusta Magestade do Senhor Dom João V, Rey de Portugal, *da mão dele e escrito em 1722. O meu bom amigo Lejeune que passou uma temporada em Lisboa em nome do Bispo de Bruges para negociar a libertação de alguns tripulantes flamengos de um barco aí apreendido, teve a amabilidade de nos trazer um exemplar do livro. Ficamos sobretudo tocados pela passagem que aqui reproduzo e que, com o teu conhecimento do latim facilmente irás perceber*[1]*:* 'O uulgar exordio com que ensinaõ a ler os Mestres, he principiando a

[1] Dieudonné o John costumavam corresponder em Vlaamsch ou francês.

dar a conhecer ao menino as vinte e uma letras do Abcedario, das quaes se compoem as syllabas, naõ só de todo o nosso Idioma, mas as de outras muitas naçoens do Mundo, que usam do Abcedario da lingua latina, e logo passaõ ás cartas de Ba e Bam, e dahi a nomes, oraçoens, e varias escritas, como sentenças, e feitos. E mostra experiencia, como melhor mestra de todo o especulativo das sciencias que de todo este trabalho, ficão os meninos quasi com a mesma ignorancia com que principiáram; porque o mayor fruto, que tiraõ desta doutrina, he o conhecimento das letras, e soletrarem os nomes sem os proferirem inteiros; e assim os que nesta forma chegaõ ao fim pertendido de saberem ler, o devem mais á sua habilidade, do que á diligencia dos Mestres que os ensinaõ por este dilatado caminho, penoso aos principiantes que o investigam, e ignoraõ outro por lhes naõ ser mostrado'.

O Mestre Manoel propõe nomear as letras só depois de ter identificado as sílabas para evitar que as crianças imaginam que a cada letra só corresponde um único som e que todas as consoantes têm uma única maneira para se pronunciar. Em muitas situações as consoantes são pouco ou nada pronunciados, mas servem mais para acompanhar mudanças subtis dos soantes como a nasalização. Ele apresenta cinco cartões com conjuntos de sílabas e aconselha as crianças de aprender ao ritmo delas. A tua mãe e eu pensamos que os cartões do Mestre Manoel podem ser adaptados e tornar-se cartões com palavras e imagens. Uma versão mais simples de Orbis Sensualium Pictus.

Claro que aprender a ler e a escrever é só um aspecto do trabalho na pequena escola, e para os pobres ler é frequentemente o único.

Propomos pensar toda a configuração da escola e da escolarização. Como já escrevi, é possível imaginar os planos de lição desde a pequena escola mais como de diálogo ou mais como de instrução. Pensamos que muito tem a ver com o modo como se considera as crianças. Ainda é recente a maior aceitação de que crianças pensam. Alguém já realmente estudou como crianças aprendem a falar? Ouvem outros, à volta delas a falar e imitam o que ouvem. Até aprendem a perceber quando o que dizem tem sentido e quando não tem, porque os mais velhos reagem ao que elas dizem. Não é isso a essência da aprendizagem dialogada? Não pode essa capacidade ser utilizada quando se trata de leitura, escrita ou filosofia da natureza? Pode alguma vez quem pretende instruir o dogma ter uma abordagem de aprendizagem dialogada? Não tentará o mestre com o objetivo de instruir sempre refutar o discípulo quando o que ele diz não corresponder ao que o mestre obriga a assumir ser a verdade? Tinham alguns filósofos da antiguidade, Zena Yacob e o nosso querido amigo Claudius compreendido intuitivamente que o diálogo é a base de qualquer processo de aprendizagem e que ainda que a instrução possa servir a destreza do artesão, ela é a base para levar a servidão? O esquema que segue facilita perceber o nosso raciocínio?

Esquema de formas de aprender		
Tendência para diálogo	Combinação	Tendência para instrução
Forma de pensar que encontramos com		
Alguns antigos filósofos	Comenius	Ratke
Claudius Cardinalis	Man Andrade Figueredo	Gelliers
Zena Yacob	Locke	La Salle
		Demia

Esquema de formas de aprender		
Na aquisição da leitura, escrita e destreza artesã		
Descodificar **depois** da codificação		Descodificar **antes** da codificação

Aguardamos neste momento a autorização para imprimir o nosso trabalho. Far-se-á em Frankfurt pelos nossos primos. O teu avô ficou muito entusiasmado com o que leu e foi ele que enviou o manuscrito de Köln para Frankfurt. Não sabemos ainda se vamos utilizar um pseudónimo ou não. Podemos prever perguntas e talvez observações do lado da Igreja.

Por fim quero contar que a tua mãe e eu ainda estamos a conceber um outro esquema e que nele somos apoiados pela tua irmã e pela Begga de Bruges. Seria talvez assim[1]*:*

Diferentes pessoas										
Arrogância aumenta (ignorância irrelevante)										
Escravo						Déspota iluminado				Escravista
Ignorância aumenta (arrogância irrelevante)										
Diplomata										Servo
Ignorância aumenta e arrogância diminui										
Líder arrogante Senhor de guerra					Líder tolerante					Estúpido manso Carne para canhão
Ignorância e arrogância aumentam										
Humanista universal	Humanista convicto	Humanista paternalista		Humanista tolerante	Molusco	Europeu tolerante	Europeu paternalista	Europeu intolerante		Destruidor

Já há algum tempo que colocamos a hipótese que o grau de

[1] John tem 52 anos quando Marianne e ele publicam este esquema. Sem perceber originam assim a ligação entre as diferentes gerações da dinastia Magister-Auctor que irá continuar a estudar a relação entre ignorância e arrogância e a influência sobre as interações entre seres humanos.

arrogância em combinação com o grau de ignorância define muitas das relações entre os seres humanos. Poder-se-ia até desenhar uma imagem do caráter de diferentes pessoas em função da sua própria arrogância e ignorância. Sobre esta reflexão vamos publicar em Amsterdão. O esquema por si é talvez relativamente inocente, mas damos exemplos nos textos que o acompanham, com os quais tanto líderes seculares como religiosos presumivelmente se irão ofender. E quando isto acontece, já sabemos como atua a arrogância. Mantendo o anonimato queremos sobretudo proteger Maria e Begga".
A carta termina com um pedido de, quando tiver a oportunidade, enviar comentários ao seu conteúdo. John termina com um abraço '*perfumado pelo vento do mar do norte*'.

Dieudonné apresenta o esquema dos seus pais acerca da educação e do ensino a alguns dos seus colegas preceptores, mas também a mestres de aula de colégios. Os debates acaloradas não se fazem esperar. É exatamente isso que Marianne e John pretendem. O que muitos consideram suspeito é a atenção dada à plebe e mesmo aos escravos, como se fosse possível colocá-los intelectualmente em pé de igualdade com a aristocracia e a burguesia abastada. Seria uma negação perigosa de uma evidência: *Deus quis os diferentes estados*, é o argumento mais vezes repetido. Quando Dieudonné diz que este é o típico argumento em defesa da instrução para servidão e escravidão, até dos próprios preceptores, a discussão fica mais acesa. Ele fala com a Mathilde acerca das *Lettres* de Madame de Lambert. Ele gostava da a escrever para alertar que, quando se trata da

educação das crianças, rapazes ***E*** raparigas, não só as governantes provenientes da plebe são um perigo, mas também os preceptores provenientes da pequena ou abastada burguesia. Mathilde contrapõe que melhor do que escrever para a Madame de Lambert é de manter o debate nos encontros de salão nos quais participam. Dieudonné fá-lo invariavelmente, habilmente assistido por Mathilde, o que não agrada à família dela. O pai de Mathilde espera ser enobrecido por serviços prestados e os serviços que lhe prestam a filha e aquele agitador flamengo com quem ela passa cada vez mais tempo vão claramente no sentido errado.
Durante uma conversa que termina com exemplos em como pessoas arrogantes se aproveitam da ignorância de outros, Dieudonné aprende o resto da história de Abraham Peyrenc de Moras.

Querida mãe e querido pai,

Felicito-vos de todo o meu coração com a publicação da vossa Opus Omnia. As discussões que vou tendo acerca de educação e ensino, tanto nos meios académicos como entre preceptores, mostram-me claramente que vocês colocam de modo certinho o dedo nalgumas feridas. O que mais me impressiona é que em todos os meios onde me movimento, só muito raramente oiço uma palavra sensata acerca das crianças do povo. Aqui, as Pequenas Escolas dos Irmãos Cristãos são correntemente considerados uma benção para a plebe e as pessoas não gostam ouvir dizer que, na verdade, se trata de uma forma de sujeição. Pensando bem, Charles Démia falava mais claro do que Lasalle, quando afirmava que a tarefa principal para a pequena escola

dos pobres era de retirar os jovens vagabundos da rua e fazer deles servos úteis.

Mas hoje quero vos entreter com outra história. Se não me falha a memória, falei-vos na minha primeira carta de Paris do nome de Peyrenc, que se enriqueceu com o esquema de Law. Em jovem, Abraham Peyrenc deixou as Cévennes para se tornar valete-barbeiro do antigo soldado François-Marie Fargès. Este enriqueceu como fornecedor de munições e do nada se elevou a rentista abastado. O huguenote Peyrenc rapidamente se deixou enfeitiçar por este exemplo. Como escrevi na altura, ele casou a filha de Fargés e assim foi introduzido nos negócios do antigo patrão, agora sogro, que consistiam sobretudo em fornecimentos aos exércitos do Rei. Sogro e genro enriqueceram ainda mais com a especulação em torno das cartas de crédito associadas aos negócio. Depois da morte do Rei Luís XIV, Abraham achou mais prudente de se afastar e estabeleceu-se durante alguns meses na Grã-Bretanha. Mas ele voltou depressa e com o sogro subscreveu títulos emitidos pelo banco estatal que Law governava. Quando seguiu o fiasco, os dois asseguram-se imediatamente do visto para os seus títulos. Em 1719 Peyrenc já enriquecera tanto que deixou as atividades da banca e o incerto jogo da especulação, virando-se para bens mais seguros. Comprou uma posição de secretario do Rei e foi enobrecido. Na década seguinte adquiriu casas e terrenos num valor total de perto de três milhões de libras. No ano de 1719 pagou perto de 120.000 libras pelo domínio senhorial de Moras da Marquesa de Brancas. Com a aquisição deste marquesado foi-lhe possível usar o nome Peyrenc de Moras. Nos anos seguintes continuou a comprar domínios

senhoriais da pequena fidalguia empobrecida e colecionou marquesados. Em 1727 era dono de vários castelos. A família vivia na altura num Hôtel que Peyrenc de Moras mandou construir na Place Louis le Grand. Não contente com esta casa, quis ainda mais exibir a sua riqueza. Comprou um terreno enorme de quase meia milha quadrada na Rua de Varenne, ao lado dos Invalides. Deixou ao cuidado do conhecido arquitecto Jean Aubert a construção do seu Hôtel de Moras. A família já mora naquela mansão, mesmo não estando completamente concluído o edifício com aspecto de castelo.
Toda a fortuna de Peyrenc de Moras é baseada nas cartas de crédito para pagamento dos grandes fornecedores de guerra. Neste negócio Peyrenc e o sogro Fargès sempre utilizaram arrogantemente o seu próprio conhecimento para vigarizar pequenos e médios proprietários ignorantes nesta especulação. Mesmo antes do desmoronamento de todo o esquema especulativo, Peyrenc converteu a sua riqueza fictícia em terrenos físicos, sobretudo com a compra de dívida. Ouvi dizer que este homem que em jovem era um rígido huguenote no primeiro contacto com a riqueza se rende imediatamente a ela. Os seus pares de religião dizem que ele se perdeu neste ambiente venenoso de lucro e acumulação de riqueza e rapidamente sucumbiu ao bezerro de ouro. Um arrogante valete de um arrogante senhor de guerra sujeita os ignorantes fidalgos empobrecidos deixando-os ainda mais descalços. Não é um bonito exemplo do vosso esquema de arrogância e ignorância?

Prometo-vos de vos falar mais das minhas discussões acerca de ensino e escola na próxima carta.

O vosso filho que vos ama.

Paris, folie-misère

Depois da sua chegada a Paris, Dieudonné deixou se envolver numa continuada discussão acerca de cosmopolitismo, tolerância, empatia e… a *mentira convencional*. Parece impossível: no Régence e no Procope, desde muito mantém-se viva este último aspecto da discussão a partir da pergunta se a fé representa um perigo para o ser humano. A conversa é sobretudo alimentada pelos céticos que vêem na religião um obstáculo para um humanismo mais avançado. Figuras menos radicais argumentam que os humanistas mais conhecidos integram o mundo cristão, mesmo havendo no cristianismo correntes duvidosas. Mas porque é que a discussão animada mantém-se tão acesa? Até tem uma certa graça que o debate parece mais focar sobre um aspecto literário do que religioso ou político.

Tanto em Leiden como em Leuven, Dieudonné nunca deu muita importância àquilo que ele identifica como a rivalidade entre teólogos e pastores. Dos pais aprendeu que a cobiça e a inveja levam rapidamente à calúnia relativo a oponentes e mesmo a partidários. A discussão em curso reporta a Jacques Saurin que faleceu em Den Haag no mesmo ano em que Dieudonné chegara a Paris. Todos tentaram envolvê-lo, por ter vivido na *Belgium Fœderatum*. Dieudonné soubera um pouco da história. Jacques Saurin foi durante muito tempo um pastor muito solicitado. Tanto a Corte como a plebe idolatraram-no.

Nos últimos quinze anos da sua vida ele fora tão popular que provocou a inveja de muitos dos colegas pastores. Os seus opositores mais conhecidos foram sem dúvida Armand de la Chapelle, pastor em Londres e Den Haag e Theodoor Huet, pastor em Amsterdão. Além de pastor, Armand de la Chapelle é escritor de crónicas, editor de Bibliothèque Angloise e autor em *Bibliothèque Raisonnée des Ouvrages des Savans de l'Europe*.
A briga estoirou em torno de um assunto delicado: usualmente o mandamento '*Não levantaras falso testemunho*' é interpretado como '*não mentirás*'. Sempre houve dúvidas em relação ao conceito mentir como tal não referido nas directrizes que Deus deixou ao Moisés. Aparece isso sim em diferentes interpretações das Escrituras Sagradas das religiões abraâmicas. Ainda mais difícil é o tratamento do conceito de *mentira convencional*. Ela é permitida? Para responder são feitas subtis argumentações , na casuística por exemplo, abrindo muitas possibilidades, quando se quer averiguar haver pecados escondidos. Levanta-se ainda outra pergunta: pode uma mentira convencional ou social ser utilizada no mundo secular, para ocultar uma verdade dolorosa por exemplo, mas não em questões de ética? Teólogos católicos e luteranos têm pontos de vista diferentes acerca dessa pergunta. Os calvinistas parecem adotar a posição que uma mentira, também uma convencional, sempre é pecado. Conta-se que Saurin, quando falava da unção de David por Samuel, colocou a questão de como o Senhor tratou a ocultação da verdade, já que o seu servidor foi encarregado de omitir a verdadeira razão da sua vinda e

de dizer que só vinha para a oferenda. Saurin teria afirmado ter estudado ele próprio o assunto. Terá dito não ser possível abominar incondicionalmente a mentira convencional, já que é mostrado conscientemente que neste caso o Supremo autorizou mascarar a verdade, sem de forma alguma ter comprometido a sua adorável completude.
Não obstante muita gente ter dúvidas acerca da autenticidade do episódio, foi o rumor que os opositores de Saurin precisavam. Theodoor Huet, e mais ainda Armand de la Chapelle, esforçaram-se ao máximo para ultrajar Saurin e deixar bem claro que era um blasfemador ao tratar com tanta leveza o fenómeno da mentira convencional.
Muitos dos amigos e admiradores calvinistas de Saurin consideraram que este talvez não tinha explicado de forma muito clara, e que era melhor em escrutinar Deus do que os seus conterrâneos. Não se enganava necessariamente ao avaliar as pessoas, mas tinha uma consideração tal para todo o mundo, que não queria ofender ninguém. Era um homem retraído. Poder-se-ia até dizer que tinha um limitado conhecimento do mundo humano e por isso gostava manter distância. Mas isso vinha mesmo a calhar para quem o queria difamar, utilizando este distanciamento para o pintar como orgulhoso e inacessível.
Nos seus sermões, Saurin tomava claramente posição contra a superstição e a filosofia ateia. Depois demonstrava que unicamente procurava colocar a mentira convencional num quadro mais lato, estando ele com preocupações de tolerância e empatia humana. Pela mesma ordem de razões não questionava

a predestinação, mas argumentava que a predestinação não significa que somos salvos sem mais. Considerava portanto que problemas éticas complexas, como a mentira convencional, deviam ser abordados de diferentes ângulos de visão.
Os ataques a Saurin continuavam e a polémica tornou-se ainda maior. As sucessivas deliberações do Conselho de Igrejas continuaram a ser pouco claras. Por fim houve uma intervenção estatal pela Republica das Sete Províncias. Esta por sua vez fez rapidamente declarar o Sínodo que a questão foi resolvido e encerrada após investigação. De certa forma, o caluniado Jacques Saurin foi reabilitado mas o ocorrido não deixou de lançar uma sombra sobre os últimos anos da sua vida.

Durante os debates barulhentos nas casas de café de Paris hoje discuto-se hoje o destino de François Bruys que numa determinada altura tomou a defesa de Saurin no segundo Den Haag proibido periódico *Critique Désintéressée des Journaux Littéraires et des Ouvrages des Savans* por ele editado. Buys foi condenado pelos seus escritos. A conversa nas casas de café entre escritores, artistas e filósofos não focava a mentira convencional mas o direito à opinião do *chroniqueur* e a liberdade de expressão.
Conta-se que François Bruys só se manifestou contra Armand de la Chapelle, defendendo o ponto de vista de Saurin relativo à mentira convencional. Ao fazê-lo censurou as práticas de intriga de quatro pastores de Den Haag e dos Sínodos de Kampen e Den Haag. Os consistórios Valão e Flamengo iniciaram logo um processo contra François Bruys. Este solicitou e obteve o perdão dos quatro pastores. Também pediu

a renúncia do processo. Mas alguns meses antes da sua morte Saurin negou ter sequer algo a ver com o conteúdo dos artigos em *Critique Désintéressée*. Logo fez-se o processo e os co-editores de Bruys foram condenados a multas, enquanto o próprio foi obrigado a se distanciar daquilo que escreveu e forçado para o exílio.

E hoje, decorrido dois anos, François Bruys continua a ser o herói das casas de café e das livrarias e a ser falado nas igrejas de Den Haag, mas também em outros sítios. Afinal, diz-se, ele demonstrou como o clero representa um perigo para seja quem for a defender a sua própria opinião. Representa a violência da fé. Quem contém o clero na República e em outros lugares? Bruys mostrou como alguém como La Chapelle é mesmo muito perigoso. Evidenciou que a tolerância só existe dentro dos limites dos artigos fundamentais da fé. E isso, alegou Bruys, é exatamente o início de qualquer perseguição religiosa. Mais, dizem os interlocutores de Dieudonné, isto é a perseguição da libre expressão em geral. Concordam com Bruys quando alegou existir mais liberdade de expressão no Reino Otomano do na República. Não foram os próprios dogmáticos a lançar o rumor que onde mandam os Turcos, toda e qualquer ideia herética se manifestam sem travões?

Discuta-se a separação dos poderes eclesiástico e secular. Será que François Bruys percebeu mal Armand de La Chapelle? Será que La Chapelle considera a tolerância no mundo secular, mas não na religião? E consegue-se separar as duas esferas? Não tem ética a ver com empatia e portanto com tolerância? Graças à correspondência que Dieudonné, Mathilde e amigos

mantêm com outros, sabem que em Leiden e Amsterdão, em Berlim e Leuven, em Bologna e Genève, ou seja, em muitos lugares, se fala da linha que separa o poder eclesiástico do poder secular, entre profissão da fé e liberdade de expressão. Claro que todas as discussões revestem-se de elementos locais. Não é fácil separar o local do geral.
Mathilde e Dieudonné entretanto sonham de uma espécie de cosmopolitismo e humanismo que atravessa fronteiras de Estados e religião, não só entre burgueses e aristocratas informados, mas também na formação geral de servos e escravos ignorantes e portanto de maior alcance do que a quase bicentenária *Res publica litteraria*. Falam dessas ideias nas conversas de salão sempre que tem a oportunidade para o fazer e utilizam hoje os esquemas que John enviou para Dieudonné. Frequentemente são recebidos com olhares de incompreensão, sobretudo quando falam de acesso geral ao conhecimento. Aqueles amigos iluminados que tanto gostam intrigar contra os aspectos absolutistas da Corte e os privilégios da velha nobreza, parecem não querem abdicar dos seus próprio pequenos privilégios de grupo restrito de escritores, filósofos e cientistas que, com razoável facilidade, conseguem boas pensões ou outras verbas da aristocracia e burguesia abastada. Quer-se a generalização de privilégios, '*ma non troppo*' diriam os italianos…

Queridos pais,

Como deve ter sido triste para vocês o avô Pieter ter morrido sem que conseguirem voltar a visitá-lo. A nossa família nunca se fixou muito num só lugar. Tornamos habitual vivermos longe uns

dos outros. Eu próprio só conheci os avós através de cartas e histórias. Fico feliz para vocês que ainda puderem ouvir as observações valiosos da parte dele mesmo antes de levarem o vosso Opus Omnia para o tipógrafo.
Depois de estudar o vosso trabalho, recorri a algumas bibliotecas privadas às quais tenho acesso. Claro que estou sobretudo interessado no trabalho dos humanistas de quem muitas vezes falavam avô Pieter, avó Henriette e Claudius, o amigo deles. Procurei também informações acerca do movimento jansenista em Port-Royal. Muitas vezes sinto reações de incompreensão quando falo desses assuntos. De vez em quando trata-se de um olhar inquieto mas há também conselhos para eu não aprofundar este tipo de assuntos.
Tenho que vos confessar algo: nos últimos meses tenho passado cada vez mais do meu tempo livre e de estudo com Mathilde Larouge-au-Château de quem, penso eu, já vos falei uma vez. Ela tem um espírito muito livre. Visitamos juntos salões literários, cada vez que a ocasião para o fazer se apresenta. Mesmo que ela diga que goste mais de ser Mathilde Larouge-sans-Château, o nome da família dela é uma carta de introdução para alguns curiosos salões mantidos por damas da alta aristocracia. Durante estas conversas de salão tentamos ganhar mais saber e conhecimento, sempre que possível. Falamos de muitos assuntos. Ficamos impressionados do grande conhecimento musical e da literatura além-fronteiras dos nossos interlocutores ocasionais. Ao mesmo tempo eles sabem muito pouco da vida do comum mortal dentro das fronteiras do seu ou de outro país. Os militares conhecem Oostende por causa de feitos de armas. Alguns secretários já ouviram falar da Companhia

das Índias de Oostende mas pensam que já não existe. De ensino e educação fala-se pouco, a não ser no salão de Madame de Lambert. Não é um assunto popular. O ato de ensinar é entendido como uma atividade artesã. Os filósofos e cientistas da natureza não consideram interessante de praticá-lo e os convidados que integram o estado da nobreza só sabem que existe porque lidaram com preceptores em criança e conhecem eventualmente a vida da universidade. Ainda hoje, as crianças são consideradas desinteressantes seres-em-devir entretidas por mestres menos talentosos ou filósofos fracassados. Para o que toca à educação de crianças, Paris compara-se a Roma Clássica. Notamos que nas esferas nas quais nos encontramos usualmente, só um pequeno grupo de clérigos, que contacta com missionários e com a vida no mosteiro, fala com alguma sensatez acerca das condições de vida nos novos territórios, no império Índio ou na China. De Barbaria ou Berberia, Nigritia, Nubia, Abissínia, Mutapa, ou seja do continente africano ninguém sabe muito. Penso que a informação que vocês recebem dos capitães e da tripulação dos navios que atracam em Oostende é mais rigorosa do que aquilo que nós ouvimos aqui. Não é difícil perceber Paris como sendo átrio de arrogância europeia, sobretudo francesa. No vosso esquema poderei colocar muito dos nossos interlocutores entre os ignorantes arrogantes; uma espécie de pequenos, presunçosos, intolerantes ou paternalistas déspotas europeias. Claro que encontramos os verdadeiros déspotas entre os menos ignorantes arrogantes e não só na velha nobreza. Vejam aquela figura de Peyrenc de Moras, de quem ja falei tanto.

O vosso devotado Dieudonné

Por insistência de Mathilde, Dieudonné Lesmeister decide latinizar o nome para Dieudonné Lemaître. De certa forma já é conhecido assim. Muitos dos seus interlocutores não conseguem pronunciar corretamente o apelido flamengo, mas ela também o vê como um jogo de palavras que evoca a mestria que lhe é reconhecido enquanto preceptor.
Hoje Dieudonné e Mathilde alugaram um coche para ir até a *Rue de Varenne*. Quiseram ver o Hôtel-palácio do recém falecido de Peyrenc de Moras. No caminho de regresso para a *Place Royal*, visitam Edmond Jean François Barbier que os convidou para um jantar cedo. Enquanto atravessem o bairro universitário em direção à *Place Maubert*, Dieudonné observa que tem neste momento uma imagem bem diferente de Paris do que quando chegou. Cada vez mais vê as falhas nesta cidade de meio milhão de habitantes, na qual uma mão cheia de aristocratas exibem os seus palácios e um numero ligeiramente maior de abastados nobres e burgueses ocupam os grandes *Hotéis*. Mas Paris é sobretudo sujo, imundo, insalubre.
Dieudonné concordará mais tarde com o que aquele outro preceptor Jean-Jacques Rousseau escreverá depois chegar a Paris: "*Estava à espera de uma cidade tão grandiosa como bonita, uma de aparência imponente, onde só se vêem ruas brilhantes e palácios de mármore e ouro. Ao instar, vi, quando entrei pelo Faubourg Saint-Marceau, ruas estreitas, sujas e malcheirosas e casas ordinárias, pretas, com uma aparência malsã; vi mendigos e pobreza; vi condutores de carroças, reparadoras de roupas velhas e vendedores de chá e chapéus velhos*."
Mas isto será mais tarde. Jean-Jacques, agora com 19 anos,

mal saiu de Genève. Depois de uma estadia em Turim, vive com a sua protetora e amante, a Madame de Warens, de 33 anos, que se ocupa da sua formação.

Mathilde e Dieudonné conheceram Edmond Barbier por acaso, durante uma tarde de chá e café num dos salões que regularmente visitam e onde aparecem muitos advogados. Ficaram logo cheios de curiosidade quando ouviram que ele mantém uma espécie de crónica dos acontecimentos de Paris num diário pessoal. Ele simpatizou com os jovens e por isso contou-lhes algumas histórias por ele registado. Quando de seguida falam de moral e ética, Barbier aborda a época do pouco escrupuloso Law e como algumas entre as pessoas hoje mais conhecidas de Paris obtiveram a sua fortuna muito devido a este homem. Dieudonné confidencia que Mathilde e ele próprio se fazem perguntas em relação à ética, não só nas esferas onde circulam mas também logo que poder do Rei ou da igreja oficial se deixa sentir. Concordam que a livre expressão só existe em surdina. Pensam que quando existe, é sobretudo consequência indirecta da atitude da alta nobreza que minimiza qualquer crítica proveniente de outros estados ou outras classes, por achar divertido e não por uma questão de tolerância. Falam da comédia crítica que continua a ser inútil se, através de uma súbtil censura ou barreiras culturais e financeiras, só chega às pessoas de alto nível. Estes riem então de si próprios (ou não, quando têm pouca instrução; neste caso só se riem daquilo que vêem) mas não entendem a vida de quem não pertence ao seu círculo.
Dieudonné divaga um momento acerca da leitura que fez de

Jacob e de Spinoza, de quem tinha textos na biblioteca do pai. Mas Barbier fica verdadeiramente interessado quando Dieudonné fala de François de la Motte le Vayer e do encontro do seu bisavô com esta figura importante do Paris do século passado. Dieudonné conta o que o pai lhe contou[1]. Quando falam de autodeterminação e educação, Mathilde observa com alguma troça que os vilões determinam o que lhes serve mesmo não tendo educação. Barbier sorri e refere que gostava muito voltar a encontrá-los. Ele sugere um jantar em casa dele mas que antes deveriam ver o Hotel de Peyrenc de Moras, ao lado do Hôtel des Invalides. Foi a razão pela qual aquela tarde foram espreitar o enorme jardim do Hôtel antes de seguir para a casa de Edmond Barbier na *Rue Galande*.
Depois de se cumprimentar e de se sentar, Edmond pergunta o que acharam do Hôtel de Peyrenc. Dieudonné repete o que disse no caminho em relação ao contraste enorme entre aquela exibição de riqueza e a vida pobre e insalubre da maioria dos habitantes da cidade. "Sem sermos muito ricos, nós não nos podemos queixar," constata David.
"Peyrenc é um vilão proveniente do círculo dos servos," diz Edmond, pegando num dos seus diário e lê em voz alta: " '*No dia 20 deste mês temos enterrado aqui um Peyrenc de Moras, de 46 anos, mestre de solicitações e chefe do Conselho da Duquesa-Viúva. Este senhor, filho de barbeiro da pequena cidade de Saintonge (sic), depois de ele próprio também ter barbeado muitos, tratou-se muito bem por própria iniciativa. Afinal ele veio para Paris, refúgio de todo tipo de pessoas. Ocupava-se a*

[1] O que Wolfgang contou a Pieter e John lê-se em *Uma ideia perigosa, Frankfurt*

fazer trafulhices nas praças públicas mesmo antes do famoso ano de 1720 do sistema de Law. Mais vezes com mau resultado do que bom, mas com poucos riscos, ele atirou-se no sistema com toda a força. Teve sorte de rapidamente o entender muito bem. Tinha o espírito certo para saber por que trilhos caminhar neste país. E agora morreu, com uma posse de doze a quinze milhões de libras em senhorias, móveis, jóia e ações na Companhia das Índias. Mandou construir a casa mais bonita de Paris no Faubourg Saint-Germain. Só isso já mostra como nos governamos. Aqui se vê um homem que em dois anos do nada se tornou mais rico do que os príncipes. A fortuna providenciada por este infeliz sistema baseia-se no que duzentas indivíduos, depois de trinta anos de trabalho em diversas funções, perderam de posses adquiridas ou de família! Deixou-se aquele homem em paz porque ele decidiu distribuir um milhão entre os senhores e as p…. da Corte para depois ser colocado num honrado gabinete da magistratura. Ele deixa uma viúva e três filhos. A viúva é a filha de Fargès, um fornecedor do exército, antes soldado, que usufrui de uma pensão de 500.000 libras. O segredo dele é que não pagou um dos seus credores. Há já mais do que um senhor da Corte que considera casar com a viúva'."

Dieudonné e Mathilde apreciam bem o humor seco de Edmond Barbier. Contam que o acaso fez que no dia do funeral de Peyrenc assinaram no notário a compra de uma casa em Lille contra a vontade dos pais de Mathilde. Por isso não se aperceberam do episódio.

Edmond pergunta pelas origens de Dieudonné. Quando este diz que nasceu em Gent mas que os pais atualmente vivem em

Oostende, Barbier alonga-se um pouco sobre o que ele chama o negócio Oostendês. Pergunta se Dieudonné sabe que, na origem da Companhia das Índias de Oostende, está a venda de um frete trazido para Oostende por um capitão de Saint Malo. Ele tem acompanhado as peripécias da Companhia e, tal como a família de Dieudonné, está convencido que a atual proibição tem menos a ver com a futura sucessão do Imperador e mais com os interesses económicos das companhias de outras zonas.

De seguida falam com Barbier das Pequenas Escolas. Dieudonné conta que o bisavô chegou a visitar Port-Royal antes de Luís XIV acabar com o sítio. "Lembro-me o meu pai me contar como Claudius Cardinalis e bisavô Wolfgang discutiram as *Lettres Provinciales* de Blaise Pascal," continua. "Estavam a tentar de compreender os seus contemporâneos que seguiam Augustinus. Foi uma de muitas discussões entre Frankfurt, Köln e Amsterdão. Claudius via Pelágio da Bretanha como um incipiente defensor das crianças, porque não as carregava com o fardo do pecado original. Ele pertencia ao grupo de pensadores que interpretava a observação de Pelágio acerca dos olhos '*Podes com eles olhar, mas cada um pode usar o que vê para o bem ou para o mal*' como base para a aprendizagem em diálogo, para conduzir eticamente o livre árbitro. Da leitura de Pascal, Claudius deduzia que, o que o filósofo e físico queria, era de assumir a defesa dos seguidores de Jansenius e a sua interpretação de Augustinus. De acordo com Claudius, os textos testemunham de uma oposição ao uso da casuística e contra a tendência de poder absoluto tanto do

Papa em Roma como do Rei na França. Para Claudius não era tanto objectivo do filósofo de refletir acerca da discussão primitiva-cristã entre Pelágio e Agostinho, uma vez que para Agostinho o livre árbitro também existe. Segundo o teólogo de Hipona a questão é que a vontade de evitar o mal não decorre do medo do diabo, mas do desejo de agir em harmonia com o Espírito Santo. Então, dizia o filósofo, fazer o bem pelos motivos errados é uma forma de traição. E aqui parece andar mouro na costa, para quem ainda hoje vende indulgencias, para quem quer fazer o bem por ter medo do diabo ou para evitar o risco de excomunhão, e sobretudo para quem, a partir da sua posição de poder na terra, define o que é o bom e o que é o mal."

Mathilde entra na conversa: "A nossa ideia é que hoje antes observamos uma tomada de posição política e não teológica. Parece-nos, que, devido à influencia de jansenistas leigos mas não só, existe toda uma corrente que tem a absoluta convicção que o poder secular não pode ser sujeito ao poder eclesiástico. Dizem-nos que os jansenistas rejeitam o ultramontanismo. Opor-se-iam a uma demasiada dependência da Igreja Católica da França em relação ao Papa. O que leva a pensar que quem se opõe a sua própria hierarquia, talvez rejeita qualquer hierarquia. E isso é perigoso pela ordem estabelecida, razão pela qual se quer controlar correntes assim, incluíndo nos parlamentos, como em Paris vemos acontecer frequentemente. Abade Pucelle teria muitas histórias para contar, se não se tivesse retirado para Corbigny…"

Dieudonné continua: "Como muitos outros também pensamos

que se trata de católicos convictos que tudo fazem para defender os valores iniciais da fé e da igreja. Em oposição aos Jesuítas, provenientes das famílias aristocráticas, os seguidores desta corrente não estão tanto interessados no poder pessoal, mas defendem o dogma cristão em absoluto. A simpatia que experienciam de liberais e humanistas tem a ver com a sua oposição contra o absolutismo, o que pode ser visto como a sujeição do Homem pelo Homem. É isso que os faz tão popular entre a população não letrada, mesmo quando essa não entende bem do que se trata."

Barbier aprecia o raciocínio não completamente descabido dos seus jovens convidados. Depois fita Dieudonné e repara: "Oostende não fica longe de Ypres, onde Jansenius faleceu, faz agora quase um século. Também estudaste as *artes liberales* numa das Pedagogias da Universidade de Leuven?"

Dieudonné responde: "Fiz os meus estudos iniciais em Leiden e só estive duas vezes em Leuven, durante curtos períodos e para estudos adicionais. Durante a minha primeira estadia em Leuven tive a oportunidade de seguir o último colégio de Espenius, antes do jurisperito ter sido forçado de deixar Leuven e se refugiar em Amersfoort."

"Foste então também ensinado por quem estava favorável às ideias de Jansenius e da Razão," repara Barbier.

"É verdade," responde Dieudonné. "E o meu raciocínio é que Jansenius retomou a ideia Agostina como resposta à escolástica, mas sempre de acordo com o Concílio de Trente. Leuven opõe-se categoricamente aos Luteranos e Calvinistas. Ao meu ver, Jansenius não só queria contrariar o avanço da

Reforma, mas também queria questionar a atitude dos Jesuítas relativo à interpretação de Thomas de Aquino. Contudo mais tarde a disputa teológica agravou-se, passou a ser um confronto entre a posição tomista e a posição agostiniana, no que se refere ao indulto por exemplo. Esta disputa tem quase um século, mas, no início, os católicos franceses não estavam sequer envolvidos. Se bem me lembro, a Sociedade de Jésus foi durante algum tempo banida por aqui. Foi o que originou a fundação do *Congregatio Oratorii Iesu et Mariae* pelo Cardeal De Bérulle. A *Sociedade do Oratório de Jesus* é considerado um rival da *Sociedade de Jésus*, não só em Leuven, mas pelo que percebi agora, também aqui na França, quando a esta última é autorizado o seu regresso. Aqui, entre vocês, o abade de Saint-Cyran, Jean-Ambroise Hauranne toma partido para os Oratorianos, difamando os adeptos da doutrina do Jesuíta espanhol Molina. Richelieu era primeiro um aliado de De Bérulle mas foi cada vez mais apoiado pelos Jesuítas no que deixou de ser uma disputa teológica. A busca pela supremacia da Corte Francesa leva os seguidores de Saint-Cyran a dar corpo a Port-Royal. A rivalidade entre as duas sociedades está muito presente nas *Lettres Provinciales* de Blaise Pascal que assim deita lenha da fogueira. O estilo irónico com o qual pinta os Jesuítas de casuístas e molinistas não é sempre apreciado, nem sequer entre os jansenistas. Alguns pensam que as disputas teológicas e seculares são ultrapassadas pela vontade de dar uma imagem negativa daquilo que seria a vida devassa dos Jesuítas. Aliás, pelo que percebi, as *Lettres Provinciales* não foram postas no *Index* por razões teológicas,

mas porque, escritas em francês, fazem para o grande público uma descrição satírica de um assunto que só diria respeito à igreja e os seus estudiosos. Quando, ainda por cima, a Igreja reconheceu um milagre que ocorreu em Port-Royal e que envolve a cura da irmã de Blaise Pascal, toda a história deixou de ser religioso e tornou-se muito secular. Tratava-se de poder. Até os membros do movimento La Fronde faziam uso de Port-Royal. Mas voltando à educação. O meu pai e eu pensamos que a Petite École de que Claudius e Wolfgang frequentemente falavam é um subproduto de Port-Royal e não a sua essência. A Corte de Luís XIV quis lhe pôr termo, segundo nós, devido a La Fronde. A oposição, que pelos círculos da Corte é designada de jansenista, é na realidade um movimento de burguesia abastada e nobreza de robe, sobretudo ativo em Paris."

"Penso que posso concordar em grandes linhas contigo, amigo. Também hoje, em Paris, há escolas a serem atacadas. Espera, escrevi algo sobre isso, penso que em outubro de 1730. Onde está? Ah! Aqui: '*Houve uma incursão no Colegio Saint-Barbe, de onde se sabe que saem os melhores estudantes de Paris, e homens muito sábios, mas, assim é contado, não com a moral que corresponde ao espírito do tempo, porque os clérigos que acompanham a juventude são conhecidos importantes jansenistas. O clero foi substituído, muito para o desgosto dos jovens, que até teriam atirado pedras em direção a um Jesuíta que espreitava por uma das janelas do Colégio. Tentou-se acalmar os ânimos dando franguitos ao jantar, algo que, segundo o cozinheiro que aí já trabalha mais de 30 anos, nunca aconteceu antes. O clero foi demitido e recebeu ordem de se afastar de Paris. Nos dias*

seguintes muitos dos pais retiraram os filhos da escola. O acontecimento enfureceu bastante o bairro universitário jansenista'. Constato que todo este movimento que se identifica como Jansenista hoje é mais considerado um movimento de parlamentários de Paris e de parte dos meus confrades apoiados pelo bastonário. Eles provocam regularmente interrupções de trabalho. Este movimento tem a ver com o poder absoluto do Rei e quem lhe está próximo e que muitos gostavam de ver restringido."

Dieudonné e Mathilde querem continuar a falar das *Petites Écoles* de Paris. Edmond Barbier dispõe de alguma informação de retaguarda em relação às diretivas de Charles Tabourin para o que se considera o grupo de *Petites Écoles* legado de Port-Royal. Dieudonné e Mathilde percebem imediatamente que aí a disciplina não difere muito daquilo que La Salle propõem para as escolas para pobres dos *Frères des Écoles Chrétiennes*. Os mestres têm que ensinar o mesmo no mesmo momento. Por isso acertam todos os dias o seu relógio com o relógio da sala de estudos da casa comunitária onde residem. Se por uma razão qualquer não conseguem terminar um exercício no tempo previsto, passam ao exercício seguinte, para ficar na cadência certa. Dieudonné e Mathilde tomam conhecimento da rotina exigida por Tabourin. As escolas abrem às sete e meia para as crianças tomarem o pequeno almoço. Às oito são as rezas matinais. Depois começa-se a primeira aula de leitura, até às nove. Segue-se uma pequena reza e depois há a aula de escrita, até às dez. A catequese segue até às dez e meia e as crianças podem sair. Depois de almoçar

durante meia hora à uma da tarde, começa novamente a escola. A aula decorre das duas às três, a aula de escrita das três às quatro, depois de um curto momento de reza. Segue mais meia hora de catequese. Em cada aula a leitura deve fazer-se devagar e clara e ensina-se como é habito: primeiro aprende-se o nome das letras, depois lêem-se sílabas, depois palavras. A aprendizagem da leitura é importante para ler os livros edificantes daí o peso dado à educação religiosa. Para aprender a escrever, os alunos devem dominar a mão, obviamente, e isto leva tempo. As crianças estão sempre acompanhadas. Diz-se que as crianças aí inscritas tem sorte, porque estas *Petites Écoles* são um misto de mosteiro e o que os ingleses chamam de *workhouses*. Aí as crianças aprendem a gostar do trabalho. Depois da aula cuidam em conjunto do local de trabalho. Arrumam, varrem a sala, limpam os móveis. Tal como nas escolas dos *Frères des Écoles Chrétiennes* fala-se pouco. Ficar bem sentado no banco, pernas uma ao lado da outra e nunca cruzadas, faz parte das normas. Uma punição pode consistir de uma sova nas nádegas, com o chicote ou a com a palmatória. Mas, diferente de La Salle, aqui a tónica é posta nas reprimendas verbais ou na transcrição de uma parte adequada do velho ou novo testamento. As crianças não só recebem aulas de catequese mas também são acompanhadas durante as idas semanais à missa dominical. Em todas as ocasiões as crianças têm que se apresentar decentemente cuidadas. Exige-se dos pais que as roupas sejam bem abotoadas, as mãos lavadas, os cabelos penteados e as unhas cortadas. A escola dos pobres aponta para uma educação

rigorosa, sóbria, que contrasta com a educação mais rica em Saber, nos meios burgueses. Afinal, parece que Tabourin não quer que as suas escolas dos pobres chamam muito atenção. Ele prefere não pisar o terreno do Cantor de Notre-Dame e as escolas sob a sua autoridade, muito menos as *Écoles des Frères Chrétiens*. Assim todo o projeto de Port-Royal de combinar uma pedagogia cristã como o espírito cartesiano parece estar posto em causa.
Quando Dieudonné e Mathilde abordam a questão e apresentam ao Edmond Barbier o esquema dos pais de Dieudonné em relação à educação e escola, ele não se pronuncia. Ele escuta com atenção mas não comenta. No fim da noite despedem-se calorosamente com a promessa de continuar a escrever-se.

Depois de casarem é cada vez mais claro que o espírito livre de Mathilde faz com que o casal ganha inimigos e existe um perigo real de falsa acusação de serem jansenistas. Para isso contribui a visita que fizeram a Saint Médard porque queriam observar com os próprios olhos o espectáculo dos milagres das convulsões na lápide do túmulo de Sieur Pâris. Escolheram o momento errado para visitar o cemitério do Faubourg Saint Marceau, exatamente quando os bufos do Tenente General da Polícia de Paris René Hérault estavam particularmente ativos. No mesmo mês chega a notícia que foi encontrada na casa de Saffres-de-Montbard uma coleção do clandestino *Nouvelles Ecclésiastiques*. Este periódico é considerado o meio de propaganda dos jansenistas e todo Paris sabe que René Hérault fez do desmantelamento da rede de tipógrafos e distribuidores

do periódico uma questão pessoal. Além disso Dieudonné continua a referir-se às ideias de John e Marianne em cada conversa que aborda a educação. O modo como o jovem casal defende a Opus Omnia dos Lesmeister torna-o cada vez mais suspeito. Ambos são identificados como agitadores. Eles próprios acham tudo isso bem divertido e uma grande aventura, mas nas conversas de salão, os seus amigos lembram que se é certo que os agitadores de alta descendência só arriscam uma estadia bastante confortável na Bastille, para outros existe um destino menos interessante. No caso de uma detenção, Mathilde sempre poderá fazer valar o nome de família dela, mas Dieudonné, embora casado com ela, aguardará uma prisão mais severa ou um exílio forçado. E todos dizem-lhes que não vale a pena desafiar demasiadamente a sua sorte, sobretudo agora que esperam o primeiro bebé. Os empregadores de Dieudonné sugerem o casal de deixar Paris e se fixar em Lille. A capital da *Intendance de Flandre*, ainda frequentemente referida como a Flandres Valã, cresceu, atingindo uma população de 60.000 habitantes. Sieur Saffres-de-Montbard consegue mediar a aquisição de uma habitação mais do que confortável num dos novos bairros de Lille que nasceram da expansão que Vauban deu à cidade. Trata-se de uma casa de três andares na *Paroisse de la Magdelaine*, perto dos cais do Basse Deûle. Era à compra dessa casa que referiram na conversa com Edmond Barbier. Querem agora ocupá-la o mais depressa que possível. Mathilde decidiu que vai começar atividades de salão na província. Dieudonné foi recomendado como preceptor por Madame Saffres-de-Montbard junto duma família amiga. Também vai

tentar a sua nomeação como regente no Collège Municipal de Lille, o que só irá conseguir alguns anos mais tarde. A escola é dirigida por Jesuítas e Dieudonné só será aceite depois de alguns acasos de que se fala mais tarde.

A gravidez da Mathilde já vai muito avançada, e não querem adiar mais a viagem para Lille. Sentir-se-ão mais tranquilos se a criança nasce longe de Paris. Aí as suas observações menos apreciadas não irão provocar tantas ondas como na esfera de intrigas perto da Corte.

Com as devidas precauções, o jovem casal inicia a viagem para Lille na segunda semana de dezembro. Felizmente o tempo tem sido bastante seco até agora, ou mesmo muito seco, quando se observa o caudal e a altura da água do rio Sena em Paris. Dispõem de um coche confortável com cocheiro, emprestado por amigos da família. Assim conseguem viajar ao ritmo que desejam e levar mais um dia do que os quatro em que a diligence faz a viagem. Deixam Paris pelo Faubourg du Temple para chegar a La Vilette. De La Vilette continuam por Le Bourget e Vaudherland até Louvres onde param para almoçar. Depois de Survilliers e La Chapelle en Serval, seguem para Pontamé, onde têm que atravessar o rio Thève. De noite, chegam à Senlis, onde passam a noite em casa de amigos dos pais de Mathilde, que têm um pequeno retiro de caça junto ao Nonette.

No dia seguinte, a viagem continua com cavalos refrescados para Pont-Sainte-Maxence, onde atravessem o rio Oise. Um dos membros do Parlamento de Paris que tem em Saint-Martin-Longueau um castelo convida-os para o almoço. Depois continuam para Gournay-sur-Aronde, onde conseguem passar

confortavelmente a noite numa das muitas albergarias e onde os cavalos têm um bom repouso. Mathilde está encantada por passar a noite no local de nascimento de Marie de Gournay que publicou, faz aproximadamente setenta anos "*L'égalité des hommes et des femmes*," no qual advoga a instrução igual para mulheres e homens para que as mulheres possam visar obter o mesmo estatuto que os homens.

O terceiro dia viajam direção Crapeaumansil e durante algum tempo seguem caminho ao lado do rio Matz. Continuam até Roye, onde almoçam já tarde. Ao fim do dia atravessem o rio Somme, mesmo antes de chegar a Peronne. Aqui passam a noite em casa de um primo afastado de Madame Saffres-de-Montbard.

Bem humorado retomam a viagem no dia seguinte. Por volta do meio dia chegam a Cambrai, onde almoçam e onde os cavalos são trocados. Depois do almoço falta-lhes três horas de caminho até Douai onde passam a última noite antes de chegar a sua nova casa. O cocheiro explica que têm que atravessar o rio Sensée com uma barca em Aubigny e que não sabe exatamente de quanto tempo será a espera. Afinal chegam bem tarde em Douai. Não custa muito de encontrar a casa do professor da universidade de Douai com o qual Dieudonné já corresponde algum tempo e que ficou muito contente de convidar o seu correspondente e a mulher dele para fazer escala na sua casa.

Durante o *souper* fala-se acerca das hipóteses para Dieudonné de conseguir uma nomeação no Collège Municipal de Lille. O anfitrião considera que não deverá ser grande obstáculo

Dieudonné ter estudado em Leiden. Contudo, encontram-se no meio académico da católica Flandres Valã algumas figuras bem fechadas e dogmáticas. Aqui a Reforma tem pouca influência, o que explica porque os cidadãos se portaram francamente hostis contra Luís XIV quando a região foi anexada pela França. Este sentimento só começou a mudar depois do Edito de Fontainebleau. Mas Dieudonné não está interessado em lecionar teologia. Ele quer professar ética e filosofia geral. Dieudonné explica que também está interessado em proporcionar uma formação decente a futuros mestres-escola. O seu anfitrião sabe que de momento há falta de mestres e preceptores em Lille devido ao rápido crescimento da população. Desde que Lille se tornou capital da *Intendance de Flandres*, mais magistrados se instalam e estes procuram ensino de qualidade para os seus filhos. Eles estão menos preocupados com as querelas teológicas. Entretanto sugere Dieudonné de passar uma estadia no Colégio de La Flèche. Quando Dieudonné pergunta com alguma surpresa o que lá poderia fazer, o seu anfitrião diz que favorecerá uma muito melhor integração em Lille. Mathilde não acha descabido o raciocínio.
Os anfitriões asseguram os viajantes que a estrada de Douai para Lille está em boas condições e que a viagem final não deverá levar mais do que cinco horas. Por isso já é dia quando saem de Douai com a esperança de chegar a Lille à tardinha. Quando chegam ao Pont de Beuvry, Mathilde observa que agora chegaram mesmo à Flandres Valã. Como anunciado, a viagem corre bem e ao meio da tarde entrem a cidade pela *Porte des Malades*. Seguem pela *Rue des Malades* e um pequeno

atalho pela *Rue des Tanneurs* e a *Rue Neuve* leva-os para a *Rue Esquermoise* e a *Rue Royale*. Ai, viram para a *Rue Française*. Atravessem o *Pont Neuf* e chegam à *Rue des Carmes*. O empregado doméstico e a sua mulher que anteciparam a viagem de Dieudonné e Mathilde prepararam a casa. O lume da lareira providencia um calor agradável.
Ambos sentem se logo em casa nesta habitação acolhedora.

Os habitantes de Lille gostam de apresentar a sua cidade como a capital da Flandres Valã e gostam de referir a sua história flamenga. Não significa que falam flamengo, como é o caso na Flandres Maritima.
No início, logo depois da Guerra de Devolução e o Tratado de Aachen de 1668, sentia-se hostilidade em relação à política do Rei francês de quem se desconfiava ter simpatias protestantes. Havia o medo de uma possível perda de privilégios, gradualmente concedidos, há vários séculos, pelos duques de Burgundia. Mesmo durante o Reino da Coroa Espanhola tinha sido possível arrancar os mesmos privilégios a uma administração que se queria centralizadora. Dieudonné ouve do advogado Pierre Lacour, filho de um amigo de longa data dos seus sogros, e com o qual o jovem casal passa bastante tempo, como, até a mudança de século, havia escritos de revolta, panfletos e discursos. Uma conhecida afirmação era do seu antigo confrade Desruelles que um dia afirmou qu'*il voudroit estre encore sous la domination du roy d'Espagne, et voir mort le dernier des François*'. Quando foi preso e depois exilado da cidade, o governo central de então teve que admitir que a população da cidade concordava com Desruelles. Aliás, o melhor entendimento com o soberano francês não deveu-se tanto ao Edito de Fontainebleau, mas mais à miséria bélica provocada por uma das partes durante a *Pequena Guerra*. Os exércitos da aliança entre o Rei da Prússia, os Habsburgos Austríacos, os Stuarts e a casa de Oranje-Nassau enfrentavam

os exércitos dos Bourbon e os seus aliados. Como sempre nos conflitos, as zonas de fronteira são as que mais sofrem e a bem muralhada cidade de Lille foi, como toda a região, mal tratada pelos exércitos dos dois lados. Contudo, a animosidade contra os mercenários holandeses aumentara cada vez mais depois de 1710. Havia, como aliás do lado francês, muitos filhos de camponeses alistados recorrendo a lotarias e astúcias. Estes vagueavam em toda a região roubando comida e bens. Mas era sobretudo odiado o comando dos exércitos do norte. Este dava com muita facilidade ordens para queimar por completo aldeias e bairros da cidade, quando a edilidade não atendia de imediato as exigências no fornecimento de cavalos e alimentação.

Tudo isso é bastante recente. Os acordos de paz de Utrecht desviaram as fronteiras fixadas meio século antes nos acordos de Aachen. A Flandres Maritima passou definitivamente a ser governada pela casa francesa dos Bourbon e que as cidades e zonas envolventes de Tournai, Furnes, Ypres e Charleroi passaram a integrar *Belgium Austriacum*. Ainda hoje existem escaramuças na região fronteiriça entre os Países Baixos Austríacos e a França, sobretudo nas zonas costeiras junto a Dunkerque. Os cidadãos de Lille consideram-se entretanto cada vez mais súbditos franceses mas não deixam de encarar com muitas reservas a política de Luís XV que segue o exemplo do bisavô querendo governar como rei absoluto, nisso encorajado pelo todo poderoso Cardeal Le Fleury.

É nesse clima que Dieudonné Lemaître e Mathilde Larouge poisam em Lille, aproximadamente um mês antes de nascer o

pequeno Yann depois de sentir o chão de Paris a arder por baixo dos seu pés, parcialmente devido às críticas que fizeram ao círculo daquele mesmo Cardeal.

Falando de clima. Os céus de Lille são diferentes dos de Paris. Desde tempos imemoriais identifica-se toda a região como a terra onde sempre chove. Frequentemente trata-se de uma chuvinha garoa, mas também há descargas torrenciais que provocam inundações. A planície pantanosa do rio Lys figura assim, há quase mil anos, como uma espécie de barreira também linguística. Os dialectos flamengos não tiveram hipóteses para se instalar na margem sul. A norte e a oeste acontece o mesmo com a língua picarda e o francês.
O clima atrasou a construção de vias de comunicação por terra. Do lado francês os esforços para desenvolver uma boa rede de estradas começou há pouco e serve sobretudo as ligações em direção a Paris. Mas muitos caminhos são ainda uma sequência de buracos, nos quais carroças e coches se enterram até os eixos, razão pela qual não é fácil chegar às aldeias mais pequenas e às quintas. Contudo, tal como nos Países Baixos, existe uma boa rede de caminhos fluviais, de que fazem parte o Lys, o Deûle e o Scarpe, muito utilizados. As atividades nos cais são disso um bom testemunho. Durante os dias de trabalho, Lille é o palco de um vaivém sem fim de carregadores e carroças de bois que transportem carga dos cais entre o Basse Deûle perto da casa de Mathilde e Dieudonné e o Haute Deûle, junto à Esplanade e a Porte de La Barre.

Na Flandres Marítima a língua na pequena escola continua a ser o latim acompanhado do flamengo, mais raramente do

francês. A maioria das paróquias dispõe de uma escola, por norma gratuita, embora não se exclui a cobrança de mensalidades. Como em quase todo lado, há três tarifários em função daquilo que é ensinado: a leitura, a escrita, a aritmética. Trata-se sobretudo de escolas dominicais, mas existem também algumas escolas diárias para pobres. Nas Pequenas Escolas que dependem da edilidade, os padres envolvem se muito no conteúdo das lições para as quais têm direito de consulta. Os mestres-escola são quase sempre leigos que pouco contacto têm entre eles. Em Kassel, Wormhoudt ou Dunkerque encontram-se mestres formados que dominam latim e francês. Alguns escrevem, outros até fazem poesia. Em Kassel, mestre Andries Steven publicou em 1714 *Den Nieuwen Nederlandschen Voorschriftboek*[1], de que Dieudonné consultou um exemplar. Mas entre os mestres há também sacristãos, cantores-mor e tocadores de sino. Até há lavradores, uma vez que a escola fecha quando há muito trabalho no campo.

Desde os anos vinte fazem-se tentativas para elevar o nível de formação dos mestres-escola e para generalizar o francês como lingua de ensino, tanto na Flandres Marítima como na Flandres Valã. Na região de Lille a língua de apoio para o latim é a língua picarda. Dieudonné aprende que aqui, como em Paris, os Jesuítas querem manter na Pequena Escola o latim como principal língua de ensino, eventualmente acompanhado de francês. Aconselham as crianças de falar a outra língua, ou seja, o francês e não o flamengo ou a língua picarda, quando não estão na escola. São consequências da junção de Flandres

---

[1] O novo livro neerlandês de preceitos.

Valã e Flandres Marítimo sob a *Intendance de Flandres*.

Dieudonné e Mathilde inteiram-se na oferta cultural da cidade usufruindo dela assim que Yann o permite. Tornam-se visitantes assíduos da *Comédie*, junto à câmara municipal. Mathilde alarga rapidamente a sua lista de contactos entre as mulheres da burguesia de Lille. Organiza com sucesso uma primeira tarde de salão, rapidamente seguida de uma segunda. Pouco depois a tarde de salão é adaptada para vir a ser noite de salão com *souper*. De início, Mathilde tem o cuidado de não abordar assuntos controversos ou utilizar uma linguagem que poderia ser considerada subversivo. Rapidamente é conhecida pelas suas intervenções vivas e espirituais.

Ela recebe uma longa carta da sua irmã que relata o seu encontro com Émilie Du Châtelet hoje frequentemente na companhia de Sieur Voltaire. Na carta, a irmã de Mathilde fala da inteligência ímpar de Émilie. Diz que ela procurou Maupertuis por exemplo, para aprender matemática porque, sendo mulher, não tinha acesso ao ensino superior mas queria dominar a geometria, a álgebra, o cálculo e as ciências da natureza.

Mathilde junta com crescente interesse tudo que consegue escrito pela Émilie du Châtelet depois de ter lido na sua introdução à tradução que ela fez da fábula satírico das abelhas, de Bernard de Mandeville:

'Paramos um momento para pensar porque durante tantos séculos não houve uma boa tragédia, um bom poema, uma história bem acolhida, uma boa pintura, um bom livro de ciência da natureza, da mão de uma mulher? Porque é que estes seres, de quem a sua

compreensão em tudo é parecida com a dos homens, são bloqueadas pela força de uma barreira invencível. Que alguém me dê uma razão, se for possível encontrar uma. Deixo aos investigadores da natureza de encontrar uma explicação física, mas enquanto não o conseguem, as mulheres têm o direito de reivindicar a sua formação. Para o que me diz respeito, admito, se pudesse ser Rei, queria fazer esta experiência física. Acabava com um abuso que, para o dizer claramente, corta as pernas à metade da população. Deixava participar as mulheres a tudo que os seres humanos têm direito, sobretudo no que diz respeito ao espírito. Parece que as mulheres nasceram para enganar, pouco mais lhes foi deixado para alimentar a alma. A nova educação à qual estou a pensar seria benéfica para toda a espécie humana. As mulheres ficariam melhor e os homens teriam melhores descendentes; a nossa forma de agir, que hoje é tão polida que enfraquece e contrai o nosso espírito, serviria então para aumentar o conhecimento deles também. Tenho a certeza que muitas mulheres negam os seu talento, ou por causa da sua formação defeituosa, ou porque estão soterradas de preconceitos e falta de coragem espiritual. O que notei comigo própria reforça esta minha convicção. Por acaso fui apresentada a homens de letra conhecidos e fiquei admirada que deram alguma atenção ao meu espírito. Eu própria comecei a pensar que era um ser pensante. Mas só vislumbrei. E o mundo da devassidão, o único pelo qual pensava ter nascido, tinha preenchido todo o meu tempo, levado toda a minha alma. Só o penso realmente agora, ainda a tempo para me tornar razoável, mas demasiado tarde para adquirir todos os meus talentos.'

Mathilde e Dieudonné têm uma longa conversa acerca destas

palavras. Mathilde conta que gostaria muito de encontrar Émilie, só alguns anos mais velha do que ela. Contudo, para isso deverá ser necessário fazer a viagem para Paris. O amigo Pierre Lacour desaconselho-a vivamente de o fazer. Émilie é amiga de Voltaire - diz-se abertamente que eles são amantes - e este está mais uma vez numa situação difícil agora que o Parlamento de Paris obrigou queimar as *Lettres Philosophiques*, porque se vê nelas um ataque disfarçado à monarquia. E os amigos da capital avisaram que Mathilde e Dieudonné continuam a ser acusados de comportamento sedicioso e de jansenismo. Encontrar-se com Émilie poderia originar desconfiança em relação a sua estadia em Paris.

Faz quase dois anos que estão em Lille quando Dieudonné e Mathilde ficam a saber da irmã de Mathilde que Chevalier de Ramsey aloja um interessante jovem Escocês, de passagem de Reims para La Flèche. O nome dele é David Hume. Passa algum tempo no Hôtel de Sully. Sieur Saffres-de-Montbard escreve Dieudonné acerca da mesma visita e diz que as ideias de Hume certamente o interessarão. Ele traz um olhar fresco sobre as ciências naturais e parece conhecer bastante bem o trabalho de Newton. Fala-se dele em vários salões.
Acontece que Dieudonné e Mathilde já tinham pensado em deixar Lille algum tempo à procura de novos conhecimentos, mas também com o intuito de divulgar mais as suas ideias. Dieudonné conheceu dois regentes no colégio gerido pelos Jesuítas. Estes aconselham-no de seguir um ano de aulas de filosofia em La Flèche. É quase certo que depois será admitido como leigo no colégio aqui em Lille. Dieudonné não esconde a

sua curiosidade em relação a La Flèche. De uns antigos alunos mais controversos leu textos, de outros ouviu falar: não só das figuras lendárias como Descartes, Mersenne ou Picard, mas também de publicistas atuais, como o Abade Prévost, de quem leu com muito prazer as duas primeiras edições do seu novo periódico *Le pour et le contre*.

Mathilde encoraje o marido para este plano de frequentar La Flèche e diz que ela própria gostava conseguir um convite para passar algum tempo em Cirey onde Émilie de Châtelet se instalou no castelo do marido. Voltaire parece ser convidado permanente e financia em grande parte a reconstrução do castelo.

O casal dá consistência ao plano com a ajuda de alguns amigos.

Dieudonné consegue acomodação nas instalações do *Collège Henri IV* muito devido uma recomendação de Jean-Baptiste Gresset, membro não ordenado da Sociedade de Jesus que trabalha em La Flèche e tem a sua idade. Os dois trocaram alguma correspondência depois de Jean-Baptiste Rousseau ter falado com o pai de Mathilde acerca do trabalho de Gresset e este o ter mencionado a sua filha.

Na mesma altura, Émilie reuniu à sua volta um pequeno grupo de matemáticos e filósofos da natureza que passam regularmente algumas semanas no castelo, não só para que ela possa aumentar o seu conhecimento matemático mas também pelo prazer deles de acompanhar sessões literárias que evidenciam a inteligência e a vivacidade dela. Uma das convidadas sugere Mathilde para a acompanhar. Procura-se

acomodação temporária para Mathilde, Yann e a ama dele que ao mesmo tempo apoia Mathilde. Yann tem agora um pouco mais de dois anos e é muito saudável. A pequena família acompanhada da ama de Yann irá viajar de coche até Cirey. Depois, Dieudonné continuará de cavalo até La Flèche. No caminho vai receber a companhia dum antigo colega de Paris que se juntará a ele em Troyes.

Os jovens voltam a afirmar que querem sobretudo divulgar as suas ideias em mais locais. Mesmo gozando uma confortável vida de burguês, não deixam cada novo dia de ter a clara consciência como é grande a diferença entre a sua vida e a vida da plebe. Em Lille como antes em Paris, não é difícil de o observar; basta dar uma volta nas ruas da cidade velha. Lembram-se muito bem as cenas que observaram em Paris entre os vendedores de água e os servidores das famílias abastadas mas sem poços próprios, nas poucas fontes públicas da cidade. Também lembram-se como crianças muito pequenas tentam ganhar o pão do dia vendendo pequenos feixes de madeira no meio de uma multidão de vendedores de rua. As 400 casas de café em Paris só servem burgueses e homens com funções públicas bem remuneradas. De resto, os dias de trabalho de catorze ou mais horas de trabalho não deixam pessoas pobres, incluindo parte da população artesã, nem tempo tem para manter uma pequena horta fora muralhas. O panorama de Lille não é muito diferente embora como a cidade é muito mais pequena, há quem consegue cuidar de uma pequena horta e mesmo de uma capoeira com algumas galinhas.

Dieudonné espanta-se com o tempo de demora para enraizar o consumo da *patata*. Este tubérculo já mostrou o que vale nas longas viagens marítimas e do outro lado da fronteira, a poucas milhas de Lille, é cultivada em quase todas as províncias, e constituiu uma boa alternativa para o pão. Mas aqui continua desconhecido ou desprezado. Alguns lavradores cultivam-no como alimento para porcos. Só os mais pobres comem-no porque prepara-se o alimento mais depressa do que o pão e não é necessário forno. Quando Dieudonné entretem os seus amigos com as receitas de *patata* que os seus avós já regularmente tinham na ementa, as suas histórias provocam incredibilidade. Dieudonné e Mathilde consideram que é um belo exemplo de como a ignorância, por parte devido à falta de formação, por parte por falta da divulgação de informação além fronteiras, no final prejudica mais a plebe do que o resto da população.

A República das Letras

Querida Mathilde,

Sinto a tua falta e do nosso pequeno rapaz. O que atenua a falta que sinto de vocês é que aqui posso ler e estudar muito. Como te contei na minha carta anterior, Pierre de Charlevoix é um homem culto e viajado. Mesmo que não posso concordar com todas as conclusões que tira, as suas descrições históricas são uma fonte de informação muito rica. À medida que oiço mais acerca do modo como ocorre a ocupação do território americano, mais percebo a arrogância Europeia. Os Europeus agem em nome

das diferentes Casas Reais, por isso apresentam-se superior e fazem valer esta superioridade para escravizar todos que já lá viviam. Também no Reino da Índia e no Império Chinês apresentam-se como superior, mas as interações com a classe reinante aí não os permitem dar-se aquela aura de supremacia absoluta que utilizam na África e na América. Da Nova Holanda sabemos pouco aqui, a não ser através de correspondência.

Os últimos dias falámos muitas vezes da Res Publica Litteraria por causa do falecimento de Thomas Hearne. No caso dele poderia falar-se da República de Cartas em vez de República de Letras, trocadilho possível de fazer em francês.

Mas como ambos bem sabemos, sem os escritores de cartas como Thomas Hearne, a divulgação de novas ideias e achados de pensadores e cientistas seria completamente diferente. Só agora percebi o porquê da sua vida resguardada. Ele integrava os Nonjuror. Era o grupo de monges que, depois da subida ao trono de Guilherme III no fim dos anos oitenta do século anterior, não queriam jurar fidelidade a este soberano que tinha afastado Jaime II. Fez dele um monge de cela. Lembras-te que foi através de Abbé Provost que aprendemos que Hearne sofreu uma espécie de banimento interno, afastado da biblioteca depois de 1716? Quem visita Oxford sabe que antes tinha funções de apoio muito importantes, mas a sua movimentação como historiador reduziu, sobretudo depois de ter que renunciar ao posto de segundo bibliotecário. Contudo ele contribuiu muito para a divulgação do material publicado e não publicado de investigadores, historiadores, filósofos e filósofos da natureza.

Mas para voltar ainda à República das Letras, Mathilde. O que

acho reconfortante é de saber que o grupo está de boa saúde e que cada vez mais mentes brilhantes e cientistas assistentes trocam correspondência. Muitos entre eles consideram as suas publicações um tributo à Res publica litteraria.

Ainda mais bonito: aqui também encontro professores e companheiros estudantes que têm a intenção de discutir achados e novo conhecimento deste modo civilizado e moderado. Repetem que existe uma espécie de lei não escrita na comunidade da qual só fazes parte se quiseres, de não te deixar levar por sentimentos de identidade local ou de estado, mas só pela tua vontade de contribuir ao desenvolvimento da humanidade. Diz-se que é uma espécie de contra-ponto para as Academias Reais, que frequentemente colocam o interesse do Reino em primeiro lugar, mesmo se não é dito explicitamente. Mathilde, a República das Letras continua a ser um ponto de descanso, um lugar de discussão sem ser agressivo ou condescendente. Continua a ser uma forma de cosmopolitismo que nós os dois prezamos muito e que se baseia na vontade de ouvir o outro e na convicção que o outro tem a vontade de te ouvir.

Não se trata de uma união dentro do mesmo dogma. Este tipo de união é muito mais estreito. A Sociedade de Jesus gosta de apresentar a sua união como cosmopolita, embora muitos dos seus membros são terrivelmente intolerantes com quem pensa de outra forma, mesmo na mesma fé. Também há exceções. Encontrei alguns aqui, em La Flèche.

Vou sugerir aos meus pais de considerar dedicar o seu Opus Omnia à Republica das Letras. Assim poderemos aumentar os nossos contactos com quem fala de instrução, educação e acesso

ao Conhecimento e encontrar ainda outros para melhorar a visão sobre a interação entre consciência de poder, ciência, arrogância e ignorância de pontos de vista diferentes.
Abraço-te querida Mathilde e aguardo com alegria a chegada da tua próxima carta.

O teu Dieudonné

Querido Dieudonné,

Não posso senão ficar feliz que em La Flèche consegues continuar o teu e o nosso enriquecimento no Saber. Também fazes-me falta. De vez em quando quero imediatamente falar contigo acerca daquilo que oiço aqui em Cirey, como costumávamos fazer quando nos conhecemos, lá na Place Royal, lembras-te?
Estou completamente de acordo contigo, meu querido, que a República das Letras continua a ser um fenómeno cosmopolita interessante. A Academia torna os seu membros muitas vezes arrogantes. Penso que entre nós, franceses, tem sobretudo a ver com a imagem cultivada da nossa suposta grandeza. É triste de constatar que a defesa da língua maternal como meio de difusão do conhecimento em vez do latim rapidamente se transformou na criação de uma artificial "raça de franceses". Talvez os salões mais literários, como o de Madame de Tencin, têm um papel a desempenhar para manter a discussão menos dogmático e mais cosmopolita. Contudo… Fica a questão se os cosmopolitas na França não focam também o francês como língua cultural superior. Não é sempre uma vantagem para os próprios científicos franceses o francês substituir o latim como idioma principal. Ninguém considera realmente que se trata de um novo

idioma internacional, excepção feita para as casas reinantes com os seus joguinhos de poder.
Atualmente transforma-se um pouco em todo lado na cabeça das pessoas a talvez natural sensação de pertença a um local, uma região, numa sensação cultivada de pertencer a uma nação, também aqui no Reino dos Francos. Há quem inventa para o efeito uma História hilariante, transformando imperadores e guerreiros de outros tempos numa espécie de lendários fundadores da Nação. Sempre com a graça de Deus, claro. Vejo nisso a intenção mais profunda, aqui e em outros lugares. Às Cortes Reais convém que as pessoas de uma região se sentem para sempre ligadas àquela Casa Reinante, fosse o rei absolutista ou não. Visto dessa perspectiva a instrução obrigatória para a plebe não é necessariamente coisa boa. Mas talvez consegues abordar o assunto com os teus companheiros de estudo e refeição, quando falas da nossa visão de escola de divulgação universal do conhecimento?
Eu estou muito bem aqui e Yann está feliz com a ama e a mãe. Ele já diz palavras e anda com pequenos passos acelerados nos nossos aposentos. Penso ficar por aqui até o início do outono. Recebi uma carta dos meus pais. Dizem ter a intenção de deslocar-se de coche até Cirey para depois irmos juntos para Lille. Recebi notícias do nosso amigo Pierre que a casa está bem mantida pelos nossos caseiros. Mandou-me o estado das contas e assegurou-me que dispõe de suficientemente crédito nosso para gerir a casa convenientemente. Não te preocupas portanto. Também anunciou com muito orgulho que se tornou pai de uma bonita filha.

Abraço-te meu querido e envio um beijo do nosso filho,

Para sempre a tua Mathilde.

Querida Mathilde,

Que sentimento de alegria brota do meu coração, cada vez que vejo uma nova carta tua na recepção do porteiro.

Como estás? Que palavras é que o nosso pequeno Yann diz? Pergunto-me se ele vai reconhecer o pai quando nos voltaremos a reunir em Lille.

Mathilde, na semana passada tive uma primeira conversa com aquele jovem David Hume de quem já nos falaram. Afinal é mesmo Escocês, de Edimburgo. Contou que era destinado a ser advogado. Ele fez me lembrar por um momento o nosso amigo Barbier. Chegou aqui à La Flèche porque, como ele próprio o formula, há algum tempo começou uma viagem ao encontro de si próprio. Primeiro procurou perceber se o caminho dele passava pelo comércio, mas descobriu que aí a vocação era ainda menor do que pela advocacia. Afinal, diz ele, só duas coisas o cativam: a filosofia e o conhecimento em geral. Penso que por isso procura o equilíbrio entre ser filósofo e ser filósofo da natureza. Para os seus 26 anos, a sua erudição é muito grande. É um prazer intelectual de estar com ela à mesa. Confesso que fiquei entusiasmado quando ouvi que teve aulas de um dos antigos estudantes do próprio Isaac Newton. Ele admite que vê Newton como um dos seus mestres, mas que não fica por aí. Poderia dizer que noto o espírito da República das Letras quando ele fala de René Descartes mas também de Algazali como quem influencia o seu

pensamento. Falávamos da causa e do efeito e percebe-se como David olha para esta relação de diferentes ângulos. Ele diz que está a escrever uma tese sobre o assunto e fico muito curioso para ver o resultado.
Do próprio Colégio posso talvez afirmar-te que me parece ter passou o seu pico mais alto. Tenho a impressão que o Colégio de Clermont em Paris ganha ao Colégio Henrique IV aqui. Uma possível explicação prende-se com o modo como os Jesuítas gradualmente procuram os seus recrutas entre estudantes filhos da burguesia, altos funcionários e mesmo grandes comerciantes e menos entre aristocracia e nobres, criando por isso mais colégios. Portanto não é só Paris em si. Gradualmente há mais escolas superiores, pelo que os estudantes ficam espalhados por mais cidades. Contudo o colégio aqui em La Flèche continua a ter renome e por isso continua a haver estudantes de todo o Reino e mesmo de fora dele. Um aspecto interessante é que somos todos internos, o que favorece muito as possibilidades de conversa e reflexão em conjunto. Mas os nossos professores nunca deixam de observar que, desde o início do século o número de estudantes continua a diminuir. Se não me engano, somos pouco mais de 600 aqui, neste momento.
Como já te disse na minha carta anterior, é bom de saber que aqui também se encontram professores com publicações em homenagem à Res Publica Litteraria. Alguns contribuem para o Journal des Sçavans. Lembrei-me que o meu pai contava que avô Pieter e o seu amigo Claudius liam este tipo de publicações. Mas sentiam na pele em Köln, na altura com disputas religiosas ainda mais acesas do que hoje, que colegas pressionavam para não ler

determinados periódicos. Percebi agora dos professores mais eruditas que hoje não é a religião que lhes determina a escolha de leitura. Muitas vezes já tem mesmo a ver com o domínio das línguas. E existe no mundo da ciência uma certa preocupação que, apesar de tudo, uma maior divulgação do Saber neste tipo de periódicos aumenta a tentação de apresentar quem nasceu ou trabalha na próprio região onde a língua de edição é falada como espiritualmente mais desenvolvido do que quem nasceu ou trabalha fora fronteiras. Espero muito que as salonnières dedicam suficientemente atenção ao que acontece fora fronteiras.

Escrevi os meus pais em relação à República das Letras e a resposta não demorou. John perguntou-me se não tinha lido o prefácio no qual oferecem o trabalho a todos que guardam a República das Letras no seu coração. Pude-me bater a mim próprio que saltei o parágrafo. E para maior vergonha, um dos estudantes com quem falo bastantes vezes, apontou-me a referência ainda antes de eu receber a resposta dos meus pais. O meu pai e a minha mãe são mesmo pessoas muito discretas. Nem tinha a percepção que toda esta intensa correspondência com metade da Europa e mesmo fora dela, tinha esta ligação informal entre pensadores, investigadores e sábios como substrato.

Nos próximos dias irei visitar a secção do Collège Royal dedicada à instrução das crianças em Sablé-sur-Sarthe. É uma das instituições de que Sieur Colbert de Torcy actualmente se ocupa. Consagra o resto do seu tempo aos trabalhos de renovação do seu castelo, que acompanha de perto. Ouvi do próprio que é também cavaleiro na Ordem da Mosca de Mel da Duquesa de Maine e que chegou a participar na primeira série de Grandes Nuits de

Sceaux. *Podemos de facto perguntar se existem altos funcionários que não foram seduzidos por Anne-Louise-Bénédicte de Bourbon para participar nas suas sumptuosas festas de salão e de jardim. Disseram-me não ter grandes expectativas da escola.*

Abraço-te longamente minha querida Mathilde

Teu Dieudonné

Meu querido homem e parceiro de vida,

Então meu querido distraído. Nem te tinhas apercebido que a República das Letras não era desconhecida na tua família? Quando te referiste a ela na tua carta anterior, pensava que sabias do prefácio do Opus Omnia mas querias propor uma referência mais explícita.

O pequeno Yann está muito interessado em tudo que se move no jardim. Corre atrás dos pássaros e das borboletas. Gosta também de olhar para os quadros que alegram as paredes dos nossos aposentos e pergunta pelo nome dos objetos aí pintados, apontando o seu pequeno dedo. E não te preocupas. Falo todos os dias com ele do seu pai, que tal como nós, não está na nossa casa, mas que também lá voltará. E mostro muitas vezes o medaillon com o teu retrato que tenho sempre à mão.

Na semana passada chegaram novos hóspedes em Cirey. Cada ocasião dessas significa notícias frescas da capital. Desta vez era acerca de Georges Frederic Strass. Lembras-te que falámos do atelier da viúva Prévost, tão popular para quem procura jóias baratas e de moda? Parcialmente é possível porque Strass, que aí trabalhava, consegue imitar muito bem diamantes, rubis e

esmeraldas, recorrendo à produção de cristal aperfeiçoado para o efeito. Aquela arte tornou-o tão famoso que tem agora o próprio atelier no Quai des Orfèvres passando a ser o joalheiro privilegiado do Rei. Tem o seu próprio cunho: uma espada coroada por baixo das letras GFS. Claro dá para conversas sem fim para determinar quem usa jóias verdadeiros e quem usa jóias falsas na Corte. Uma história que o nosso amigo Barbier deverá apreciar.

Meu querido, podes compreender a minha alegria quando te conto que Therèse Geoffrin integra o grupo de novas hóspedes da Marquesa de Châtelet. Lembras-te? Encontrámo-la em casa de Madame de Tencin e tivemos uma conversa muito interessante acerca da educação de raparigas e de mulheres. Passei anteontem uma tarde inteira com ela. Talvez lembras-te que ela tem o seu próprio modesto salão na Rue Saint-Honoré, embora passa mais tempo no salão de Madame de Tencin. Ela conta que o marido dela tem objeções às atividades de salão dela, porque acarretam despesas. Ela está, como nós, muito interessada em tudo que se diz e integra a comunidade informal da República das Letras. Ela confidenciou-me que nas atividades de salão mais procura fomentar encontros literários e de filosofia da natureza do que encontros festivos, como fazem as damas da alta aristocracia.

Os encontros organizados pela Émilie têm o mesmo tom, mesmo se ela não deixa de referir com orgulho que é Cavaleira da Ordem da Mosca de Mel e por isso gosta de apresentar-se em Sceaux. É obvio que Émilie se sente muito mais à vontade no mundo aristocrático do que Therèse. Aliás, parece-me que é uma daquelas pessoas que se sente em casa seja onde for. Penso que

deves saber que ela frequenta também Versailles. Pode dizer-se muito de Sieur Voltaire, concordo contigo. Ele é demasiado arrogante para o meu gosto e acho-o muito menos perspicaz que ele próprio pensa ser, mas a verdade é que apoia imensamente Madame de Châtelet nos seus estudos. Soube que ele aumentou ainda o interesse dela para o trabalho de Isaac Newton, de modo que ela continua a aperfeiçoar o seu domínio da matemática. Pouco depois de conhecer Voltaire, ela fez alías algo de nunca visto no Café Gradot no Quai de l'Ecolle. Entrou naquela casa de café vestida de homem para conseguir debater com os matemáticos, cientistas da natureza e astrónomos que aí se encontravam, entre os quais Maupertuis. Ela contou-nos o episódio rindo e ficou sobretudo satisfeita que assim ridicularizou o estúpido regulamento ainda utilizado em muitas casas de café que impedem o acesso às mulheres. Às vezes ela parece ser uma espécie de Hipátia moderna. Porque é que os homens continuam a pensar que uma mulher que entra numa casa de café só tem a intenção de alugar o seu corpo, quando muitas só querem participar na conversa, como fazem nos salões?
Não tenho sempre a capacidade para seguir Émilie nas suas divagações matemáticas mas percebi que ela concorda com Newton e Maupertuis e não com Cassini relativamente à forma do planeta. Para Newton não é uma esfera perfeita, mas achatada nos polos devido à gravidade universal. O que entendo da discussão é que existe uma certa oposição entre a razão pura e a generalização baseada numa observação local. Pergunto-me se as discussões não se tornam estéreis quando se tornem uma simples oposição de sim-não. Talvez esta em particular cessará

quando os cientistas da natureza irão conseguir o financiamento de expedições tanto para um local perto do equador como uma outra tão perto que possível do polo norte da esfera terrestre, para realizar medições.
De vez em quando penso que vivemos num mundo fascinante e que Yann poderá descobrir tanta coisa de que só ultimamente começamos a ter uma melhor imagem. Ontem ri-me às gargalhadas quando se leu em voz alta a comédia La Comète *de Fontenelle. É uma crítica refrescante sobre a credulidade em relação a horoscópios e almanaques. Será que um dia também vamos conseguir separar a moral e a ética daquela forma beata ou supersticiosa da vivência da fé? Ou isso é pedir demais? Talvez a tua irmã e a amiga dela, Begga de Bruges querem partilhar connosco as suas ideias acerca disso.*
Abraço-te meu querido e distraído Dieudonné.

Queridos pais, irmã e irmão,

Continuo a escrever-vos de La Flèche. Como já vos escrevi na carta anterior, Mathilde e Yann continuam em Cirey. De aqui algumas semanas voltarão para Lille, acompanhados dos pais de Mathilde que lá ficarão até o meu regresso. Ainda se mostram zangados com a nossa decisão de nos casar sem ter pedido a sua autorização, mas Yann é um bom mediador para a reconciliação. Mathilde está bastante tranquila que, quando chegarei à casa, haverá condições para nos entender. Os pais dela continuam a achar que a nossa família é demasiado humilde em comparação com a deles, mas muito tem a ver com minha anterior posição de preceptor ao serviço de uma família que, essa sim, consideram de

igual. Mathilde ri-se da situação e diz que a sua família é um bom exemplo de como a burguesia imita a aristocracia, mesquinha com o lugar que uma família ocupa na hierarquia inventada por outras famílias. Ninguém gosta de se ver menosprezado por uma ação que não seria de acordo com o lugar ocupado, porque cada um espelha-se a algo. Em geral pode se dizer que na França posições e estados têm mais a ver com descendência do que com dinheiro, enquanto nas Sete Províncias a tendência é de colocar a descendência e o dinheiro no mesmo plano. Porém Mathilde e eu constatamos que o resto da população, excepção feito para artesãos importantes, é sempre considerado como sendo inferior.

Mathilde abordou na sua última carta, por causa de uma comédia de Fontenelle acerca da superstição, a separação entre moral e ética e a superstição beata na vivência da fé. Perguntou se Maria e Begga querem partilhar ideias connosco a este sujeito.

Em La Flèche tenho conversas com figuras interessantes, entre outros com um certo David Hume. Tem menos quatro anos do que eu e é muito erudito. Fez-me conhecer a obra de alguns dos mestres que o inspiram. É-me muito útil agora de ter andado na tua biblioteca, pai, e teres partilhado comigo tantas notas de avô Pieter, antes de eu me ir embora. Percebi da vossa carta anterior que para a revisão do vosso Opus Omnia, podem fazer bom proveito do legado de livros que entretanto receberam de Köln. David confessa que o pensamento de Locke, Descartes e Newton o influenciam, mas que ele considera alguns pensadores orientais como o antes místico Algazali para a sua própria obra. Claro que isto me levou a falar de Zera Yacob. Apesar de ter sido um Jesuíta que teve a mão

no exílio de Yacob, depois de este ter declarado que não podia considerar nenhuma religião superior à outra, existe aqui, entre historiadores sérios a disponibilidade para discutir e raciocinar. Há momentos em que parece ser possível separar a religião da ciência mas está longe de ser evidente. Falámos da diferença entre a atitude de recusa e mesmo de ameaça de Locke e Descartes relativamente aos ateístas e o espírito agnóstico e investigativo que Zena Yacob utiliza para falar das Escrituras Sagradas. Lembrei-me pai o que me contaste das tuas conversas com a tua avó Hildegarde e da correspondência entre avô Pieter e Claudius. Assim pude participar com alguma facilidade nesse debate filosófico com aspectos teológicos.

David está muito empenhado em escrever acerca da pesquisa dele como olhamos para a realidade enquanto pessoas. Aqui, "O que é a realidade?," "O que é razão?," e "O que são experiência e observação?" são claramente perguntas pertinentes. Ele dá muita atenção às diferentes maneiras de tratar causa e efeito e tenta descobrir do quê os primeiros objetos são efeito. Não subestimo a importância destes ângulos de visão para todo e qualquer filósofo e, diria, também para qualquer filósofo da natureza. Procura-se a verdade da realidade do mundo o que coloca sempre de novo o foco sobre a nossa moral e a nossa ética. É exatamente onde eu coloco o debate acerca da vivencia da moral e a vivência da religião e como ambas as vivências se sobrepõem.

Aqui vê-se de vez em quando a grandeza de pensamento dos professores mais dotados da Sociedade de Jesus. Um dos meus professores deu-me a ler um trabalho publicado há pouco. É da mão de Antonius Guilielmus Amo Afer e vem com o título De

humanae mentis apatheia. *Meus queridos, espero que também conseguem encontrar um exemplar deste trabalho de Amo. Por favor, lêem-no. Foi com este texto que Amo Afer obteve o seu título de doutor em filosofia na Universidade de Wittenberg. Amo apresenta o seu ponto de vista acerca da ausência do sentimento no espírito humano e a sua presença no corpo biológico vivo. Ele contempla o dualismo cartesiano e também a visão materialista e opõe-se ao dualismo. Pode-se falar de um espírito ou uma alma, diz, mas é o corpo que observe, percebe e sente e não o espírito. Parece-me uma abordagem fresca do ser humano. Quando o li, pensei na minha conversa com David Hume. Vejo alguma semelhança com o seu questionamento do ser humano, como o traçou num dos nossos encontros entre estudantes. Parece-me bastante claro que David rejeita a aproximação dogmática do espírito ou da alma exclusivamente baseado na fé, sem por isso rejeitar a fé em si. Mas ele pensa que se queremos desenvolver mais em profundidade as ciências humanas ou do ser humano, temos que utilizar a razão e a experiência enquanto instrumentos de análise. O espírito está sujeito às mesmas leis de causa e efeito como todo o resto, o que é importante considerar quando refletimos acerca do Eu. É possível que, durante uma introspecção, nos vimos a nós próprios como um espírito unificado como resultado de um todo de experiências e relações entre experiências? Tem como resultado que o Eu de hoje não é o Eu de há cinco anos? Ele diz que ainda não o esclareceu bem para si próprio e que o seu raciocínio não lhe satisfaz por completo. Promete-nos para os anos que vêm um texto que anuncia como um tratado completo da natureza do ser humano.*

Mas quero voltar ao Antonius Guilielmus Amo Afer. Ele interesse-me muitíssimo também por outras razões. Em jovem, foi embarcado com 4 anos em Axim, na Guiné, num navio da Companhia das Índias Ocidentais, direção Amsterdão, onde foi oferecido como prenda - imagina! - ao Duque de Brunswijk-Wolfenbüttel. Aparentemente, este tinha valores morais e éticas um pouco diferentes dos comerciantes da Companhia e fez com que o jovem pudesse estudar com os seus próprios filhos. Há seis anos terminou uma formação na faculdade de Direito da Universidade de Halle com a apresentação da tese De iure Maurorum in Europa. *Ouvi dizer que hoje leciona na Universidade de Wittenberg, onde obteve o seu título em filosofia que referi acima. Meus queridos, Mathilde e eu já chamámos muitas a atenção de quem se diz interessado na educação e formação para o vosso Opus Omnia. Sempre que o fazemos, sustentamos que ignorância não é uma condição, mas a consequência da falta de uma boa formação. Quem filosofa acerca de causa e efeito deveria ser capaz de ver isso. Eu próprio considero que a simples leitura de textos tão interessantes, da mão de quem vem de regiões tratadas com condescendência, apelidadas de Barbaria ou Negrolândia, e que teve a possibilidade de estudar, é a prova cabal da insustentabilidade da tese que existem diferentes espécies de humanos, de origens diferentes, havendo umas mais propícias para o estudo e a razão do que outras. Mesmo quem gosta fazer troça da superstição e do preconceito, muitas vezes não o quer ver. Infelizmente, ouvimos com muita frequência, cá, em Cirey, nos salões de Paris, em todo lado, como figuras, que se consideram eles próprios muito*

*letrados, continuam a defender que existem diferentes espécies de humanos. Não entendo como conseguem deduzir à partir daí que a natureza dotou os Europeus de mais razão do que todos os povos de todas as outras partes do mundo, sem se quer pensar nos conterrâneos que não chegam a esta literacia porque são mantidos num estado de subserviência. Talvez têm razão num aspeto e não existe algo como **A Realidade**, e eu vejo coisas que só existem para mim mas para os outros não.*
Abraço-vos todos,
O vosso filho e irmão que muito vos ama.

Nosso querido filho,

Uma carta tua é sempre um grande acontecimento na Kaaistraat de Oostende. Gostamos de saber que vocês se encontram bem. Claro que tentamos de imaginar como são Mathilde e Yann. Lille não é muito longe de Oostende e de momento os nossos respetivos governantes não parecem ter planos bélicos um com o outro. Talvez é boa altura para nos encontrar. Hoje, a viagem de barca para Gent é relativamente fácil e ao que me parece é possível chegar daí a Lille pelo Lys e o Deûle. Seria uma alegria enorme para nós de conhecer a vossa família.
A tua mãe e eu divertimo-nos sabendo que o nosso filho Dieudonné reside uma temporada em La Flèche e que segue com interesse colégios de alguns Jesuítas de renome. Certamente é bom para a formação da tua mente, depois de Leiden, Leuven e Paris, também passar por La Flèche. Sempre fizemos ver que quem opta por uma atitude cosmopolita deve ter a capacidade de

ouvir sem preconceito pontos de vista muito divergentes para depois defender os seus próprios pontos de vista, todos eles sujeitos a uma ética baseada na igualdade quando se trata da espécie humana. Lembro-te que entre os seus interlocutores, o teu avô Pieter contava Luteranos e católicos Romanos. Ele partilhava os seus pontos de vista com Claudius, que decidiu abdicar das suas funções na Igreja Católica mas também com inexoráveis defensores da Igreja de Roma e membros da Sociedade de Jesus. Ele sempre desejava que tanto os seus interlocutores como ele próprio pudessem mostrar a sua discordância, sem por isso romper a sua conexão com a filosofia e a educação. E isto não é nada fácil, porque significa conseguir distanciar-se de quem se mostra arrogante e dogmático sem o condenar e sem falsa tolerância paternalista. Sabemos que a República das Letras é um fenómeno interessante no mundo dos letrados. Contudo muitas vezes incomoda-nos que esta República conta com tão poucos não-Europeus entre os seus participantes. Ouvimos falar de filósofos e filósofos da natureza, de matemáticos e astrónomos de fora da Europa, mas raramente lemos os nossos contemporâneos não-Europeus. É somente um problema de língua? Ou continua a ser um problema cultural através do qual, conscientes ou inconscientes, deixamos ainda transparecer a nossa crença na superioridade Europeia? São perguntas que nos ocupam a mente. Mas queria partilhar contigo duas informações que envolvem os nossos amigos Jesuítas. A primeira tem a ver com reações ao comportamento indigno de muitos dos tão piedosos comerciantes no ultramar que continuam alegremente a transacionar humanos como se tratasse de bens com tão piedosos

proprietários, desde o simples barão até o poderoso rei ou imperador. Muitas vezes é dos missionários da Sociedade que ouvimos com espanto e enfurecimento histórias de roubo de humanos em regiões que não por acaso os cartógrafos Europeus identificam nos mapas com Negroland *e* Barbary, *ao lado dos antigos nomes de Guinea e Conga. De todo lado os missionários trazem histórias de pessoas roubadas das suas aldeias, presas e vendidas com o objetivo de providenciar o máximo lucro para os comerciantes. Ganhámos a penosa consciência que, na companhia de Oostende que providencia parte do nosso rendimento, poderá muito bem haver comerciantes com este tipo de práticas odiáveis. A tua mãe e eu já consideramos desfazermo-nos das ações que ainda detemos na Companhia, mas onde encontrar alternativas menos infames? De onde provém o rendimento de libras investidas? Do comércio de armas? Da tecelagem e do linho, que afasta as crianças da plebe da escola? Do chá e das mercadorias da china dos quais os meios de transporte também servem para transportar escravos? Um velho padre-missionário contou-nos que, pouco depois da sua chegada ao que agora se chama América, os Europeus alegavam tomar posse da terra. A reação da população local não era de recusa mas de incredibilidade. Essa população não concebia a ideia de posse da terra. Segundo quem hoje ainda sobrevive a esta ocupação arrogante, só é possível pedir o uso da terra à Natureza ou ao Grande Espírito. E o uso é possível, desde que a terra é tratada com respeito. É possível viver sem posse e ter tempo para filosofar e produzir trabalho científico? Ou para o fazer, é necessários dispor de tempo de ócio, este tempo aspirado pelos*

antigos Gregos, implicando posse e escravos para assegurar a própria sobrevivência? Segundo alguns relatos de missionários no Sul da América, aí também povos constituíram Reinos, nos quais Reis e nobres ricos obrigavam súbditos pobres ao árduo trabalho nos campos e na construção das cidades.
A segunda notícia vem de fonte segura. Desde o início da ocupação de terrenos pelos Portugueses e os Espanhóis no além mar as atividades principais dos Jesuítas eram duas. Por um lado consideravam o seu dever de providenciar os órfãos de Europeus, mas também os filhos da elite que aí se instalou, da educação e formação necessária para mais tarde terminar estudos universitários em Portugal ou na Espanha. Viam como outro dever seu a instalação de postos de missão ou 'reducciones' através dos quais era possível evangelizar a população local e tornar todas as pessoas respeitosos súbditos do Rei evitando assim o trabalho forçado de escravo. É verdade que estes missionários mostravam mais interesse do que os outros ocupantes na aprendizagem das línguas locais, mas com a intenção de se tornar mais eficiente na evangelização. Parece louvável e muitas vezes também o era segundo os relatos de comprometimento humano de que dispomos. Contudo há outros relatos, traduzidos de línguas que já se falavam na região há mais de trezentos anos. Neles dá-se conta que as 'reducciones' não eram assim tão amigo da população local que aí também era sujeito ao trabalho de escravo. Estes relatos vêm hoje mesmo a calhar para quem considera que a Sociedade de Jesus é demasiado poderosa e a acusa querer ser tão ou mais poderoso como os reis nos reinados, o que a torna subversiva.

Não está no nosso intuito de atirar a primeira pedra e também não temos o hábito de aceitar sem mais o que amigos e correspondentes nos contam, sem procurar confirmar ou infirmar a partir de outras fontes o que nós é dito. Seja como for, pensamos ser possível de afirmar que a posse de escravos como extensão da posse em geral, é, desde os primeiros tempos, fruto das relações impostas por quem detém bens a quem não detém nada. E a esse respeito os Europeus estão hoje em primeiro lugar. E localmente cada um deseja prender cada outro a sua própria interpretação do conceito de humanismo.
Nos, querido filho, só desejamos prender-te nos braços, se nos permites o trocadilho.
Os teus pais que te amam.

Queridos pais,

Li com muita atenção a vossa última carta. Concordo convosco que constantemente temos que procurar assumir uma atitude não agressiva com os nossos interlocutores e com as culturas que nos são estranhas, sem por isso analisar criteriosamente aquilo que nos é contado. Aqui, em La Flèche procuro aprender como eu próprio posso melhor separar o pensamento dogmático do pensamento investigativo.
Mas antes de continuar quero-vos dizer que o meu coração deu um salto de felicidade, quando li que nos querem visitar quando estarei de volta em Lille. Mandei logo uma carta a Mathilde e podem imaginar que ela também está muito feliz com a ideia. Entretanto Mathilde deve já estar de regresso em Lille. Estou à espera da próxima carta dela. A minha estadia termina de aqui

três meses pelo que será a última carta que vos escrevo de La Flèche. Podem enviar novo correio para a Rue des Carmes?
Agora retomo o fio dos pensamentos. Consegui folhar o diário de Hendrick Hamel com a descrição que faz do Reino de Coreia. Ele traça a imagem de uma dinastia que estabelece o seu poder com base no confucionismo clássico. As circunstâncias de vida dos súbditos e escravos aí não parecem muito diferente de quem na Europa é sujeito aos Reis que dizem governar com a Graça de Deus. Claro que não faço de uma descrição específica uma realidade geral. Também não faço de um príncipe o exemplo de todos os príncipes Cristãos. Não é possível dizer que o Duque de Brunswijk-Wolfenbüttel é representante moral de todos os duques cristãos, e não se reconhece no Cardeal Fleury todos os cardeais.
Vou portanto contar o que entendi da história dos senhores das terras de Koryŏ. Pelo que sabemos, essas terras continuam a ser governadas pela dinastia Chosŏn. Naquela específica comunidade confucionista, a poligamia é usual, mas ritualizada com uma espécie de monogamia imaginária. Desenvolveu-se depressa um sistema de status determinando que só os filhos nascidos da primeira esposa podem herdar o estado yang-ban do pai. A regra teve como consequência que yang-ban não davam as suas filhas em casamento como concubina. Logo estas vinham de estados considerados inferiores. Os filhos da segunda esposa são portanto duplamente desfavorecidos se ambicionam o status yang-ban. Não o conseguem herdar do pai, mas também não o conseguem através da mãe, já que só mulheres yang-ban estão em condições para advogar este estado para os seus filhos. Diz-se que as rígidas regras de e para as famílias da elite de topo têm a sua origem nos

escritos de Zhu Xi e os seus discípulos em relação ao agregado familiar. Os sábios-funcionários confucionistas locais aí encontraram argumentos para a severa hierarquia entre esposa e concubina e assim basear a moralidade e o direito de família em valores confucionistas. Concubinas têm menos direitos, logo os seus descendentes também. Não podem participar nos exames para os postos de alto funcionário por exemplo. Diz-se que hoje a situação terá mudado um pouco, mas mesmo depois do diário de Hendrick Hamel, as notícias provenientes daquelas regiões são escassas e difíceis de verificar. As tensões com o Japão são capazes de ter originado as presumíveis mudanças. O crescente número de filhos secundários exerceria cada vez mais pressão sobre a elite, da mesma maneira como entre nós os número de figuras que descende da grande nobreza e engrossa o alto clero. Em Koryŏ as regras parecem ser subtilmente manejadas. Alega-se que o ditado confucionista acerca da igualdade dada pelo céu aplica-se ao talento recebido e não se aplica ao estado o que permite a elite de salvaguardar a sua posição. Descendência e talento são coisas diferentes. Será exequível alguém passar um exame devido ao talento concedido pelo céu, dando equivalência, mas não o fazendo ascender à alta nobreza. Muitos altos funcionários advogam o hŏt'ong*, o direito de participar no exame do estado mas nunca falam de igualdade. Só é referido que talentosos homens deveriam ter a oportunidade de participar no exame e ser recrutado. Outros refutam esse argumento. Alegam os ditos de Yi Hwang, por exemplo. Há duzentos anos o sábio explicou porque se opunha ao* hŏt'ong: *a distinção entre filhos primários e secundários e entre nobreza e os outros estados é essencial, devido*

a direito de propriedade. É a única forma para manter mão firme no Estado e no agregado familiar. O Estado não se pode livrar dessa diferença essencial. Para Yi e quem a ele recorre, a confucionista ordem social baseada no direito à propriedade é mais importante do que a admissão de alguns homens talentosos provenientes dos filhos secundários. Aliás, os próprios não se entusiasmam muito com esse direito ao talento ou com a ideia de equivalência. Querem ser Yang-ban, logo querem simplesmente aplicar a autoridade confucionista a si próprio. Os altos funcionários que advogam hŏt'ong *ficam portanto a falar sozinhos. Mesmo quem, segundo eles, poderia daí tirar proveito não vê nisso interesse.*

Para agravar tudo, a muito acentuada separação entre os estados, a myŏngbun*, continua intacta e a vingar. Tem como efeito secundário de aumentar o número de escravos. O caso de dupla hereditariedade maternal e paternal não só contribui para as leis de proteção dos estados mas também para promover a escravatura. Donos de escravos fazem o que podem para fomentar o casamento entre escravos ou para os fazer ter relações com a plebe, e originam assim maior descendência de escravos. O patriarca de uma família de lavradores pobres dá as suas filhas em casamento a escravos, para se livrar delas mas também para ganhar novos escravos. Homens pobres não têm poucas hipóteses a não ser de casar escravas e assim procriar escravos. Os pobres escravizam-se para escapar aos impostos. As receitas estão a descer continuadamente há mais de um século.*

Quero salientar que nessa zona tanto confucionistas conservadores como reformadores consideram myŏngbun *uma lei da natureza,*

uma fronteira bem definida entre alto e baixo, entre nobre e plebe, entre dono e escravo. Aceita-se de certa forma que todos nascem filho do céu e da terra. Mas na terra, ser membro da sociedade tem significado diferente para cada um: aqui, diz-se, cada pessoa empenha o papel que lhe foi atribuído pelo céu, conforme a sua posição: o senhor age como senhor, o escravo como escravo, o pai como pai, o filho como filho.
Repito, nem de longe quero afirmar que o exemplo faz o desenho completo de toda uma filosofia de uma sociedade não-cristã. Quero antes mostrar-vos que o vosso esquema relacional entre arrogância e ignorância não se aplica só às sociedades com religiões abraâmicas. Infelizmente.

E com isso fecho essa reflexão

Dieudonné que vos ama.

Querida Maria,

Querida irmã, esta carta é um complemento às cartas que escrevo para os nossos pais e de que estou certo que também as lês. Lembras-te como alguns anos atrás falámos da misoginia e nisso incluímos a Ordem dos Jesuítas devido à sua política em relação ao teatro e os papeis de mulheres? Ouvi agora aqui que na Província Flandro-Belgicum*, portanto também na Flandres dos Países Baixos, esta proibição para incluir personagens femininas é muitas vezes desrespeitada pelos governos de escola locais. Foi me dito aqui que existe até teatro feminino e que há notícia de representações com elenco misto. Será que Begga e tu conseguem mais informação a este respeito? Repara que não se*

trata de uma nova diretiva oficial, mas antes da infração espontânea de uma regra impossível de aplicar. Se, além disso, esta infração é tolerada, temos mais um exemplo da hipocrisia associada à misoginia.
Outro assunto. Não fiquei muito impressionado com a escola para pobres em Sablé-sur-Sarthe. É decepcionante, querida irmã, quão depressa a paisagem seca quando se procura bons exemplos de divulgação de conhecimento aos rapazes que não pertencem à burguesia ou nobreza. De raparigas nem falo, nem para os altos estados existem, como muito bem sabes. Não me dou rapidamente por vencido mas mesmo se conseguimos edificar estas escolas para os menos abastados, serão sempre escassas excepções.
Os nossos pais têm falado de nos visitar em Lille para conhecer o resto da família. Seria claro um enorme prazer te ver acompanhá-los nesta visita.

O teu dedicado irmão Dieudonné

Meu querido, querido, querido,

Com que então estou de regresso em Lille. A viagem foi um pouco difícil porque o pequeno Yann muitas vezes não conseguiu controlar a sua impaciência. Ele dorme menos agora e é mais complicado de o manter sossegado num coche aos saltos. Mas no fim correu tudo bem e foi muito agradável reencontrar o espaço que nos é familiar. Só falta tu, querido Dieudonné. Penso quase todo o tempo em ti e conto as semanas que nos separam.
Mesmo antes de deixar Cirey, assistimos a um episódio que caracteriza Émilie. Já havia algum tempo que ela tentava

convencer Sieur Maupertuis para se instalar algum tempo em Cirey e continuar as aulas de matemática, interrompidas quando ela deixou Paris. Mas o castelo continua em reconstrução o que transtorna muitos visitantes e Sieur Maupertuis comunicou que lhe falta o tempo para a visitar 40 milhas fora de Paris, porque está a trabalhar num grande projeto. Foi assim que aprendi que a disputa entre Cassini e ele próprio em relação à forma da terra levou o Rei a financiar duas expedições para esclarecer as coisas. Foi bem jogado. As medições vão prestigiar a Académie des Sciences, seja qual for o resultado. Afinal ambas as expedições são financiadas com dinheiro francês e vão ser conduzidas por franceses, Sieur La Condamine e o próprio Sieur Maupertuis. De uma República das Letras poderia se esperar outra coisa, mas dificilmente se imagina uma atitude cosmopolita da parte de uma Corte reinante. E as expedições dependem efectivamente de quem as paga. Émilie exigiu de Sieur Maupertuis que ele lhe comunica o que descobre assim que o consegue fazer, porque finalmente será possível determinar por observação direta a veracidade de um dos cálculos de Isaac Newton, de quem ela e Sieur Voltaire tantas vezes falam com paixão.
De resto o despedimento foi muito caloroso. Pretendo continuar a corresponder com Émilie e também com Therèse Geoffrin e ambas encorajaram-me para assim fazer.

Querido Dieudonné, o meu coração anda aos saltos. Esforço-me para conter a minha impaciência em aguardar o momento que voltaremos a falar olhos nos olhos.

A tua Mathilde

Querida Mathilde,

Esta carta segue enquanto também já estou de viagem. Quando a lês, provavelmente já estarei perto de casa. Escrevo-a uma semana antes da minha saída para Lille. Este ano em que não nos vimos passou. Querida Mathilde, espero que, se outras viagens se anunciam, as faremos juntos.
Ontem tivemos a nossa última conversa entre colegas de estudo, mesmo se todos nós solenemente prometemos continuar a escrever-nos. O debate abordava sobretudo a percepção, a causa e o efeito e a realidade, incluindo a difícil questão se vivemos num mundo determinista ou se existe o livre arbitro. Tenho a sensação que esta pergunta ainda vai ocupar as mentes dos filósofos e dos filósofos da natureza nos séculos vindouros. Certa altura, rimo-nos juntos porque tínhamos o sentimento coletivo que éramos todos filhos de Erasmo, mas também um nadinho de Lutero. Para ser mais claro devo contar que na nossa conversa não tanto o Transcendente mas antes a Natureza capturada em leis matemáticas por Newton foi avançada como sendo determinista, logo também a Natureza da Ação Humana.
Amo Afer voltou a ser falado. Terá dito recentemente que todo o cognoscível ou é algo em si, ou uma sensação, ou uma operação da mente. Pareceu-nos bastante claro. Para quem entre nós se ocupa de ensino e educação a sua tese ao respeito da aprendizagem é interessante. Obviamente todos subscrevemos as palavras de Newton que hipóteses não são meras invenções, mas que elas se baseiam em saber e conhecimento acumulado. Mas como acumula-se este conhecimento ao certo? Como ganhamos certeza acerca da coisa em si? Amo Afer afirma

'Omne cognoscibile aut res ipsa' *e pelo nosso entendimento explica-o da seguinte forma: 'Aprender verdadeiramente é juntar conhecimento acerca e através das coisas em si. A base da cognição é portanto a certeza acerca da coisa em si'. Aguardamos a próxima publicação dele, na qual, ao que afirma, ira aprofundar estas ideias.*

David entreteve-nos com as teses do conterrâneo dele George Berkeley. Este avançava há uns vinte anos no Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge *que só nos é possível observar parte da criação de Deus, porque estamos condicionados pelos nossos sentidos. Só existe realmente aquilo que constatamos mas todas as ideias, ou seja, todo o nosso pensamento existe interiormente. Um dos nossos professores observou que segundo colegas de Paris, isso não é mais do que levar até ao absurdo o ponto de vista dualista de Malebranche quando fala da relação entre corpo e espírito. Admito que consigo acarinhar a observação mas constato que por parte de Oratorianos e Jesuítas surgem acesas discussões nem sempre baseadas na razão. Seja como for, para o trabalho em curso, David estaria também a pensar no que Amo Afer designa por* **constatação** *e que ele chama* ***experiência****. Contas feitas pensa ele, a fonte de conhecimento é essa, é para ela que volvemos para investigar aquilo que ainda não sabemos. Logo, observar é necessário. E o que observamos ou constatamos? É difícil, talvez impossível de encontrar a substância que se esconde atrás daquilo que experimentámos. Pode-se encontrar o verdadeiro Eu através de autoconhecimento? Ou só é possível encontrar determinadas observações e estados de consciência? E podemos efetivamente*

constatar a causalidade? Ou só nos é possível ***deduzir*** *a causa a partir de dois acontecimentos independentes? Então não é o SER da coisa, da relação entre as coisas, do Outro, mais do que o HABITO de sempre voltar a ver aquela coisa, aquelas relações, aquele Outro. Mas significa isto então que aquilo a que chamamos realidade não é mais do que uma realidade provisória? A partir dai seguiu uma conversa muito animada acerca do sentido da repetição das observações e do significado da elaboração de experiências para permitir a outros, estudantes por exemplo de (vi)ver o que nós ja vi(ve)mos. Porque é isso mesmo que nos permite perceber a natureza e as suas regras. Mas David colocou as coisas da seguinte forma: no fim, nunca posso ter a certeza que o que hoje é o resultado de uma causa também o será amanhã. Com alguma auto-zombaria continuou que como filósofo, na sua mesa de trabalho, pode ter estas dúvidas, mas como pessoa que anda na rua e leva um encontrão sabe que a dor que segue é consequência do encontrão recebido.*

Como eu próprio estou bastante bem ao par dos textos de Zera Yacob e acabei de ler 'De humanae mentis apatheia' *de Amo Afer, ouso dizer que Amo, mais do que Yacob, baseia a sua forma de pensar na dedução lógica com argumentos estritos. Assim mostra que tem dificuldades com o dualismo de Descartes que propõe a essencial diferença entre corpo e espírito. O meu companheiro de estudos mais viajado fez há pouco a observação de que talvez Amo volte para as suas origens tribais e a sua língua materna quando pensa acerca do corpo e do espírito.*

Se bem entendi, David quer voltar a pegar neste fio. Ele diz que o espírito é conduzido pelos sentidos, mas mesmo assim opera por

si próprio. Embora não conseguimos efetivamente observar causa e efeito, aceitamo-lo. Mais, a nossa experiência faz nos aceitar que, depois de ter experimentado a conexão uma vez, iremos experimentá-la sempre de novo. Mas isso não é mais crença do que observação, uma espécie de instinto que decorre do hábito? Não é possível apagar este tipo de crença. Também não é possível apagá-la quando ela nos permite desenvolver Saber acerca da realidade ou quando ela nos faz ver uma imagem auto-construída dessa realidade. Vemos que um pássaro não tem braços, mas tem asas, vemos que outro pássaro também não tem braços, mas tem asas e dizemos que todo e qualquer pássaro tem asas e não tem braços. Isto é verdade? Cada vez que colocamos uma chaleira no lume, observamos que depois de um certo tempo a agua ferve. Disso deduzimos que a água na chaleira que acabámos de pôr no lume de aqui pouco irá ferver. Isto está certo?

A maioria dos meus interlocutores estudam diferentes ramos da ciência. Admito que às vezes tenho dificuldades de seguir a conversa quando falamos de causa e efeito e ao mesmo tempo do ser humano, o seu espírito e a natureza em geral, sobretudo com historiadores no grupo. É possível falar de regras, isto é, de situações recorrentes, para todas as coisas? A regra matemática que descreve as órbitas dos planetas ontem e hoje, também será válida para as órbitas desses planetas amanhã, depois de amanhã e de aqui mil anos? É possível deduzir da história da espécie humana e dos reinos passados uma regra que descreve com exatidão o futuro da espécie humana e dos reinos? Ou será que só podemos falar de uma probabilidade que quando algo

começa de uma determinada maneira, a coisa acabará daquela outra maneira? Em que é que estes pensamentos nos são úteis para o nosso sonho de fazer participar todos na exploração e reunião de todo o Conhecimento? Mesmo com regras muito bem definidos, a Pequena Escola dos Irmãos Cristãos provoca efeitos muito diferentes para crianças diferentes. Depois de a ter percorrida, nem todas as pessoas têm a mesma capacidade de leitura e escrita, alguns permanecem iletradas, enquanto outros rapidamente conseguem superar o mestre. Tem o processo de aprendizagem do rapaz a ver com a certeza acerca da coisa em si, como Amo considera ser o caso para o filósofo da natureza? Como funciona a aquisição de hábitos na Pequena Escola e como é que ela conduz a própria aprendizagem de tudo que é sabido? Qual é o papel da experimentação e da repetição da observação de algo que outros já observaram ou experienciaram?

Mathilde, levo muitas perguntas para casa. Juntando-as à experiência e ao conhecimento que acumulaste em Cirey, teremos matéria para não nos aborrecer nos próximos anos, penso eu. Podemos continuar a trabalhar nas nossas ideias. Já estou a pensar nas próximas atividades de souper.

Uma última notícia. Esta manhã dois dos meus professores aqui, comunicaram-me que me irão munir de uma carta de introdução e outra de recomendação para um lugar de docência no Colégio dos Jesuítas em Lille.

Abraço-te com ternura,

O teu Dieudonné.

Dieudonné e Mathilde transbordam de felicidade agora que estão novamente juntos. Começa o período mais tranquilo da sua vida. Aqui, em Lille, acompanham o que acontece na vida mundana da França, mas também na *República das Letras*, graças a uma vasta correspondência e às muitas visitas que recebem.

O renovado encontro com a família Larouge-au-Château é menos frio do que era em Paris e o entusiasmo com o qual Dieudonné e Mathilde falam dos seus planos para consolidar um salão de fim de tarde local de maior movimento tem um efeito inesperado. O pai de Mathilde decide financiar-lhes a compra da casa adjacente à deles, podendo assim aumentar bastante a sua habitação. Depois das obras de adaptação, meses que passam em casa de Pierre Lacour, dispõem de uma grande sala no res-do-chão no qual podem facilmente receber vinte a trinta pessoas.

Pouco antes de iniciar a ampliação também tiveram a visita dos pais de Dieudonné que vieram sozinhos. Maria tinha muito que fazer com Begga e não quis interromper o seu trabalho de pesquisa. John em Marianne optaram pela cómoda e tranquila viagem de barco. Em pouco mais de dois dias chegaram a Lille, depois de ter passado uma noite em casa de amigos em Gent. Fizeram planos para no regresso ficarem alguns dias naquela cidade que foi o seu primeiro destino depois de deixar Köln.

Mathilde entende-se logo muito bem com os sogros. Conversam com frequência acerca dos novos anexos para o

Opus Omnia, que vai na terceira edição. Dieudonné conta como a obra foi inicialmente recebida com alguma frieza entre os seus companheiros de estudo em La Flèche. Hoje, ele tem muito melhor consciência que o modo como em tempos apresentou o trabalho em Paris, não podia se não causar rancor. Combinando os dois assuntos[1] acerca de formação e modos de ensinar com a caracterização de pessoas em função da arrogância e da ignorância deu sem querer os seus interlocutores a ideia que os criticava pessoalmente.
Então, John diz: "Tenho a firme convicção que existe uma conexão entre o modo como um mestre-escola ou um docente orienta o processo de aprendizagem dos jovens e o modo como este mestre-escola ou docente se vê a si próprio. Mas requer uma boa quantidade de diplomacia para tornar isso assunto de conversa entre os próprios docentes."
Mathilde desata a rir: "Diplomacia não é o meu maior forte. E Dieudonné também não é reconhecido como diplomata quando ele defende os seus pontos de vista em relação à educação das crianças."
Depois de um curto silêncio, Dieudonné diz: "Neste momento, é sobretudo o segundo dos três esquemas que me ocupa a mente. Em La Flèche senti o interesse pelos esquemas. E observo frequentemente, como aí também aconteceu, que não deixa de afirmar que se baseia no diálogo quem instrui. Só os docentes mais dogmáticos, que constantemente censuram os estudantes, afirmam honestamente unicamente fazerem uso de perguntas corretivas assim que os discípulos desviam da

[1] Ver esquemas acima, O nascimento da ignarometria

Verdade dos Mestres.”
“Eis um bom exemplo de como funciona o estreitamento da mente,” observa John. “Pelo meu entendimento tem tudo a ver com a escolástica desenvolvida nas Escolas Latinas e nas Universidades como em muitos colégios. Mestres de aula menos formados confundem a dialectica sofista com o diálogo socrático. Mas ilude-se quem pensa que os dois modos são equivalentes. Quando docentes dizem que não praticam o oratório mas que recorrem à colocação de perguntas para envolver os estudantes, existem grandes nuances. Os sofistas convencem os estudantes da sua razão de *Docente Sabido na Matéria*, colocando perguntas manipuladoras. Ao invés, o diálogo socrático, pelo menos na sua versão original, procura exatamente evitar a manipulação e apoiar o estudante para construir a sua própria argumentação. O estudante é levado a aprender como organizar o seu empreendimento à procura de conhecimento e como contribuir para novo conhecimento.”
Marianne afirma: “Pelo que vejo e oiço, os dogmáticos têm sempre a intenção subjacente de convencer os outros da sua razão como sendo a única verdade. Para o fazer eles recorrem à retórica ou à escolástica sofista. Não raras vezes, observamos que docentes na universidade na realidade unicamente transmitem um ponto de visto como sendo a verdade, sem questionamento investigativo, afirmando contudo utilizar o diálogo socrático.”
“Este hábito torna bastante difícil distinguir a aprendizagem dialogante da aprendizagem instruída,” observa Dieudonné. “Se copiamos o modo de ensino utilizado nas *Artes Liberales*

para a Pequena Escola, raramente estamos em presença de diálogo numa como noutra situação. Se, além disso, o mestre-escola da Pequena Escola entende que os alunos são uma folha em branco perante a introdução de cada conceito considerado novo para eles, então ele pode facilmente pensar que a aprendizagem dialogada é impossível na Pequena Escola."
Agora Mathilde observa: "Aí reside portanto uma grande dificuldade. É difícil conseguir que os mestres-escolas aceitam as crianças como seres pensadoras e que a aprendizagem dialogada é possível. Para o conseguir é necessário uma sólida formação que contraria preconceitos e hábitos. A escola por isso trava o conhecimento em vez de o estimular. Quantas vezes os mestres-escola só dizem às crianças como o mundo funciona e quantas vezes já vimos na História que o que antes era a explicação, hoje é considerado disparate ou superstição?"
"É mesmo," diz Marianne, "quem disse que a intervenção mágica desaparece assim que o fenómeno é entendido? Os últimos duzentos anos verificamo-lo tantas vezes. Mas quando ouvimos quem lê manuscritos e documentos dos primeiros tempos do livro impresso, entendemos que é um velho problema humano. Temos tanta pressa em encontrar uma explicação para tudo que observamos e experimentamos que não nos perturba minimamente, na melhor das hipóteses, dar uma explicação Divina, e, na pior das hipóteses, inventar uma força mágica qualquer."
Dieudonné mostra concordar com a mãe, olha para os pais e diz: "Penso nos escritos de Wolfgang, de Pieter mas também no vosso trabalho. Quando falam da aprendizagem, colocam-

se na perspectiva de quem estuda e não de quem leciona. Daí deriva que não só o próprio mestre deve ser um bom estudante, mas sobretudo deve ser perito no diálogo construtivo para o estudante. Isto é um ponto muito importante.”
Dieudonné lembra depois os jogos de cartas que elaborou em Paris. Aquelas cartas não tinham só como objetivo de introduzir um elemento de jogo. Dieudonné pensava que assim proporcionava a cada discípulo individualmente aquilo que precisava para se desenvolver, baseando-se na sua própria experiência e observação. Hoje duvida. Não promove um baralho de cartas unicamente o diálogo interno?

Os *soupers* em casa de Lemaître-Larouge tornam-se *dîners* e são muito apreciados. Desde que voltaram a Lille, Dieudonné e Mathilde organizam três vezes por semana um serão para dez a vinte pessoas que consiste num jantar seguido de uma conversa. Só pedem aos convidados de trazerem novidades interessantes para partilhar durante o *dîner* e a tertúlia que segue. Durante o *dîner*, a conversa costuma ser mais leve. Um dia, falando das novidades de Paris, aprende-se que a Duquesa de Maine e fundadora da Ordem da Mosca de Mel decidiu aluguer o Hôtel Peyrenc de Moras da viúva desta hábil figura sem escrúpulos. Especula-se bastante como serão as festas que Louise-Bénédicte de Bourbon poderá organizar no imenso parque desta grande mansão. Uma das perguntas trocistas é o que farão os convidados aristocratas que só souberam esconder a sua ruína financeira por vender muitos dos seus bens abaixo do preço a Peyrenc de Moras dando origem a este palácio. Os comensais

estão convictos que a vaidade fala mais alto do que a dignidade e que os aristocratas nem pensam em não aparecer numa atividade mundana organizada por Madame de Maine. Mas numa noite assim, o debate toma um caráter mais científico depois do repasto. Um dos convidados é médico e, como muitos dos seus colegas, também é filósofo da natureza. Tem especial interesse para o que ainda há cem anos era alquimia e que agora, graças ao trabalho de pessoas como Jean Baptiste Van Helmont, é conhecido como iatroquímica. O convidado de Dieudonné e Mathilde fala das investigações do recente falecido médico Georg Stahl que foi durante muito tempo médico da Corte do Rei da Prússia. Ele dizia de si próprio que era médico e químico. Segundo ele, a iatroquímica não tinha nenhum interesse para explicar a vida ou para sustentar a argumentação médica, só servia para fabricar medicamentos. Mas também não partilhava a opinião daqueles filósofos da natureza que tentam explicar a vida com modelos mecânicos. Afirmava que a doença é sobretudo o resultado do envelhecimento e do estado de espírito da pessoa. Logo, dizia, é preciso ter muito cuidado com o uso de meios químicos e de outras técnicas invasivas num doente. Segundo Stahl, a química não tinha nada a ver com a própria vida. Sendo químico ele só estudava a composição das substâncias e o efeito sobre o corpo. Ele suspeitava por exemplo que a substância agressiva que provoca feridas na pele pode ter composições diferentes. Agora, conta o convidado da noite, Sieur Henri Louis Duhamel du Monceau conseguiu provar a verdade dessa afirmação. Ele demonstrou há pouco tempo que os sais de potássio e os sais de sódio originam soluções líquidas

com efeito similar mas que diferem uma da outra na sua composição química. A conversa naquela noite origina uma discussão em como levar jovens a fazer experiências em segurança, para se apropriar o melhor possível do crescente volume de conhecimento disponível.

Pouco depois dos pais de Dieudonné terem regressado a Oostende, fala-se num outro *dîner* da incursão da nobreza governante na economia. Um dos convidados pergunta Dieudonné se os pais estiveram financeiramente interessados na Companhia das Índias de Oostende. Dieudonné surpreende alguns convidados quando responde que ainda o são. Pelo que se sabe oficialmente, o tratado de Viena de 1731 proibiu a companhia no rescaldo da promessa de sucessão ao trono que do Império Germânico da filhas do Imperador Carlos VI. Dieudonné explica que embora proibida no papel, na realidade continuam a sair navios equipadas por armadores da Companhia de Oostende. "Aliás, ouvi do meu pai, ainda há pouco, que o retorno do capital investido está terminado, com um lucro limpo de mais do que uma vez e meio o capital inicial. E penso que o tratado de Viena tem sobre a atividade da Companhia de Oostende tão pouco influência como terá para segurar o trono de Maria Teresa Walburga, reparem no que vos digo," termina Dieudonné que, naquela noite, recebe os seus convidados sem a presença de Mathilde[1].

---

[1] Pelo que se pode deduzir de documentos acerca da Companhia, recentemente encontrados durante uma escavação, esta conversa data provavelmente do início de 1737. Pode também ser o ano de nascimento dum irmão de Yann, brevemente referido numa carta de Yann ao seu segundo irmão, Karel, que muitos anos mais tarde, depois da morte de Dieudonné, irá acompanhar a sua mãe para Oostende. *Ver volume 04 - O Privilégio do Saber*.

Numa outra noite, fala se de Bach. Há muito que o compositor famoso trocou Köthen por Leipzig e abordam-se os concertos de teclado para cravo. Alguém explica a diferença entre cravo e piano-forte e há quem pergunta se alguma vez os concertos de Bach serão tocados neste novo instrumento de teclas. Há quem afirma já ser o caso. De resto, para uns, Bach decidiu abandonar a sua vida tranquila de Köthen de propósito para a vida certo mais agitada mas muito mais rica de Leipzig. Aqui tem a possibilidade de compor obras mais impressionantes. Terá havido uma razão familiar também. Os seus filhos têm em Leipzig acesso a estudos numa boa universidade. Mas para outros, a mudança só teve a ver com o gosto musical da esposa do Príncipe Leopoldo. A conversa aborda a notação musical e um dos presentes pergunta se alguém sabe mais acerca daquele jovem Jean-Jacques Rousseau. Há quem sabe que ele estaria a trabalhar numa nova notação. Sabe-se pouco acerca dele, mas Dieudonné promete que vai tentar encontrar mais informações acerca do homem.

Émilie de Châtelet escreve uma longa carta a Mathilde na qual aborda problemas com uma camareira. Ela pensava que se tratava de uma jovem bem educada, irmã de Monsieur Linant que tinha considerado suficientemente instruído para ser o preceptor do seu filho. Mas agora surpreendeu-a a falar dela num tom rude e insultuoso. Ela escreve que não teve outra opção a não ser de despedir os dois, razão pela qual está à procura de um novo preceptor para o seu filho. Ela quer lhe providenciar a melhor educação possível, afirma. Mathilde brinca com Dieudonné que ele se poderia solicitar o encargo de

preceptor em Cirey. Há alguns anos a ideia poderia ter sido tentadora, mas hoje têm em Lille uma vida bem mais agradável do que estar na quase constante presença de Voltaire, apesar das conversas sempre estimulantes com Émilie.

No mesmo período, Dieudonné recebe notícias de David Hume dizendo que regressou para Paris a caminho para a Escócia e que tem o *Tratado da Natureza Humana* pronto para a primeira prova. Dieudonné espera ter rapidamente um exemplar do trabalho de David nas suas mãos.

Os anos trinta estão a chegar ao fim. Dieudonné e Mathilde seguem passo a passo os acontecimentos em Cirey. Frequentemente servem de fonte de inspiração para as mais sóbrias conversas de serão em Lille.

Torna-se evidente que o conhecimento de Émilie, mas também a sua longa relação com Voltaire, provoca inveja aqui e ali. Num *dîner*, uma amiga de Mathilde fala do maldizer Parisiense acerca de Madame de Châtelet que o seu amigo e amante trata carinhosamente de *Madame Pompon Newton*. Madame de Graffigny terá dito em tom zombeteiro que Émilie se adorna com demasiados ornamentos. Madame Duffand foi em tempos mais cruel. Ela contava a quem o queria ouvir que a Marquesa de Châtelet lhe tinha exibido toda a sua 'loja de jóias': "*Ela tem quinze ou vinte caixas de rapé de ouro e pedras preciosas admiravelmente lacadas. Há aqueles com a nova moda escandalosamente cara de ouro esmaltado. Vi um número igual de jóias tratadas da mesma forma, uma ainda mais bonita do que outra. Mostrou-me vitrines cheias de caixas e estojos com jaspe e diamantes. Também possui uma grande coleção de anéis,*

com diamantes não muito bonitas e muitas pedras raras. De resto há uma coleção sem fim de bugigangas. Há brincos, pompons e pedras preciosas em abundância."

Mathilde admira o grande talento de Émilie e considera que são manifestações de inveja e má-lingua feminina entre mulheres muito consideradas como *salonnières* mas pouco preocupadas com a ciência e mais viradas para atividades musicais e literárias mais leves. Ela cita uma carta de um amigo, escrita em dezembro de 1738 que evoca Madame de Châtelet no seu castelo de Cirey a entreter os seus convidados com uma tradução improvisada na hora dum estranho livro de Wolff escrito em latim.

"O filósofo é de origem alemão e não britânico, como pensava o meu amigo," diz Mathilde, "mas seja como for, ele escreve: '*Esta manhã a nossa anfitriã leu-nos em voz alta os cálculos geo-métricos dum sonhador inglês que quer demonstrar que os habitantes de Jupiter têm a mesma altura como o Rei Og referido na Escritura. Não sei se consegues rir com esta proeza, mas nós divertimo-nos muito com a tontice de alguém que dedica tanto tempo e trabalho para aprender algo de tão inútil. Contudo, fiquei admirado com outra coisa: vi que Émilie nos lia em francês um livro escrito em latim. Antes de iniciar cada nova frase sentia uma curta hesitação. Penso que tinha a ver com os cálculos incluídos; afinal ela traduzia dum trago termos metafísicos, números e extravagância. Nada a trava. É notável.*' Penso que o meu amigo a caracteriza bem nessa descrição. Ela tem uma mente verdadeiramente incomum e um grande talento quando se trata de captar rapidamente conceitos complexos."

De seguida aborda-se uma notícia que concerne Jean-Jacques Rousseau. Deixou a amante para se fixar em Lyon como preceptor dos filhos de um juiz local. Ele tem hoje vinte e sete anos, e hoje parece interessar-se pela educação de crianças.

A seguir a este *dîner* a casa Lemaître-Larouge inicia um novo hábito. A partir de hoje dá-se a escolher entre café ou chocolate para beber. Para fazer a nova bebida mistura-se açúcar de cana com sementes de cacau torradas e moídas. Já há algum tempo que esta semente não é mais considerado remédio unicamente vendido na botica. Tornou-se, como o café, uma bebida na moda. Só alguns anos mais tarde, Dieudonné e Mathilde irão deixar de servir café e chocolate quando chegam à chocante constatação que estas bebidas de degustação provêm de plantações onde escravos negros roubados das suas aldeias originais são mantidos a trabalhar frequentemente até a morte.

A década De Châtelet

Entramos nos anos quarenta do século dezoito. Faz quase sessenta anos que Isaac Newton apresentou *Philosophiae naturalis principia mathematica* a Royal Society. Apesar de toda a crítica que lhe foi feito então, existe na Europa cada vez mais a convicção que com este trabalho ele ofereceu um poderoso instrumento matemático aos filósofos da natureza e que colocou uma série de hipóteses plausíveis em circulação. Mesmo se já naquela altura se erguiam muitas vozes para defender a publicação de documentos científicos na língua

materna, Newton escreveu a sua obra em latim, tornando-a acessível a todos os filósofos da natureza em todo lado onde o latim é ensinado. Mathilde sabe que Madame de Châtelet continua os estudos de matemática e agora também aprende inglês para se familiarizar com o meio linguístico de Newton. Não é por acaso. Tal como Voltaire e Maupertuis, ela está convicta que a nova visão sobre o universo promovida por Newton tem que ser disponibilizado a quem não percebe latim. Ela é encorajada no seu desejo de traduzir *Philosophiae naturalis principia mathematica* em francês, sobretudo depois de ter publicado a sua própria obra *Institutions de Physique.*
Dieudonné e Mathilde sabem que, com este livro, ela quer dar ao seu filho de 13 anos uma visão geral das novas ideias na filosofia da natureza. É também um bom pretexto para discutir as novas ideias com os convidados na *Rue des Carmes*. Dieudonné consegue atrair um matemático muito experiente do Colégio dos Jesuítas onde agora leciona. Este ajuda o grupo a entender como Émilie relaciona a teoria de Leibniz com as observações de Willem Jacob 's Gravesande e em última instância melhora assim uma ideia de Newton. Não há muito tempo, o professor de Leiden partilhou com Émilie as suas observações das bolas de latão que deixa cair de diferentes alturas, portanto com diferentes velocidades, numa base de argila macia. 's Gravesande demonstra assim que a profundidade da marca da bola na argila não depende só da massa da bola mas também da sua velocidade. Ele comenta com Émilie que esta observação não é coerente com as hipóteses de Newton e Descartes mas que ilustra as afirmações

de Huygens e Leibniz. Émilie sugere uma fórmula melhorada na qual privilegia a velocidade sobre a massa. Com a notação $\mathbf{E} \propto \boldsymbol{mv^2}$ ela declara matematicamente que o '*vis viva*' de Leibniz descreve melhor a natureza do objeto em queda do que o '*vis insita*' de Newton.

Dieudonné lembra-se das prelecções de Willem Jacob 's Gravesande em Leiden e fala da sua sabedoria didática. O professor tinha uma grande habilidade para visualizar os acontecimentos da natureza abordados nas suas aulas, recorrendo a experimentos. Ele concebeu, entre outros instrumentos, o helióstato e as engrenagens de colisão, recorrendo aos fabricantes e artesãos Jan e Pieter van Mussenbroeck para os construir. O que Dieudonné conta abre outro vivo debate entre os docentes presentes acerca da utilidade deste tipo de experimentos no Colégio, não só para visualizar fenómenos mas também para levar os estudantes eles mesmos a tirar conclusões baseadas em demonstrações experimentais.

Quando a discussão entre os docentes se extingue, Mathilde volta ao texto de Émilie relatando o mundo físico e explica que ela não se limita a dedicar o livro ao seu filho, mas que o escreveu especificamente para ele, como está bem presente no prefácio. Contudo, diz Mathilde, não se trata só de uma mãe que escreve para o seu filho. De certa forma são todas as mães a escrever para todos os filhos e as filhas. Como é que o mundo pode evoluir, se homens sábios só filosofam entre eles, excluindo as mulheres de muitos dos seus círculos e mesmo das suas casas de café? E o que será o aspecto do mundo, se

sábios e bem abastados senhores se debruçam só sobre a educação dos seus próprios filhos, mas continuam a não dar atenção à educação e formação de todas as crianças? Mathilde lembra mais uma vez que Ian Amos Comenius tinha este sonho há cem anos, mas que ela sente que a verdadeira Pequena Escola e o verdadeiro Colégio para todos ainda nem sequer se esboçou.
Mathilde ilustra como Émilie, com este livro, procura acompanhar jovens estudantes no desenvolvimento do seu raciocínio matemático. Para o conseguir, ela utiliza primeiro conceitos geométricos menos abstratos e introduz depois a álgebra mais racional. Mathilde enfatiza como Émilie argumenta que já na formação durante a idade infantil a cultura científica deve ser posta em pé de igualdade com a cultura literária. Contudo, acrescenta Mathilde, sem deixar de admirar Émilie e se considerar sortuda de corresponder com ela, também constata que nem a Émilie pensa necessariamente em ***todas*** as crianças, quando fala da formação em matemática. Dieudonné e ela próprio querem acentuar este aspecto de formação geral para todos. Pensam que uma formação desse género contribui para uma comunidade humana menos ignorante e menos arrogante tendo como corolário haver menos vítimas dessa mesma arrogância e ignorância.
Dieudonné lembra os presentes que a ignorância não é uma característica inata de pessoas pobres a quem é negada a escola ou para quem a escola é transformada num local de instrução menor. Segundo ele, a instrução sobrepõe-se à

aprendizagem também no mundo adulto mais rico. Ilustra a sua preocupação com um exemplo vindo da comunidade da *República das Letras* quanto à Biblioteca da Universidade de Oxford. Segundo esta comunidade, a frequência de consulta na *Bodleian* é francamente triste. Thomas Hearne ainda era encarregado da catalogação enquanto segundo secretário, quando alertou que pouco se investia na biblioteca. Segundo ele só se comprou um livro por ano em 1692 e 1693. Depois de ter sido banido da biblioteca por razões políticas em 1716, a situação não melhorou. Existem anotações que revelam que no ano de 1730 a *Bodleian* só dispunha de sete libras para compras. Mas o que é verdadeiramente alarmante é que no início dos anos 40 são requisitados menos livros por ano do que por mês em 1700.

Com '*Estarei de volta no início da tarde*' Dieudonné despede-se de Mathilde e dos filhos e sai de casa. O tempo está enevoado e frio anuncia neve. Quer acelerar o passo, o que é mais simples se evita a *Place du Château* e as ruas em direção a Saint Etienne, porque nesta hora quem frequenta a igreja cruza com quem vai ao mercado tornando aquela zona muito movimentada. Decide portanto atravessar o *Pont Neuf* e seguir pela *Rue Française*. Vira para a *Rue Royale* e quer prosseguir pela *Rue de la Barre*, para depois entrar na *Rue des Jésuites*. Está quase a chegar à *Rue de la Barre*, quando, através do nevoeiro menos denso, vê uma coluna de fumo, testemunho certo dum incêndio algures perto. O cheiro a fumo e madeira queimado é mais forte do que de costume. Já perto da *Place de l'Arsenal* vislumbra o vermelho de chamas irrompidas. Não

chega à praça. Dois docentes do Colégio correm agitadamente na sua direção e gritam "para trás, para trás". Um incêndio de grandes proporções consome a capela e atingiu o Colégio. Dieudonné fica perto dos colegas com quem acolhe estudantes a caminho da escola. A rua frente ao Colégio está a ser evacuada para evitar que as chamas a atravessam. Pouco depois o deão do Colégio vem avisar os docentes na *Place de l'Arsenal* que de momento não é possível fazer nada e que o melhor é de regressar à casa. Dieudonné convide dois dos docentes que vivem fora da cidade para uma refeição quente na sua casa e juntos regressem a *Rue des Carmes*. Mathilde mostra-se surpreendida mas percebe logo que algo está mal. Instalam-se junto à lareira na grande sala do res-do-chão e são servidas bebidas quentes. À tarde aparece o deão, habitual convidado dos serões. Conta que quase metade da escola ardeu mas que a outra metade poderá ser utilizada. Contudo, coloca-se o problema dos estudantes internos. Dieudonné diz que poderá receber estudantes na sua casa para as aulas que lhe competem e que pode oferecer abrigo provisório a alguns internos. Levará tempo para toda a escola ficar de novo plenamente operacional e a reconstrução da capela ainda terá que ser avaliada. As obras arriscam levar alguns anos, dependendo do financiamento obtido.

No final desse mesmo dia do incêndio chega às portas da cidade dos caminhos vindos da *Belgium Austriacum* a notícia que os tempos são adversos à Imperatriz Maria Teresa agora que Frederico II de Prússia contesta a sua autoridade. Umas semanas mais tarde ouve-se que Frederico invadiu a Silésia sem

declaração de guerra no final de dezembro.
Dieudonné está preocupado. Tudo leva a crer que o Rei francês ira invadir os Países Baixos Austríacos, agora que rejeita oficialmente a Pragmática Sanção e procura expandir o reino. Mathilde e Dieudonné temem sobretudo pela família de Oostende. É sabido que em momentos de conflito entre as Casas Reais da zona, os portos de Dunkerque, Nieuwpoort e Oostende sempre são alvos. Chega uma carta tranquilizadora de John, dizendo que de momento não se registam movimento de tropas perto de Oostende. Por outro lado observam-se reforços nas guarnições da República das Sete Províncias Reunidas, em Namur, Tournai, Menen, Veurne, Warneton e Ypres. A República sinaliza assim que o Tratado da Barreira de 1715 continua em vigor e que ficará do lado dos Habsburgos. John escreve que só podem dar tempo ao tempo para ver se Oostende escape ao combate.

Depois do incêndio no Colégio dos Jesuítas e sem certezas acerca da reconstrução da capela e a recuperação do edifício da escola, Dieudonné dedica mais tempo às atividades de serão, apoiando Mathilde. É nessa altura que nasce o terceiro filho, Karel.
Dieudonné e Mathilde mantêm a correspondência com pesquisadores e filósofos que constituem a informal *República das Letras*, têm contactos com os jansenistas e também com os chamados *Espíritos Fortes* que, iluminados pela razão e a filosofia, pesquisam a fé cristão chegando a questioná-la. Frequentemente são partilhados argumentos e comentários sem serem publicado em livro. Contudo, copistas conseguem

reproduzir manuscritos ou pequenos panfletos impressos com teses deístas, ateias, heterodoxas e críticas com muita rapidez. Estes textos são por sua vez distribuídos através de uma rede de livreiros e discretamente oferecidos ou vendidos por baixo da mesa nas casas de café ou nas traseiras de uma livraria. Através desta rede Dieudonné e Mathilde ficam ao par, não só das ideias nas zonas protestantes de Europa e além, mas também de locais onde a ética e a moral se orientam por padrões de vida não-cristãos.
Dessa forma, Mathilde depara-se inesperadamente com um manuscrito de Émilie du Châtelet que consiste num exame crítico da Bíblia. Textos do Velho e do Novo Testamento são escrutinados pelas regras da ciência. A pesquisa aponta para a incoerência e a improbabilidade de muitos dos relatos e contos do livro do qual os fieis dizem ser inspirado por Deus. Sieur Voltaire declara que o estudo foi feito em Cirey e pude contar com contributos do erudito amigo de família, o beneditino Dom Calmet.

Mathilde aproveita a leitura do manuscrito para escrever Émilie, Maria Lesmeister e Begga de Bruges acerca do problema da verdade *versus* mentira: "*Pode uma mentira ser justificada? Pode-se escrutinar textos que sustentam um dogma com os mesmos meios científicos com que se escrutina um problema da filosofia da natureza? Quando é que um texto é considerado uma metáfora, quando é considerado uma mentira? Será uma metáfora uma mentira convencional?*" Mathilde lembra aqui as discussões acesas no Procope e a *Critique Désintéressée des Journaux Littéraires* de Bruys e pergunta:

“*Conseguimos distinguir a verdade da mentira recorrendo aos nossos sentidos?*”

Numa das suas respostas, Begga de Bruges escreve: “*Não só penso que os nossos sentidos podem ter dificuldades em captar a verdade, como podem ofuscá-la propositadamente. Estou a pensar numa das maravilhosas edificações de Christopher Wren. Como sabes, depois do grande incêndio de Londres, a Catedral Sint Paul foi reconstruída a partir dos seus desenhos. Se estudares a Grande Maqueta e tiveres a autorização para visitar as galerias interiores da cúpula, vês imediatamente que os teus sentidos te dão uma delicadamente edificada imagem falsa: a cúpula interior não é sequer uma cúpula mas um ‘trompe-l’oeil’. O construtor e arquitecto Wren sabia muito bem que o peso da superestrutura da cúpula não podia ser transportada para os pilares de sustentação por um objeto semi-esférico e que para o conseguir precisava de um cone. Além disso, os pilares tinham que ser mais altos do que se queria mostrar. As pinturas dos tectos e a decoração dos pilares provocaram o efeito desejado: a ideia de um elegante e arejado suporte de uma cúpula que aumenta a nossa sensação de união com o céu. Poderia chamar a isso uma mentira convencional arquitectónica e matemática.*”

Como resultado da observação de Begga, Mathilde e Dieudonné passam alguns meses a observar atentamente pinturas murais e de tecto. De quantas mentiras convencionais os artistas não precisam para fazer ver o olho algo que não é. Falam com pintores amigos de profundidade e perspectiva e modos de enganar o olho. Dieudonné vê em toda esta conversa também um pretexto para colocar a discussão acerca

de experiência e crença interna num quadro mais simples: afinal qual é a diferença entre acreditar ver profundidade num plano e ver transcendência num fenómeno natural? Dá por sua vez para falar nos serões acerca da experiência e a crença interna de docentes e preceptores acerca de diálogo, dialéctica, escolástica e didática.

A aparente normalidade com a qual se continua a trabalhar, escrever e até corresponder com amigos e família além das fronteiras da França cria uma certa ilusão que afinal não há uma guerra em curso. Obviamente toda a gente percebe com o tempo que os impostos estão a subir para garantir dinheiro suficiente para os mantimentos da tropa, mas até o momento Lille não sente na pele o conflito criado por quem põe em causa o estatuto imperial da Habsburgo Austríaca Maria Teresa. De repente em 1745 tudo muda quando se torna claro que Oostende e Nieuwpoort serão cercados e ocupados para evitar que o rei da Grã-Bretanha envie reforços aos aliados Habsburgos. Toda a comunicação com Menen, Ypres, Gent e Bruges, se não impossível, torna-se muito complicado. Como resultado também não há notícias de Oostende. São meses difíceis para Dieudonné que não receberá notícias da família até tarde no outono daquele ano.

Os habitantes de Oostende vêem entretanto aproximar o momento no qual a cidade será conquistada e ocupada pelas tropas franceses. O valor estratégico do porto é simplesmente demasiado grande e a cidade procura ser ocupada sem passar por violência bélica. Mas eis que as coisas correm mal aos Oostendeses. No dia 11 de julho tropas franceses conquistam

Gent, para uns devido a uma artimanha, para outros devido a uma traição. Seja como for, esta conquista provoca a fuga de trezentos hussardos Hanoverianos, direção Sluis. Os habitantes de Sluis que temem pela sua vida e a sua cidade, caso acolherem os hussardos, não os deixam entrar dentro das muralhas. O corpo militar foge então através das dunas em direção a Oostende. A situação torna-se ainda mais complicada quando o regimento britânico sob comando de Campbell se retira para Oostende depois de soldados franceses tomarem Bruges. Os dois regimentos juntos esperam conseguir defender Oostende. Casas são requisitadas para alojar tropas. Marianne e John receiam perder a casa, e sobretudo, a biblioteca. Felizmente é verão e o risco de ver madeira e livros desaparecer como material de combustão é pequeno. Mas a casa deles é considerada inadequada para ser requisitada, porque fica demasiado perto da muralha e do *Kaaipoort*, uma das portas da cidade que dá acesso ao porto. Contudo ambos são indiciados para deixar a cidade. Com 67 anos, John é considerado demasiado velho para ser requisitado para defender as muralhas. Integra a coluna de idosos, mulheres e crianças obrigados a que deixar a cidade. Em meados de julho partem, com o coração a sangrar, a bordo dum barco de pesca de um pescador conhecido de John, direção Sluis. Muitos dos armadores de Oostende têm lá bons amigos como eles bem mais a preocupar-se com a sua cidade e a sua região do que com guerrilhas religiosas e guerras entre reis ansiosos de aumentar o seu reino. John e Mathilde são acolhidos no lar de um mestre-escola erudito, felicíssimo de receber este casal de

quem leu a obra. Mostra orgulhosamente os exemplares de *Janua Linguarum* e *Orbis Sensualium Pictus* de Comenius na sua posse, mas também as pinturas e os desenhos que usa para tornar as suas aulas mais atrativas.
No dia 25 de agosto John e Marianne recebem a notícia que um regimento francês ocupou a cidade dois dias antes e que estão a ser erigidas as condições da capitulação. Quando no início de setembro os Oostendeses alojados em Sluis ficam a saber que o Rei francês assistiu um *Te Deum* na Igreja Grande de Oostende, parece seguro voltar para casa.

Querido filho,

Imagino que ficaste preocupado quando aprendeste que o Rei francês ocupou Gent. Ambos sabíamos que Oostende ia ser cercado e ocupado. Tudo somado a nossa família não se tem que queixar, mas a violência bélica é sempre um drama para todos e um acontecimento triste para quem não partilha a fantasia milenar dos Grandes Senhores que as armas aproximam as pessoas. Alguma vez! Feito o balanço, uns trezentos soldados da guarnição morreram. Para os franceses as consequências foram mais pesadas: fala-se de mil e quinhentos mortos. Quantas mães, mulheres, filhos e irmãs vão novamente chorar a morte dos seus filhos, homens, pais e irmãos, só porque reis não mantêm os seus compromissos e põem de lado tratados sem mais, como aconteceu novamente, depois de Maria Teresa subir ao trono apesar de primeiro terem aceite a Pragmática Sanção?
Houve mortos entre os nossos conterrâneos devido a uma estupidez ou uma falha de comunicação do comando da

guarnição, ninguém ainda entendeu.
O que se passou ao justo? A nossa casa não foi requisitada, porque o comando da guarnição estava convencido que iria ficar destruída por estar dentro da linha de fogo. Mas a tua mãe e eu fomos indiciados para sair da cidade. A tua irmã não estava cá. Não te preocupas, ela encontrou bom abrigo no Beguinage de Bruges, junto de Begga. O teu irmão também está bem. A semana passada recebemos a notícia que conseguiu ganhar Leiden à tempo.
De quem permaneceu na cidade, ouvi o seguinte relato. Levantaram-se as pedras de calçada para erguer pequenas barreiras de proteção. Frente a cada casa foi colocada um tonel de água e um tonel de areia de prevenção contra fragmentos de bomba e incêndios. Entretanto tropas francesas montaram o cerco de dois lados da cidade, sob comando de Conde de La Mark e o Conde Marechal Ulrich von Löwendal. O Conde de La Mark colocou-se no lado Este da cidade na zona do porto, enquanto o Marechal colocou os seus canhões do lado Oeste, depois de conquistar Mariakerke e o Forte Albert. O exército misto instalado na cidade tentou de diferentes maneiras reter os Franceses que se cavaram um caminho em direção às muralhas. Mas a defesa com armas de fogo, bem como a tentativa de inundar as trincheiras cavadas não tiveram êxito. No dia 20 de agosto já era muito evidente que os franceses dispunham de mais homens e que o exercito cercado dentro da cidade não iria receber reforços. O canal do porto já estava sob controlo do Conde de La Mark. Depois de abrir duas grandes brechas nas muralhas a Oeste, os franceses invadiram a cidade. Foi içado a bandeira branca para avisar os

franceses que o Conde Chanclos de Rets de Brisuila se rendia. Mas a bandeira branca não foi içada a leste. Quando Conde de La Mark viu e ouviu que o fogo parou do lado oeste, terá dado a ordem de disparar bombas vazias. Mas os artilheiros não terão respeitado esta ordem, o que explicaria porque ainda caíram bombas no meio dos nossos conterrâneos a festejar o cessar fogo enquanto Löwendal e Chanclos já estavam a negociar os termos da rendição. Não vais acreditar filho, mas só se fala desta grosseira negligência como sendo uma falta de respeito com Conde de La Mark, quando na realidade é culpa destes senhores aristocratas que homens inocentes e não armados da cidade perderam a vida.
E ironia do destino, a nossa casa nem sofreu um aranhão. Uma vez que a batalha se verificou mais a oeste do que a leste, o nosso bairro foi relativamente poupado. Limitámo-nos a reentrar em casa. É verdade que as pratas desapareceram e que as loiças ficaram bastante reduzidas em número, mas a mãe e eu estamos muito felizes a ver a nossa biblioteca intacta.
A escola dos pobres foi destruída quase por completo. Para os rapazes e as raparigas que aí permaneciam é talvez uma boa notícia, não sei. Lembras-te que aquela escola dos pobres é na realidade mais uma casa de órfãos com reputação muito dúbia quanto ao alojamento e ao ensino ministrado. Ouvimos muitas histórias de crianças a fugir da disciplina feroz e das sevicias. Seja como for, devido ao perigo da invasão da cidade, procurou-se evacuar as crianças. Ficou acordado que seriam transferidas para Oudenburg. Contudo, quando começaram as hostilidades, as crianças ainda estavam retidas nos edifícios frente à Korte Peperstraat. O mestre-de-louça Degmont assegurou pessoalmente

a deslocação de todos para Zandvoorde e daí por barco para Scheepsdale, perto de Bruges. Encontraram abrigo na escola municipal Aerme Maegdekens[1] *e na escola Bogaerde contra a promessa de pagamento das despesas. Depois da rendição voltaram para Oostende onde encontraram um edifício praticamente destruído. Soubemos que o salão de reuniões será provisoriamente transformado em escola de trabalho. Pouco depois soubemos também que muitas das crianças retomaram o hábito de fugir.*
Nós passámos um mês em Sluis, em casa de um casal muito interessante. Ele é mestre-escola e pudemos admirar o seu modo de trabalhar. Que contraste com a escola dos pobres de que falei agora mesmo. Talvez podemos mesmo cultivar alguma esperança para a pequena escola fora das grandes cidades.
Entretanto circula a notícia que o Rei deu ordem para restaurar todos os edifícios danificados. Parece haver dinheiro. Saberemos algum dia de onde vem? De qualquer forma, não é possível ressuscitar pessoas inocentes não armadas com este dinheiro.

Filho, a tua mãe e eu abraçamos-te longamente.

Queridos pais,

Estamos muito feliz que conseguiram escapar ilesos das batalhas e cercos de cidade que já se arrastam alguns anos e que agora chegaram à Oostende. Lille e Oostende passaram portanto a estar sob tutela da mesma Corte Real. Significa que a viagem de barco entre as duas cidades se tornará mais simples?
No entanto, podemos questionar-nos por mais quanto tempo a

---

[1] Literalmente “Virgens Pobres”

aristocracia continuará os seus joguinhos de guerra com a implacável tendência mórbida de ocupar regiões e cobrar impostos a quem lá vive. O que podemos constatar sem margem de dúvida é que esses altos círculos masculinos continuam a querer manter as mulheres numa posição secundária. Se a memória não me falha este conflito já vai em cinco anos porque na realidade todos querem pôr Maria Teresa de lado e distribuir entre eles os países e as regiões tutelados pelos Habsburgos. Contudo, diz-se aqui nos salões, o Rei francês não está a conduzir uma guerra conquistadora. Pergunta-se então porque era necessário aquela batalha mortífera de Fontenoy e porque, em Oostende, dois mil pessoas tiveram que morrer. Não tem pés nem cabeça. Louva-se aqui Louís XV que tão bem conduz os seus exércitos e só quer promover a paz. Deviam então ser utilizadas armas? Ouvi que no acordo de capitulação de Oostende, ou melhor, da capitulação da aliança de tropas aí estacionadas, se escreve: 'Les habitants, négociants et bourgeois d'Ostende, jouiront comme au paravant de leurs priviléges. Cet article dépend du roi, mais les habitants ont tout à espérer des bontés de Sa Majesté'. Porquê então era o cerco necessário? E significa que os navios que saem de Oostende irão continuar a viajar para a Índia apesar de continuar a serem proibidos de o fazer? E têm que se primeiro destruir parte de uma cidade para depois receber elogios porque se decide de a reconstruir? Digo elogios, porque estão na moda atualmente. Oiçam só Sieur Voltaire, desde há pouco nomeado historiógrafo do Rei. Ele canta a gloria do Rei que lidera o seu exército. A Nação precisa de um Rei Iluminado que está ao comando, diz: 'Maître de son esprit, il l'est de la

fortune'. *Iluminado? Não sei se os jansenistas estarão de acordo. Os parlamentários de Paris, exilados ao primeiro sinal de fazerem demasiadas perguntas ou fomentarem críticas, também terão as suas dúvidas. Talvez o nosso amigo Barbier tenha algo a dizer a esse respeito.*

Pois bem, é certo que Sieur Voltaire também presta atenção aos horrores da guerra. Ele fica pasmado de ver quantos jovens homens morrem, mas fala sobretudo dos muitos jovens oficiais dos círculos de nobreza que ele tão bem conhece.

Nos salões de Paris não se fala muito destes aspectos da guerra. E podemos imaginar que ninguém sabe quem são os soldados liderados pelos filhos dos visitantes dos salões e frequentemente por eles enviados para a morte.

Preferem-se os mexericos locais. Ouvimos de uma amiga de Mathilde que Jean-Jacques Rousseau se cansou da vida em Lyon e que procura captar a atenção para a nova notação musical que inventou. Ainda não encontrou grandes apoios. Mas de que se fala sobretudo é que Jean-Jacques se instalou no Hotel Saint Quentin, na Rue des Cordiers, mesmo ao lado da Sorbonne, onde conheceu uma jovem mulher que não sabe ler nem escrever e a quem quer ensinar essa arte. Diz-se que vivem em matrimónio.

Gostava de saber mais da vosso visita forçada a Sluis e das conversas que tiveram com o mestre-escola que vos recebeu.

Vosso Dieudonné.

O prolongado conflito Europeu tem consequências financeiras. Príncipe Carlos Emanuel III da Sardenha enfrenta uma pesada crise devido à subida de preços do trigo. Falta dinheiro. Mais uma vez pensa-se em lançar o dinheiro em

papel. Quem está contra recorda o que aconteceu na França há 25 anos. Decide-se então que o dinheiro em papel está garantido pelo tesouro ducal. É emitido dinheiro em papel para um valor total de seis milhões de de lira, convertível depois de 5 anos, com juros de 4%. É obrigatório aceitar o dinheiro como meio de pagamento e parece que para já está de acordo quem estiver envolvido.

Mathilde recebe de Madame du Châtelet uma notícia que a enche de alegria. Émilie foi aceite como pleno membro da Academia de Ciências do Instituto de Bologna no dia 1 de abril de 1746. A própria Émilie está extremamente satisfeita com a nomeação. Dieudonné observa que isto deveria fazer pensar os homens de outras academias sempre a falar de iluminação mas continuam a fingir que as mulheres não existem. E a Academia Francesa deveria ter vergonha. Ele teme que muitos cientistas franceses continuam a ter uma atitude misógina. Obviamente a eleição é muito falada durante um dos serões na *Rue des Carmes*. Sabe-se da admiração de Émilie por Laura Bassi que não só é membro daquela Academia de Ciências, mas detém uma cadeira própria na Universidade de Bologna. Aquela universidade põe em prática o que na França continua a ser um tabu. Ela retira as mulheres com formação científica da semi-clandestinidade dos salões para as providenciar o lugar que lhes pertence por direito próprio.
Mathilde em Lille e Marianne em Oostende recordam *La cité des Dames* de Christine de Pizan e dizem que a presença das mulheres nas ciência é um fenómeno constante desvanecido por iniciativa dos homens. E John lembra as mulheres do

círculo de Anna Maria van Schurman[1].

Não se fica a saber em Lille o que pensam os mestres que ensinaram matemática à Émilie acerca da sua entrada na Academia das Ciências de Bologna. Mas recebe-se com alguma malícia uma outro notícia acerca de Maupertuis. Por mediação de Voltaire, este foi nomeado presidente da Academia da Prússia e tenta quebrar uma lança pela manutenção de uma língua universal superior à língua local. Só assim a interação entre diferentes academias pode ser garantida. E não é tarefa de todas as academias de manter-se mutuamente ao par do trabalho cientifico produzido? Logo, argumenta Maupertuis, convém comunicar na língua mais universal. Até aí tudo bem. Mas Maupertuis afirma de seguida que a nova língua universal obviamente é o francês. Pode-se talvez daí deduzir que os investigadores franceses dão pouca atenção ao que se passa na Italia ou na Suécia por exemplo. Para Dieudonné o episódio revela pretensiosismo. Mathilde acha divertido. Ela diz que se os próprios Franceses consideram o francês sendo a nova língua universal, isto se deve basicamente à intolerância religiosa com a qual a Corte expulsou os huguenotes do país. Frequentemente tratava-se de pessoas de ciência. Estabeleceram-se entretanto um pouco em todo lado na Europa central e de oeste. Mas os huguenotes continuam a serem franceses e por norma só falam a sua língua materna além do latim. Foram por assim dizer os exilados que dão agora argumentos aos restantes Franceses para considerar o francês língua universal.

De Berlin chegam elogios sobre o trabalho de Émilie. Ela

[1] Ver volume 02. Uma ideia perigosa.

torna-se uma dos dez mais conhecidos cientistas do mundo. Com Voltaire e La Mettrie continua os seus estudos críticos da Bíblia. Procuram descrever a arte de viver com base na razão e na experiência, evitando preconceitos e pensamento rotineiro. Ou seja, ela oferece muito para pensar. Mathilde e as suas convidadas interessem-se pelas ideias de Émilie e pela feminilidade do seu trabalho. Ao contrário dos seus colegas masculinos, ela reflete acerca do seu lugar como mulher nas ciências.

E por falar de Berlim. Maupertuis continua por lá e aborda o pan-psiquismo. As conversas de serão tocam no assunto. A maioria dos presentes pensam que Diderot está equivocado quando quer enfiar Maupertuis numa caixinha e o define como seguidor de Espinoza. Mathilde e Dieudonné pensam que o filósofo da natureza antes propõe uma visão ética-filosófica e procura fazer uma síntese sem preconceitos à partida. Fá-lo conectando ideias interessantes de diferentes cientistas. Não se limita portanto a um só quadro de referências, o que não só é uma atividade difícil mas também perigosa: nem todos os académicos percebem o espírito da *República das Letras*…

Em fevereiro de 1748 Mathilde toma conhecimento que Émilie reside em Lunéville junto à Corte do anterior Rei de Polónia Stanislas Leszczynski. Pouco depois, chega à Lille a notícia que o poeta e militar Jean-François de Saint-Lambert é o seu novo amante. Émilie escreve: '*Quanto mais a felicidade depende de nós próprias mais certeira é; mesmo assim a paixão que nos traz ainda mais prazeres e nos faz ainda mais feliz, torna a nossa felicidade completamente dependente de outros; é*

claro que falo do amor'. Ela continua a ter uma relação muito amiga com o seu marido e com Voltaire, que lhe dedica um alegre poema:

Tandis qu'au-dessus de la terre
Des aquilons et du tonnerre
La belle amante de Newton
Dans les routes de la lumière
Conduit le char de Phaêton
Sans verser dans cette carrière;
Nous attendons paisiblement
Sur le bord de cette fontaine
Que notre héroïne revienne
De son voyage au firmament ;
Et nous assemblons pour lui plaire,
Dans ses jardins et dans ses bois,
Les fleurs dont Horace autrefois
Faisait des bouquets pour Glycère.
Saint-Lambert, ce n'est que pour toi
Que ces belles fleurs sont écloses ;
C'est ta main qui cueille les roses
Et les épines sont pour moi.

Em outubro do mesmo ano, o tratado de Aachen coloca um ponto final a oito anos de batalhas, cercos e mudanças territoriais. Para grande surpresa dos habitantes das cidades-barreira de Flandres e também de Oostende, Luís XV devolve todas estas cidades aos Habsburgos Austríacos. Pode-se perguntar-se com justa razão porque tanto dinheiro foi desperdiçado em falsas conquistas e porque tantos soldados

tiveram que morrer para tal. Mas também faz-se a pergunta porque é que há somente trinta anos foram cobrados impostos tão altos para construir essas barreiras aparentemente tão rapidamente negligenciadas.
Para Dieudonné é uma bela ilustração dos caprichos dos governantes ocupantes. Lembra-se da história que lhe contaram acerca do Marques de Prié e o assassinato de Anneessens[1], quando ainda vivia em *Belgium Austriacum*. Dieudonné acha que se as Casas Reais unicamente olham para o mundo como se fosse uma espécie de grande tabuleiro de xadrez. Melhor seria se decidissem das suas conquistas jogando xadrez uns contra os outros e de sacrificar peões de madeira ou marfim em vez de peões de carne e osso.
Os seus amigos Jesuítas apontam o dedo a outro aspecto deste tratado, de que se fala muito menos. Na altura da assinatura confirma-se o Asiento de Negros com Grã-Bretanha. Na altura da Paz de Utrecht os diplomatas britânicos tinham exigido receber o *Asiento* para benefício da então Inglaterra. Em 1713 o *Tratado do Asiento* firmou que os Ingleses tinham o direito de importar durante um período de trinta anos um total 144.000 escravos ou seja 4.800 por ano. O negócio ficara primeiro em mãos da South Sea Company e mais tarde retomado por outro consórcio britânico. Muitos comerciantes europeus estavam zangados com esta exclusividade[2]. Entre 1739 e 1748 o *Asiento* foi suspenso na sequência do comércio ilegal sobre a America do Sul, pondo Espanha e Grã-Bretanha em estado de

---

[1] Ver volume 02 — Uma ideia perigosa

[2] Idem nota anterior

guerra. Dieudonné não consegue apurar se a crítica dos seus amigos tem a ver com o facto do *Asiento* continuar a beneficiar um Poder que não reconhece Roma ou se tem a ver com o comércio de escravos em si. Fala-se muito de humanismo e guardam-se as aparências de cosmopolitismo, mas a população negra do planeta continua a ser vista como uma outra espécie humana, também por quem não é Jesuíta, veja-se Sieur Voltaire.

Do Regno di Napoli chegam noticias que fascinam os historiadores. Depois da descoberta de Herculanum é agora do outro lado do Vesúvio que se iniciaram escavações sob liderança do Rei Carlos VII de Naples. Presume-se existir ai outra cidade da qual se discute a sua localização há muito. Uns cem anos antes foram encontrados restos de um povoamento durante a remoção de terras para a construção dum canal.

Dieudonné e Mathilde conseguem viajar para os Países Baixos Austríacos nos primeiros meses de 1749. Fazem uma breve visita a Gent, onde encontram um editor-tipografo de Antuérpia que gostaria de editar uma versão flamenga de alguns escritos de Mathilde baseados na sua correspondência com Émilie de Châtelet, Madame Geoffrin e Dieudonné durante a estadia dele em La Flèche. Continuam a viagem para Oostende, onde constatam com os seus próprios olhos a celere reconstrução da cidade. Sentem bem a forte ligação dos Oostendeses com a Imperatriz Maria Teresa. Mathilde falha pela segunda vez encontrar-se com a irmã de Dieudonné. Maria está em Leuven, com Begga. As duas estão a estudar documentos da Universidade de Leuven, graças ao apoio de

Johannes. Mathilde gostaria muito de conseguir convidar Maria e Begga para uma estadia em Lille e para participar nalguns dos serões depois do *dîner*.
Pouco antes de se despedir, John tem uma conversa particular com Dieudonné. Revela não estar muito bem de saúde. Diz ter ficado muito feliz de ver mais uma vez o seu filho mais velho com os seus setenta e um anos. Ele explica que sofre de dores lancinantes nas costas e no lombo direito, e que às vezes a urina tem uma cor vermelha. Ele suspeita ter pedras na vesícula, sofrendo do mesmo mal do cirurgião Boerhaave. Ele leu que retirar estas pedras através de um corte é extremamente perigoso. Segue portanto os conselhos de Boerhaave: bebe muita água fervida e chás e banho-se com frequência em agua quente. Os seus amigos cirurgiões de Gent confirmam que Boerhaave tinha razão quando falava do perigo da extração das pedras por incisão e pouco mudou nos últimos dez anos.

Dieudonné fica transtornado mas não muito admirado quando aprende por carta que John falecera em fins de outubro. Marianne escreve que ainda viu a nova edição da Opus Omnia de ambos, com os últimos anexos, entre os quais o texto acerca da arrogante política de Asiento dos Europeus. Depois escreve não ter que se preocupar com ela. A Maria instalou-se em casa dela dando apoio e Johannes também tem planos para regressar a Oostende com a família. Fala-se da ampliação da cidade e disso Johannes quer aproveitar para comprar um terreno e mandar construir uma casa.
Pouco depois outra notícia abala Mathilde e Dieudonné, desta

vez vindo de Lunéville. Por pouco Émilie não celebrou os seus 43 anos. Ela faleceu pouco depois do parto de uma filha de quem Saint-Lambert é o pai. Madame Geoffrin escreve ela ter sido acompanhada até o fim '*pelos seus três homens*': Saint-Lambert, Voltaire e o Marquês de Châtelet. Imediatamente Voltaire prometeu fazer todos os possíveis para fazer publicar a tradução que ela ultimou do trabalho de Newton como irá tratar de outras publicações póstumas do seu trabalho.

No primeiro *dîner* que segue ao dia que souberam da morte de Émilie, Mathilde lê em voz alta uma passagem da cópia manuscrita dum texto de Mathilde que provisoriamente recebeu o título *Discours sur le bonheur*: '*Quem diz sábio, diz feliz. É bem claro que os homens, para serem felizes, não precisam tanto amar os estudos como as mulheres o têm que fazer. Para serem felizes, os homens têm tantos mais meios à sua disposição que ficam proibidos às mulheres. Conseguem chegar à gloria de muitas maneiras. É certo que a sua ambição para tornar os seus talentos úteis para o seu país e os seus concidadãos, se não for a sua habilidade na arte de conduzir a guerra, então no seu talento de governar ou de negociar, vão muito além daquilo que se pode esperar só do estudo. Mas as mulheres são, devido a sua condição de mulher, excluídas de qualquer forma de glória, e quando, por acaso, alguma entre elas nasce com uma elevada alma, então só existe o estudo para a consolar. De todo o resto elas são condenadas a serem excluídas pelo seu estado de ser mulher*'.

O assunto proporciona ampla discussão entre os presentes. Dieudonné considera que a arte de conduzir a guerra como

sendo uma maneira para ganhar fama deveria ser negado tanto aos homens como às mulheres, porque seria algo de bom para toda a humanidade. E de resto? É aceitável supor que as mulheres governam ou negociam menos bem do que os homens? Dos Países Baixos Austríacos chegam notícias que louvam o modo de governar da Imperatriz. Na história existem exemplos de mulheres com grandes capacidades de liderança, infelizmente também na condução de exércitos.
Mathilde toma conhecimento que no salão de Madame Geoffrin o papel da mulher também é assunto de conversa regular. Madame Geoffrin conta ter conseguido atirar para o seu próprio salão muitos convidados e muitas convidadas regulares de madame de Tencin depois da morte desta e que tem mais interesse nas ciências e nas letras do que para festas grandiosas.
Madame Geoffrin tem uma outra notícia empolgante. A ideia de há muitos anos para traduzir a Cyclopædia de Ephraïm Chambers em francês está a tornar-se um projeto mais ambicioso tendo D'Alembert e Diderot como protagonistas. Dieudonné pede mais informações.

Entretanto o nome de Jean-Jacques Rousseau está na boca de todos. Fora a resposta dele num concurso para a redação de textos, organizado pela Academia de Dijon, sob o título '*Qual foi o contributo da posição reforçada das ciências e das artes ao refinamento da moral e dos bons costumes*' uma simples provocação? Ou está o homem verdadeiramente convencido que artes e ciências provocam a decadência moral? Seja como for, com o prémio que ganhara para o seu *Discours sur les*

Sciences et les Arts, de um dia para outro passou a ser a figura mais falada dentro e fora da França.

Trabalho infantil e fantasias de ensino

Neste ano de 1750 Dieudonné faz 43 anos. Com Mathilde vê aproximar-se o dia que em que Yann deixará a cidade dos pais. Parece um hábito geracional… Yann fala às vezes de Paris, às vezes dos Países Baixos Austríacos. Aperta-lhes o coração quando não descarta uma possível viagem para o outro lado do oceano. Por enquanto está em casa.

Neste início de década a ligação por canal entre a Haute Deûle e a Basse Deûle é o assunto mais falado em Lille. Nos últimos cem anos muito da água da Haute Deûle foi desviada para as fortificações da cidade. O caudal da Basse Deûle só ficou assegurado por estreitos e às vezes subterrâneos canais que atravessem a cidade, servindo os moinhos de água, entre eles o *Moulin de la Comtesse* e o *Moulin de Saint Pierre*. Desde há pouco existe novamente uma via navegável entre as duas partes do rio seguindo a *Esplanade* e que é alvo grandes protestos. Quem faz do transporte de bens entre Haute Deûle e Basse Deûle o seu ganha pão está zangado. Quem carregue fretes nas suas costas enfurece com um ou outro barqueiro que tem a ousadia de utilizar o canal de ligação sem recorrer aos serviços dos transportadores da cidade. Demorará o seu tempo até que rotinas enferrujadas e alguma ignorância são superadas para os transportadores de carga entre os dois trechos do rio chegarem a um acordo acerca de meio de transporte e de

preços.
Mathilde constata que os pobres diabos locais preferem transportar peso nas costas em vez de utilizar botes no canal de ligação, não raras vezes por falta de meios. Mas aborda num *dîner* que considera ainda mais grave as Cortes Espanhola e Britânica continuarem a ver os negros como simples mercadoria. Ela faz saber aos seus convidados que depois de objeções espanholas acerca da clausula do *Asiento* no Tratado de Aachen, os Britânicas venderam por 100.000 libras o privilégio sem haver objeções morais ao seu objeto que continua a ser a captura e venda de seres humanos.

Agora que a paz de Aachen traz algum sossego na região entre o rio Óder, o Mar Báltico, o Mar do Norte, o Golfe de Biscaia e os grandes rios no sul de França, os rios e as rotas costeiras são as ligações ideias para o transporte de matéria prima. Daí resulta o rápido crescimento de um novo modelo de unidades de produção no Norte da França e nos Países Baixos. A indústria do linho é desde há muito uma atividade importante na região. Trata-se de um complemento de rendimento de muitas famílias de camponeses. Pequenos agricultores cultivam a planta ou compram pequenas quantidades de quem a cultiva. As mulheres do agregado fiam os tufos de linho, os homens transformam-no em panos de linho. Quanto mais membros da família envolvidos melhor. Insiram-se crianças mais novas na linha de produção em vez de as enviar para a escola. Com quatro anos rapazes e raparigas enrolam fios. Com oito, as meninas iniciam-se na fiação. Rapazes de dez anos são empregues na tecelagem do

pano. Comerciantes e empresários provenientes da burguesia e sem atividade direta na agricultura tratam da revenda da produção e vivem do lucro que disso tiram. Pouco a pouco estes revendedores fazem migrar o núcleo de produção para manufaturas que gerem diretamente, à exemplo das forjas. Confere-lhes lucros maiores pois centralizam o fornecimento da matéria-prima e a saída do produto. A fiação e tecelagem caseira desaparece à medida que mais pessoas são empregues nas casas de trabalho centrais. A nova produção de têxteis desloca muita gente. Mas quem trabalha aí não ganha mais do que quando trabalhava em casa e as crianças acompanham os adultos para estas manufaturas. À medida que a iluminação dos locais melhora, os dias de trabalho durante o inverno tornam-se mais compridos. No início quase ninguém nota, mas no fim da década é muito evidente que as crianças da plebe passam cada vez menos horas na escola e cada vez mais nas manufacturas. A vida dos mais pobres não difere muito da vida dos negros explorados nas plantações além-mar.

Uma noite de *dîner* é servido *pomo d'oro*. Alguém fala do monge que trouxe o fruto da Itália para o norte da França. Foi assim que a planta apareceu pela primeira vez na horta de um dos mosteiros de Lille. Um outro comensal juntou mais alguma informação. Num relato de viagem espanhol que também fala do franciscano Bernardino de Sahagún ele encontrou o desenho da planta com os pequenos frutos amarelos vindo da America e aos quais a população local davam o nome de *xitomatl*. Os presentes gostam do sabor pronunciado. Fala-se de modos de preparar e há quem pergunta se não poderiam

ser estufados com chalotas ou cebolas. Mathilde promete falar com a cozinheira para experimentar.
A conversa deriva para um assunto atual: a crise de falta de carvão vegetal apesar das restrições feitas à industria de vidro, faz agora trinta anos. Dieudonné lembra-se que em Oostende além de carvão vegetal se queimava turfa. Um dos presentes explica que na região de Lille também se extrai turfa, mas que a sua queima produz muito menos calor. Existem lignite e hulha claro, mas o abastecimento pela Haute Deûle era muito irregular até bem pouco tempo. Quem fala parece estar bem informado. Explica ter visitado Anzin estando financeiramente envolvido na Companhia do seu amigo Jean-Jacques Desandrouin. Este continua a desenvolver o projeto iniciado com Pierre Taffin. Hoje existe uma verdadeira empresa de extração de carvão mineiro em Anzin a qual e assegura o abastecimento de Lille através dos rios Scarpe e Deûle. Um dos objectivos da Companhia de Anzin é de ter um depósito permanente de hulha em Lille e outro em Dunkerque. O convidado de Dieudonné conta ter aprendido muito com Desandrouin acerca da inflamabilidade dos materiais extraídos. Regra geral, mais duro, preto e seco, melhor. É a razão pela qual a indústria não tem interesse na turfa. Lignite é melhor, hulha ainda mais. O carvão semi-betuminoso (*maigre*, *houille*) é melhor do que o betuminoso (*gras*) o sub-betuminoso (*flambant*). Mas o carbúnculo, também conhecido sob o nome de antracite tem o melhor valor calorífico. Para a produção de vidro a hulha é mais interessante do que o carvão vegetal, daí a crescente procura. A empresa de vidro da *Rue de*

Princesse por exemplo, hoje em dia só utiliza hulha vindo de Anzin…

Queridos irmão e irmã,

Estou feliz de saber que vocês estão bem mas posso imaginar que é difícil para a nossa mãe viver sem o nosso pai.
Estamos satisfeitos de saber que Oostende continua nas boas graças da Imperatriz. No reino da França é altura para fazer contas. Empréstimos têm que ser pagas e por isso, mais uma vez, todo o dinheiro proveniente de taxas e impostos são desviados para o governo central. Em Lille, como no resto do país, há queixas acerca da estranha política do Rei que primeiro destrói e conquista cidades, as manda reconstruir, para depois as devolver, na altura do tratado de paz. Mas talvez para os locais é bom que Oostende e as cidades-barreira estejam novamente sob o governo central dos Habsburgos. Porque sabemos bem que maus governos centrais significam sempre mais despesas para as cidades.
Recebi notícias de Edimburgo. David Hume trabalha há algum tempo com um jovem colega, Adam Smith. Eles dão se bem, mesmo agora que David se profira cada vez mais como agnóstico. Deve ser a principal razão pela qual não conseguiu a cadeira de filosofia e moral em Glasgow, que no fim foi entregue ao Adam Smith. Segundo Hume e Smith a universidade de Glasgow é bem mais livre e aberta do que a tradicionalíssima casa de Oxford, mas mesmo aí há limites à tolerância, de cosmopolitismo nem falamos. Tento saber mais acerca daquele Adam Smith. Ele considera ser necessário parelhar fortemente a liberdade de falar com a liberdade de empreender e acredita piamente que quando as

pessoas individualmente estão bem, a comunidade como um todo também está. Não estou convencido que é tão simples. Penso outra vez que a burguesia, a aristocracia e quem passa demasiado tempo no mundo académico, mesmo vindo de origens mais humildes, tendem a considerar que a humanidade é constituída de diferentes espécies, não só por origem geográfico mas também por descendência. E que pensem sobretudo no seu pequeno mundo quando falam da comunidade como um todo.

Dieudonné, o vosso irmão que vos ama.

Querido irmão,

O modo como no mundo das academias, em todo lado se fala da vontade humana, da liberdade, da moral e da ética, não impediu fazer desaparecer Amo Afer do mapa Europeu há já alguns anos. Begga e eu pensamos que a família Brusnwijk-Wolfenbüttel perdeu gradualmente interesse pelo trabalho de Amo Afer, depois deste ter aceite a cadeira em Jena. Entretanto sabemos bem que só a mera sugestão de separar a educação geral da formação teológica cristão não é nada apreciada. Não só Amo Afer, também os outros filósofos tiveram gradualmente mais dificuldades para se fazer ouvir. Assim por exemplo Christian Wolff, entendido com o confucionismo e que defende que conhecimento e autoridade no domínio da ética não são necessariamente adquiridos através da revelação cristã mas também o podem ser através da razão. Sabemos de boa fonte que Frederico II de Prússia o protege evitando o pior. Mas Amo Afer não teve tanta sorte. Nos últimos anos que passou na Europa, foi tantas vezes insultado e troçado. No fim enviaram-no de volta para o país de proveniência num barco da Companhia das Índias

Ocidentais. Pelo que sabemos ele vive atualmente no Forte San Sebastian num regime de semi-reclusão. De momento não ouvimos nada dele ou acerca dele. Tememos ser deliberadamente mantido em silêncio. Se por acaso tiveres notícias acerca dele de quem tem espirito afim, por favor informa-nos.

A tua afectuosa irmã.

"A *Republique des Lettres* é algo que realmente existe ou é só uma fantasia nas nossas cabeças?" pergunta Yann, agora com dezoito anos, aos seus pais, uma noite de verão sem visitas em casa. Dieudonné e Mathilde olham para ele com surpresa. Enquanto Mathilde sorri, Dieudonné mostra uma cara risonha que o faz rejuvenescer de dez anos.

"Nunca percebi se temos que entender '*lettres*' em francês como as letras ou como as cartas. *Res Publica Litteraria* faz pensar nas letras, mas penso que o princípio de equidade cosmopolita é melhor evocada se vemos a república como uma comunidade que partilha documentos por carta," diz Mathilde.

"Fala a tua mãe protetora das nossas amigas e dos nossos conhecidos em Paris que gostam de ver os salões como a personificação dessa República. O que me parece falso," intervém Dieudonné.

"Falso porque os salões são assunto francês e não do mundo?" pergunta Yann.

"Muito bem, filho. Sim, é parte da questão. Outra é que a maioria desses salões são mantidos por quem integra a aristocracia ou os nobres de robe. Frequentemente filósofos e filósofos da natureza vêem os salões, não como um lugar para

debater ideias, mas como púlpito para anunciar as suas próprias teses, sem grande abertura para contestação," diz Dieudonné.

"Émilie de Châtelet bem tentou de favorecer o debate em Cirey, mas estava frequentemente rodeada de arrogantes auto-aduladores, Voltaire na primeira linha," observa Mathilde com um triste sorriso. "E pelo que nos chega, Madame de Geoffrin tenta que os debates decorrem de modo civilizado no seu salão."

"Mas há algo de inevitável," repara Dieudonné. "Na França muitos estão supremamente convencidos que Paris é o centro do mundo pensante. É provavelmente uma das razões pelas quais existe tanta indignação em relação ao *Discours des Sciences et des Arts* de Rousseau. Entre parênteses, ouvi que ele vive atualmente com Therèse Lavasseur num apartamento na *Rue Platrière*."

"Claro que Rousseau irritou muitas pessoas quando afirmou que o avanço da arte, das letras e das ciências é inimigo da moral. Ele argumenta que estas atividades criam necessidades e assim se tornam fonte de escravidão. Amizade sincera é minada e substituída por inveja, medo e desconfiança. Este tipo de alegações até tornou-o impossível para o seu amigo ateu Diderot. Contudo o discurso lembra de vez em quando os textos de François de La Mothe Le Vayer," continua Mathilde.

"Ele deveria ter contactos mais frequentes com filósofos de fora da Europa," pensa Dieudonné, "ajudar-lhe-ia nas suas considerações acerca da sociedade."

"Mas para voltar a tua pergunta. Para mim a República das

Letras ou das Cartas consiste no conjunto de manuscritos e publicações que pensadores e interessados se enviam uns aos outros ao qual modestamente tentamos contribuir," retoma Mathilde. "Mas não fechamos portas. O teu pai acaba de fazer uma subscrição na *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* finalmente iniciado por D'Alembert e Diderot. Pensamos que será uma tarefa hercúlea. Do salão de Madame de Geoffrin ouvimos que se trata da resposta francesa para a britânica *Cyclopædia* e não de uma tradução com complementos como primeiro foi anunciado."
"Estou moderadamente otimista," diz Dieudonné. "Jean D'Alembert evoca numa das cartas introdutórias as contradições entre cosmopolitismo e identidade local vivenciado por ele próprio enquanto filósofo. Ele tem a convicção que o filósofo tem que intervir no mundo não científico que o circunda. Penso que não vai demorar muito tempo antes de haver protestos vindo da igreja. Mas também tenho algumas reservas acerca da interpretação que Le Rond D'Alembert faz do termo cosmopolita. Pelo que me chegou, nunca falou de Amo Afer enquanto estava na Prússia."
"Então, convém que continuamos a reservar espaço na biblioteca para periódicos e Léxicos, não só da nossa região, mas também de outros locais do mundo," conclui Yann com um sorriso.

Pouco tempo depois desta conversa, Mathilde fala com Yann acerca da inveja, e talvez também da inquietação, que existia em relação a Émilie de Châtelet. Ela mostra uma transcrição de uma carta de Madame du Deffand a Horace Walpole na

qual um dia conseguiu por a mão. Entre outras afirmações, lê se: “*Imagina uma mulher alta e magra, com tez aquecida, feições marcantes, nariz pontiagudo, eis a cara da bonita Émilie; uma cara de que ela gosta tanto que não se poupa em exibi-la ostentosamente: caracóis, pompons, jóias, berloques de vidro, tudo em abundância; mas como se quer apresentar bonita apesar da natureza e maravilhosa apesar da sua má sorte, ela está confinada a se oferecer o supérfluo sem pensar no necessário, como camisas e outras ninharias.*

Ela nasceu com abundante coragem; o desejo de parecer mais do que ela é fez lhe preferir o estudo das ciências mais abstractas acima do conhecimento do agradável: assim ela pensa poder ganhar uma grande reputação e ser superior relativamente a todas as mulheres certamente.

*Não bastava. Quis ser princesa. Foi o que ela se tornou, não na graça de Deus, nem do Rei, mas pela sua própria ambição. Como a outras ridicularias, também nos habituamos a essa. Vemo-la no seu papel de teatro de princesa e quase nos esquecemos que ela não é uma mulher de estatuto. Madame trabalha com tanto cuidado para mostrar o que ela não é, que já não sabemos o que ela realmente é. Até os erros dela são artificiais. Conseguimos intuí-los como resultado das suas pretensões, da sua falta de consideração relativo à condição de princesa, da sua secura própria de estudioso, do seu descuido relativo à condição de mulher bonita. Por mais famosa que seja Mme Du Ch*** ela não se sente satisfeita se não for celebrada. E é o que a final conseguiu ao tornar-se a amiga declarada de M. Voltaire. É ele que dá brilho à vida dela, será graças a ele que ela será imortal.*”

“Pois,” observa Yann com alguma diplomacia, “não podemos considerar que esta carta representa o modo de pensar na *République des Lettres*.”

Mathilde e Dieudonné seguem passo a passo as tentativas de parar o projeto da Enciclopédia. E não têm que esperar muito tempo. Já em fevereiro de 1752 surgem pressões de diferentes grupos católicos para o conseguir. É dito com desconfiança que Diderot encontra na obra um meio para difundir as suas ideias ateístas. Aproveita-se um conflito na Sorbonne, relacionado com a tese do Abade Jean-Marie de Prades: se for correcta a informação que chega a Lille, Prades argumenta que, considerando o ser humano no começo, no seu estado natural, o início e a continuação do seu conhecimento o conduz para a religião, independente de qualquer luz transcendente. Segundo de Prades as observações através dos sentidos seriam o tronco de que brotam todas as nossas considerações e portanto a nossa única fonte de conhecimento. A nossa experiência que nos faz sentir a necessidade de estar com os outros e nos faz ver vantagem nisso, seria a única base para a nossa sociedade. Ele transforma o conceito de justiça numa simples reação emocional dos fracos em relação à opressão dos fortes. Segundo os seus opositores, ele mostra assim abertamente o pano de fundo filosófico sobre o qual se apoia enquanto co-autor da enciclopédia. Uma parte da tese do Abade é, sempre segundo os seus opositores, claramente baseado no prefácio desta mesma enciclopédia.
Dieudonné e Mathilde deduzem desta querela contribuindo para a proibição da obra que o raciocínio dos opositores é o

seguinte: a enciclopédia é organizada por dois indivíduos, um ateísta, outro agnóstico. Eles escolhem os autores e assim toda a obra torna-se um ataque à autoridade real com o intuito de a enfraquecer e de fomentar revolta e independência. Para o efeito fazem uso de termos escuros e ambíguos, sendo a base para desvio, corrupção moral, incredulidade e impiedade.
Logo não surpreende que o Papa e o Rei decidem decretar a proibição da enciclopédia, havendo esta crítica negativa vindo do alto clero e da burguesia, inclusivamente dos jansenistas. Contudo, passado algum tempo chega a notícia surpreendente: Malesherbes, quem controla toda a censura, quebra uma lança para retomar o trabalha. Depois deste episódio D'Alembert confidencia ao seu círculo de amigos que de futuro quer limitar-se à escrita de artigos acerca da matemática.

Nas ruas de Lille continua o clima tenso. As corporações de barqueiros não devem ser bons exemplos das ideias de Smith, quando afirma que o que é bom para os indivíduos também o é para a comunidade e que a liberdade de empreendimento beneficia todos. A ligação entre Haute e Basse Deûle ameaça a exclusividade de transporte em certos sectores do trajeto e as confrontações entre diferentes corporações tornam-se novamente violentas. No mesmo período a Companhia Anzin reforça o seu controlo sobre os maiores compradores de hulha, lignite e carvão vegetal. A companhia quer fazer chegar os seus produtos nos locais de descarga mais depressa do que anteriormente. Como o transporte por carroça é muito lento e a Companhia aumenta o número de locais de armazenagem. Para Lille significa obviamente intensificar o uso da ligação

Scarpe-Deûle e a Companhia utiliza barcaças próprias além de recorrer às barcaças dos barqueiros do Haute Deûle. Três entre elas figuram elas próprias como local de armazenagem móvel para entregas rápidas, onde for necessário, fazendo aumentar a revolta das corporações. Os barqueiros do Escalda opõem-se e ao que parece usufruem de apoio militar. Mas aí chega-se rapidamente a um acordo, sabe-se no *dîner* de serão na Rue des Carmes na altura dos acontecimentos
O resto da noite é dedicado a notícias vindas de Portugal. Aí, o primeiro ministro Sebastião José de Carvalho Marquês de Pombal mandou para exílio todos os jesuítas, não só do próprio território como do território do ultramar. Ao que consta a Sociedade terá tido mão num atentado sobre o Rei Português. Todos os bens da Sociedade são confiscados. Pode haver mais outra razão financeira. Só na *Colónia do Brasil do Reino de Portugal* a Sociedade dispõe de 25 residências, 36 postos de missão e 17 colégios e seminários. As residências fazem entrar bom dinheiro. Mas aos convidados de Dieudonné e Mathilde interessa a informação em relação a uma espécie de educação de adultos no local só por si com significado económico. Já faz séculos que os Europeus subjugam a população local ao que dão o nome de Índios para possuir e explorar terrenos. A subjugação desta população inclui a imposição de renegar a sua própria cultura e aderir à cultura europeia. Catequese e evangelização fazem parte do pacote. Missionários jesuítas recorrem temporariamente às línguas e às danças locais para introduzir o Deus cristão com espectáculos teatrais. Numa mistura de Português e língua local fala-se de

santos e anjos. Não é raro os espectadores não entenderem a mensagem mas gradualmente adotam costumes e rituais que podemos considerar como sendo cristãos.
"Justifica-se a questão se neste caso podemos falar de educação," considera Dieudonné. "Para mim trata-se de doutrinação e obrigação e treino, não com o intuito de transmitir conhecimento mas apenas de impor um dogma."
Mathilde faz um salto de pensamento e pergunta: "Vocês já conhecem *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* de Jean-Jacques Rousseau? O nosso amigo de Genève publicou este texto em resposta a um novo concurso da Academia de Dijon tendo como pergunta '*Qual é a origem da desigualdade entre as pessoas e é ela justificada por alguma lei natural?*'."
"O que aprendeste da resposta dele?" pergunta Pierre Lacour.
"Rousseau escreve que a desigualdade natural é uma pergunta que não se coloca porque de natureza somos diferentes," começa Mathilde. "Continua dizendo que a desigualdade política e moral não é natural. Como ele já afirmou em textos anteriores o bom que está presente no ser humano em estado selvagem degrada-se. Afinal, no nosso estado natural amamo-nos e amamos o outro de modo espontâneo. Não queremos ver sofrer nem nós próprios nem os outros. No nosso estado natural, a nossa mente faz de nós o Nobre Selvagem."
Yann participa desde há pouco tempo nos debates de *dîner* e procura ganhar coragem para iniciar uma conversa com Madeleine Lacour. Agora está radiante ter levado a sério a sugestão da sua mãe de ler o texto de Rousseau. Com alguma

hesitação toma a palavra e diz: “Posso ter percebido mal, mas penso Rousseau ter como ponto de partida que depressa consideramos determinados bens e serviços como fáceis e normais. Logo desenvolvemos uma necessidade artificial em relação a eles. Queremos marfim, porque um pente facilita o tratamento do cabelo, queremos ferro e estanho porque é mais fácil cortar comida com uma faca e já não vemos a nossa vida sem estes objectos.” Ele olha para Mathilde com alguma hesitação, mas ela acena com a cabeça de forma encorajadora. Yann continua: “Por isso torna-se importante extrair minerais e trabalhar a terra. Possuir os minerais e possuir os terrenos de onde extraí-los torna-se uma pulsação. Uma pulsação para a propriedade. E isso origina a nossa degradação moral. Amor para os outros e para si degrada para amor-próprio. O que dependia da sua própria ação passa a depender da ação e da opinião dos outros. Para conservar o nosso amor-próprio temos que mostrar que possuímos. Eu acrescentaria que sendo proprietários de terras e pedreiras, precisamos de quem trabalhe essa terra para nós. Queremos ser proprietário do trabalho de outros, pagando-o ou não.”
“É possível possuir o trabalho de outros? É possível obrigar algum para trabalhar para ti?” pergunta um dos presentes.
“Nem só é possível, como o vemos acontecer em todo lado,” diz Yann. “Falaram há algum tempo de pais que põem os seus filhos a trabalhar para enrolar ou fiar fio. Ouvi histórias de trabalhadores que ganham tão pouco que são obrigados a pôr a trabalhar mulher e filhos com eles. Ouvi falar o pai das crianças dos pobres abandonarem a pequena escola porque

alguém precisa da sua mão-de-obra. Ainda agora estavam a falar do modo como os índios da *Colónia do Brasil* são obrigados a trabalhar seja como for. Tornaram-se propriedade dos Europeus que aí se estabeleceram." Yann cora quando se apercebe que Madeleine o observa com admiração e acaba timidamente: "mas agora talvez exagero um pouco."
"Não me parece estares a exagerar, só argumentas com muito fervor," intervém Dieudonné. "Penso que o modo cristalino como Rousseau apresenta a desigualdade nos ajuda quando retomamos outros textos."
Dieudonné olha para o seu amigo Lacour. "Lembras-te da minha estupefação quando te falei dos *Essays and Treatises on Several Subjects* de David Hume?"
"Sim," responde Pierre. "Estavas tão indignado que penso que ainda sei citar de cor o que me leste: '*I am apt to suspect the negroes, and in general all the other species of men (for there are four or five different kinds) to be naturally inferior to the whites.*' Poderia ser contrariado por Rousseau, sobretudo quando continua: '*There never was a civilised nation of any other complexion than white, nor any individual eminent either in action or speculation*.' Para já, poderias lembrar-lhe o trabalho de Amo Afer, de quem ele ouviu falar. De resto penso que esta infeliz argumentação é aquela que os comerciantes de escravos nos põem na boca: se a espécie negra é naturalmente uma espécie inferior, então podes, sendo cristão branco, alegar tranquilamente possuir um ser vivo que trabalha para ti exatamente como o cavalo ou o boi que atrelas frente a uma carroça."

Mathilde volta a tomar a palavra: “Falamos de diferentes tipos de posse, penso. Mas estes diferentes tipos adequam-se bem no esquema de John Lesmeister e Mathilde Grünen no qual relacionam arrogância e ignorância. Há quem designa o outro de ignorante sem admitir a própria ignorância, unicamente porque fala a partir de uma posição de poder. Há quem arroga que o outro é ignorante, porque não conhece latim ou nunca ouviu falar do Deus de Roma, sem contudo admitir desconhecer a língua, a cultura e a vida espiritual desse outro.” Um dos amigos a mesa, membro da Sociedade de Jesus, sorri e diz: “Cuidado Mathilde, ou ainda vais ser encarcerada junto com os perigosos autores da enciclopédia. Mas compreendo o que estas a dizer. Posso vos contar algo bem simples a ocorrer a dez milhas de Lille? Às vezes confunde-se língua com educação. Em Dunkerque já la vão vinte anos a aprendizagem do francês fazer parte da formação de estudantes para serem mestre-escola, numa tentativa de remeter a lingua materna flamenga de muitas crianças para o segundo plano. Em Le Wast advoga-se hoje a formação de ‘*bons mestres-escolas*’, o que significa ‘*mestres-escolas franceses*’. Sabemos como a escolástica formal empobrece a educação e a formação nos colégios… espera um momento, Dieudonné, sei qual é a tua opinião acerca da escolástica …, e por isso também quero só evocar um momento Alexandre Van de Walle, que propõe dar outra forma aos colégios. Argumenta que além de história e geografia, deve ser ensinado latim e francês. Também deve ser ensinado flamengo, mas, continua, só se for feito com seriedade. E para mim, é disso que se trata. Se não queres

reforçar a desigualdade natural referida por Rousseau com a desigualdade decorrendo da política e da posse, então não te podes limitar a tolerar a cultura do outro, tens que valorizá-la e colocá-la no mesmo plano. E isso, os meus irmãos da Sociedade em *Colónia do Brasil* certamente não faziam."

Mathilde ironiza: "Se continuas assim meu caro amigo, vamos ser encarcerados juntos, mas provavelmente não na mesma cela." Todos riem.

Uma das amigas presentes aproveita o momento para dizer: "Tenho outra novidade para ilustrar como cuidar do amor-próprio. A Duquesa de Maine faleceu, já o devem saber, não? Bem, Louis-Antoine de Gontaut-Biron não perdeu tempo. Assim que soube que os herdeiros de Peyrenc de Moras queriam se desfazer da propriedade na Rue de Varenne, comprou a mansão e os jardins pela bonita soma de 500.000 libras."

"Com que então," observa Dieudonné. "Com todo Paris a reconhecer-lhe o prestígio aumentado o seu amor-próprio foi certamente acarinhado. E agora, para acarinhar o meu amor-próprio: posso oferecer-vos um café ou um chocolate no salão aqui ao lado, para vocês me dizer quão excelente anfitrião eu sou?" Rindo, todos levantam-se da mesa.

Diderot e D'Alembert têm condições para continuar o projeto de enciclopédia. No decorrer de 1754 o primeiro coloca sob a entrada cosmopolitismo: '*Eu sou cosmopolita; significa cidadão do mundo. Eu privilegia, diz outro, a minha família a mim próprio, a minha pátria à minha família, a humanidade à minha pátria*'. D'Alembert continua a considerar todo o propósito da enciclopédia como a obrigação do filósofo

perante o mundo circundante, no qual se tem que socializar. Depois de há anos fazer parte da Real Academia das Ciências como membro júnior, ele integra agora Académie Française sob indicação da Marquesa de Duffand. Mathilde e Dieudonné concordam D'Alembert certamente merecer a honra mas não deixam de continuar a ver os salões de Paris sobretudo como local de encontro de um grupo restrito de escritores e bons oradores e o seu público. D'Alembert pode explicá-lo com palavras bonitas quando argumenta ele frequentar estes salões ser uma prova de não se isola do mundo enquanto filósofo, mas não se desloca muito fora destes salões. E nesses salões continua a não haver lugar para a maioria dos artesãos e artistas, ainda menos para a plebe. Aqui em Lille, não sendo eles filósofos sequer, têm plena consciência a sua própria casa estar pouca aberta a todos, mesmo se continuam a acolher jovens internos, desde o incêndio no Colégio. Não chega a casa estar aberta. Muitas pessoas não têm simplesmente o tempo para cuidar da sua erudição, para absorver novo conhecimento e muitíssimos outros lutam diariamente para satisfazer a necessidade básica de comer e beber com o pouco que ganham em muitas horas de trabalho.

De Oostende chega uma carta que Marianne adoeceu e piora rapidamente. Dieudonné envia uma resposta anunciando a vinda de Mathilde e ele próprio. Chegam no dia 9 de maio mas infelizmente unicamente para serem recebidos com a triste notícia do seu falecimento, dois dias antes com setenta e um anos.
Yann e Madeleine seguiram viagem também e chegam pouco

depois. Residem algumas semanas na casa de John e Marianne, na *Kaaistraat*. Durante esta estadia conhecem Maria e Johannes. De imediato Yann dá-se muito bem com a tia e o tio. Ambos dizem que ele e a Madeleine serão sempre muito bem-vindos. Os dois jovens coram. Dizem gostarem muito da sua mútua companhia, mas não terem para já planos para o futuro. Não reparam nos tenros sorrisos dos mais velhos que já há muito visionaram este futuro. Dieudonné e Maria põem-se de acordo com Johannes para remodelar a casa dos pais sem que o irmão terá que intervir. Conserva-se assim a biblioteca e Maria continuará a utilizar a casa sempre quando está em Oostende. Dieudonné por seu lado sente se mais tranquilo sabendo dispor de uma casa que pode servir de refúgio. Nunca se sabe como a instável Europa evoluirá.

Retrospetiva

No ano de 1755 houve um terramoto violentíssimo no Sul da Europa destruindo grande parte de Lisboa. Dieudonné e Mathilde só falarão do ocorrido anos mais tarde, depois de ler o lamento de Voltaire em relação a esta e outras catástrofes.

Yann, também Jan, e Madeleine, também Magdalena, decidiram anunciar aos respectivos pais o que estes já sabiam há muito: continuaram juntos na vida, como casal. No outono de 1756 as famílias Lemaître-Larouge e Lacour-Lacour festejaram o acontecimento juntos.
Fora uma festa prudente, ouvindo-se novamente rufar os tambores da guerra. Não só os cidadãos de Lille se preocuparam. As fricções políticas entre os governantes da Austria e da Prússia, mas também entre os reis de França e Grã-Bretanha resultaram em mais uma guerra da qual se vira o início mas não o fim. Rapidamente a casa real da França forjara uma aliança com a casa imperial dos Habsburgos do tipo '*os inimigos dos meus inimigos são os meus amigos*' quando o Rei da Prússia invadira a Saxônia com o apoio já declarado da casa real Britânica.
Frederico II da Prússia recorrera sistematicamente em *Freikorps*, pequenos exércitos independentes. Em resposta, na França, no Sacro Império e nas demais regiões sob tutela dos Habsburgos, a incorporação de soldados para aumentar o número de soldados nos exércitos reais se tornara uma prioridade que custava muito dinheiro. Rapidamente, a família Lemaître-Larouge sentira a pressão dos impostos, tal como o

ramo dos Lesmeister em Oostende. Para a família a diferença com o conflito anterior fora que desta vez os respectivos locais de residência ficavam do mesmo lado do conflito, devido ao jogo das alianças dos governantes. Fora mais fácil dar apoio mútuo quando necessário. A correspondência entre Dieudonné, Maria e Johannes se tornara mais frequente.

Querido irmão,

A invasão na Saxônia originada pelo Rei da Prússia tem de momento só um efeito em Oostende. Os soldados austríacos aqui acantonados tiveram ordem de marcha para a região do Reno. O porto de Oostende não pode ficar sem proteção, devido à aliança de Jorge II com Frederico II para proteger o Eleitorado de Hanôver contra os outros reis continentais. Um regimento francês sob comando de Hugo de la Motte instalou-se por isso na cidade. Vimos sair alguns dos nossos amigos ingleses, agora oficialmente transformados em inimigos e todos os barcos ingleses tiveram que abandonar o porto. Perdemos o barco postal para Dover, foi desviado para Vlissingen. E claro, aqui também, os impostos sobem em flecha para custear as despesas de guerra.

Enviamos-te um apanhado dos regulamentos da Companhia Reunida da India Oriental (VOC) da Belgium Fœderatum dos quais conseguimos cópia. Eles são aplicados em todos os colégios nas regiões controladas pela VOC e foram elaboradas em concordância com o Conselho das Igrejas. Verás que luterano, reformado ou católico, o domínio da religião sobre a educação não difere muito. Há poucos dias, Maria dizia que caso Jan Comenius conseguiu subir ao Céu apesar do Papa católico, ele certamente observará lá de cima com um triste olhar aquela

escola que difere tanto do seu ideal de valorizar o educativo e não o punitivo. Aqui seguem as dez instruções que inicialmente foram estabelecidas para Mattau, mas que, pelo que sabemos, agora servem todos as regiões ocupadas.

1. *O sub-regente garante que todos os meninos estão vestidos, lavados e penteados antes do nascer do sol e se ajoelham depois para fazer a oração da manhã.*
2. *Existe uma oração antes e depois de cada lição.*
3. *Antes e depois do almoço e da ceia fazem-se orações e ações de graça.*
4. *Na hora do jantar deve ser lido um capítulo da Bíblia.*
5. *As orações e as leituras são feitas pelos rapazes rotativamente.*
6. *Nenhum rapaz pode se ausentar do Colégio sem a autorização do regente.*
7. *O sub-regente limita a punição a uma sova.*
8. *Quem se ausenta além do tempo autorizado é punido pelo regente.*
9. *Dois alunos de cada vez fazem a supervisão e relatam ao sub-regente quem não fala* duytsch *ou de outra forma se comporta mal.*
10. *O sub-regente faz com que os alunos mantêm as roupas limpas e que o prédio seja limpo regularmente.*

Como podes constatar, o regulamento só trata a disciplina e a evangelização. Não conseguimos saber nada acerca do conteúdo das lições, pelo que suspeitamos que não haverá grandes diferenças com as escolas investigadas pelos nossos pais.

Afectuosamente, Johannes.

Queridos irmão e irmã,

Fico contente de saber Oostende esta vez poupado de violência bélica. Tudo está tranquilo em Lille, salvo a pressão exercida sobre os jovens para se candidatar para a guerra e se alistar no exército real. Muitos jovens provenientes da população mais pobre fazem-no porque acreditam vão obter rendimento. Mais uma vez é-lhes contado o soldo estar assegurado. Infelizmente, sabemos de guerras anteriores que este soldo não está sempre garantido e só podemos esperar que vão receber comida suficiente para não se sentir tentados para roubar ou praticar outras atrocidades, lá onde serão acantonados. Sabemos muito bem como os comandantes, mesmo aqueles de grande fé católica, fazem pouco dos mandamentos religiosos.

Agradecemos-te, irmão, pelo apanhado do regulamento da VOC nas regiões de ultramar controladas pelas Sete Províncias Reunidas. Mathilde e eu estudamos e comparamos os textos de 'três Joões': Jan Amos Komenský, Jean-Baptiste La Salle e Jean-Jacques Rousseau. Concentramo-nos num só aspecto: religião e educação. Nenhum dos três Joões afasta Deus, embora consideram a religião e a educação para a religiosidade de modo diferente.

Ao nosso ver, Jean-Baptiste interpreta a educação como sendo instrução e formação Manu Militari, por sinal não invulgar para as ordens católicas quando se ocupam da educação de crianças. Entendemos que pretendem a obediência generalizada: obedece ao teu superior, ao mestre de estudo, ao mestre-escola, mas também ao teu Senhor, ao Rei e claro está a Deus. E fá-lo, porque Deus quis os estados.

Jan Komenský parece-nos dar uma abordagem diferente da

educação conduzindo à experiência de Deus. Tem menos a ver com obediência cega mas mais com a compreensão do lugar de cada um na sociedade. De resto, parece-nos Komenský partir da ideia que se um estudante entende a natureza e o mundo, então irá vislumbrar a Obra Divina, logo, entender o que Deus dele pretende. Nos seus livros didáticos, hoje diríamos enciclopédias, escritos para ajudar crianças e outras pessoas ainda iletrados nos seus estudos, ele apresenta uma interpretação específica do universo, mas apesar disso, rege-se pelo estudo e a explicação mais do que pela instrução com recompensa e punição.

Ainda não entendemos por completo como Jean-Jacques aborda a religião na educação. Da leitura de uma serie de cartas da sua mão parece-nos ele propor uma abordagem racional de Deus, como o faz Malebranche. Importante é que ele rejeita o pecado original quando na sua abordagem educativa considera as crianças como bondosas a nascença. Lendo a crítica relativo às Ciência e Artes no seu *Discours*, pressupomos uma abordagem não punitiva embora tenha ele o cuidado de não levar as crianças à perdição. Será por isso que advoga não levar o Conhecimento para todos? Ou será o contrário, como o faz Komenský? Não é nada claro.

Mesmo reconhecendo o mérito destes pensadores de quem talvez podemos dizer serem pedagogos, constatamos que a conexão da religião com o Conhecimento tem antes um propósito inibidor e não facilitador. E isso, meus queridos, preferimos dize-lo em surdina. Não estamos nada convictos existir suficientemente abertura para conceber escolas seculares para todos, em vez de escolas conduzidas pela religião e diferentes para cada um dos

estados, mesmo na europeia Res Publica Litteraria,.

Abordámos alguns dos nossos correspondentes de mais confiança acerca dessa reflexão. David Hume respondeu-nos que nos fará chegar um exemplar do seu The Natural History of Religion. *Esperemos que o livro chega até Lille, já que do ponto de vista estritamente político, parece que atualmente somos inimigos, devido aos conflitos aristocráticos e económicos.*

O vosso irmão afectuoso, Dieudonné

Dieudonné e Mathilde devem ter recebido o livro de David Hume pouco tempo depois. Numa curta reflexão deixaram os seguintes apontamentos[1]:

- David parece partir do princípio que a experiência de Deus decorre do acordar do espírito humano e esta experiência tera sido politeísta na sua origem. Assim o surgimento do monoteísmo resultara do confronto entre poderes concurrentes.
- Para David o monoteísmo, embora podendo ter um tratamento mais racional do que o politeísmo repleto de superstições, desliza mais depressa para a intolerância. Esta observação parece-nos interessante. Entendemos ele postular que o problema decorre da submissão hipócrita e da exigência de uma espécie de virtude monástica incluindo mortificação, humilhação e sofrimento passivo.

  A dúvida elucida-nos mais do que a certeza. Mas tem como corolário conjuntos de superstição serem substituídos por

[1] Estes apontamentos chegaram-nos de modo legível. Graças a fragmentos de outros textos disponíveis, podemos fazer-nos uma imagem bastante concreta daquilo que poderão ter sido os pensamentos de Dieudonné e Mathilde.

outros.

- Seguindo o raciocínio de David e quem pensa como ele, somos levados a constatar o politeísmo ser um fenómeno comum na história da humanidade. Para alguns filósofos da Grécia Antiga o politeísmo seria a expressão da vontade de dar uma explicação a tudo o que acontece na natureza.
  Porque então ficamos tão presos a teorias ultrapassados e não nos libertamos da crença numa figura personificado à imagem de antigos governantes, que seria um género de Construtor Geral do Universo?
- É interessante ver como David considera que quem pratica arte e ciência pode ser teísta ou não — a respeito do Divino não é possível conseguir a prova final.
  Quem, por outro lado for ignorante e bárbaro, quase por certo pode ser considerado idólatra. Se pensamos nas relíquias e todas as procissões com elas relacionadas, estamos então perante um fenómeno de teísmo ou de idolatria?
- David fala dos dados históricos transmitidos por via oral e por isso distorcidos quando nos chegam. De seguida argumenta que o duro trabalho do filósofo consiste em estudar a natureza dos dados, às vezes levando a conclusões, outras vezes não. Isto não satisfaz os ignorantes que não dispõem do Conhecimento.
  Nós argumentamos tal pode ser uma explicação para a superstição que encontramos mesmo entre teístas racionais.
- Por outro lado, David apresenta exemplos aos quais se refere como superstição politeísta e conclui que politeístas e

idólatras não visionam um universo perfeito, mas um universo de seres imperfeitos, incluindo os próprios deuses. Poder-se-ia portanto contrapor *gestação* à *criação*. A primeira ideia revela um universo imperfeito *per se*, a segunda sugere um universo perfeito, manchado pela ação humana.

Não seria mais simples de considerar o universo como ele é, sem lhe atribuir a qualidade de perfeito ou imperfeito providenciado pela ação de deuses ou de humanos. É necessário abordar causa e efeito de modo metafísico e transcendente, ou esta discussão não tem sentido?

- Podemos concordar com David tanto o politeísmo como o monoteísmo terem contras. Porém o cosmopolitismo parece-nos melhor protegido de politeístas ignorantes do que de monoteístas ignorantes. Os primeiros, regra geral, são mais tolerantes em relação a co-existência de Deuses logo provavelmente também em relação aos veneradores destes Deuses. E consideramos a tolerância como um primeiro passo em direção ao cosmopolitismo.

  David ilustra-o com uma consulta do oráculo de Delfos: '*When the oracle of Delphi was asked 'What rites or worship are most acceptable to the gods?', it replied: 'Those that are legally established in each city'*. Este exemplo parece-nos claro e mostra que quem consultava o oráculo antes imaginava os deuses à imagem de humanos em vez de considerar os humanos à imagem dos deuses, pelo menos na sua atividade diária.
- Compreendemos muito bem as observações de David acerca de alguns aspectos do dogma católico quando ele escreve:

'Os católicos romanos são uma seita muito sábia; tirando talvez a Igreja Inglesa, nenhuma comunidade pode negar a igreja Romana ser a mais sábia das igrejas cristãs. Contudo, o famoso árabe Averróis que certamente tinha ouvido falar da superstição egípcia, declarou de todas as religiões que conhecia, a mais absurda e insensata ser certamente aquela que primeira criava o seu Deus para depois o comer.
Penso de facto que nenhuma doutrina, em todo o paganismo, soaria tão ridículo como aquela da real presença do corpo e do sangue do Cristo no pão e no vinho da eucaristia. É tão absurdo que impossibilita o poder de qualquer argumentação. Existem muitas histórias engraçadas a este respeito, contadas pelos próprios cristãos católicos.'

- Experimentamos o mesmo como David, quando ele diz: '*Estamos tão habituados às doutrinas dos nossos irmãos católicos que nunca nos surpreendemos; contudo, numa Era futura será difícil convencer algumas nações que seres humanos alguma vez puderam abraçar tais princípios.*' Mas, temos, tal como ele, infelizmente digamos, quase a certeza que algumas nações do futuro terão os seus próprios absurdos, com os quais haverá quem esteja implicitamente de acordo, sempre que o cultivo da ignorância supera a vontade de adquirir e partilhar conhecimento.

Na sua tese acerca da história da religião Hume também fala da concepção imaculada e diz: "*Rather than relinquish this propensity to adulation, religionists in all ages have involved themselves in the greatest absurdities and contradictions*." Dieudonné lera esta passagem com um riso algo irónico nos

lábios e pensa nas histórias dos pais acerca de Claudius Cardinalis. Provavelmente, Claudius teria considerado Hume '*uma rica peça*'…

Mathilde acrescentara depois de ler acerca de Wolfgang e os seus interlocutores no legado de Pieter, estar convicta que o trecho seguinte também os teria agradado: '*Quem consegue exprimir as perfeições do Todo Poderoso? dizem os muçulmanos. Em comparação com Ele Próprio, até os mais nobres dos seus trabalhos são não mais do que pó e detritos. Quanto mais não deve a concepção humana conformar-se às suas infinitas perfeições? O seu sorriso e favor sempre tornam os homens felizes; e o melhor método para os obter para os seus filhos consiste em lhes cortar um pequeno pedaço de pele de aproximadamente a metade da largura de um pataco enquanto ainda são bebés. Ao instar, os católicos romanos dizem: providenciam-se de dois pedaços de pano de aproximadamente uma polegada e meia quadrada, ata-os nos cantos com dois pedaços de cordel de aproximadamente dezasseis polegadas, passa o todo por cima das vossas cabeças, deixando um dos pedaços no peito e outro nas costas, contra a pele: não há melhor segredo para se encomendar ao Ser Supremo que existe da eternidade até a eternidade!…*'

Segundo Mathilde um quadro ético com determinado caráter obrigatório e vinculativo, rapidamente não é explicado, mas imposto, eis a grande dificuldade. É muito mais fácil forçar coerção em vez de incentivar conexão. Pensara no que ficou a saber acerca do livro escolar em franca ascensão em todas as colónias inglesas da América. O *New England Primer*, assim lhe

contaram, é retomada por cada vez mais editores, de cidade em cidade. O livro não difere muito dos Europeus utilizados para conseguir o seguimento religioso. O enquadramento da letra A dá logo o tom:

In Adam's Fall
We Sinned All

O livro escolar inclui questões e problemas. O seguinte exemplo parece-lhe ilustrativo para o preconceito masculino: '*Three jealous husbands, each with a wife, met on a riverbank. How are they to cross so that none of the wives is left in the company of one or two man unless her husband is also present?*'[1]

Mathilde mandou para Maria e Begga aquela pérola de problema incompleta no qual lobos, cabras e couves foram transformados em maridos ciumentos.

De Begga recebeu uma transcrição de um anuncio num antigo *Amsterdamsche Saturdaegse Courant* de dezembro de 1726: '*Werd genotificeert, dat de schoolmeester, koster en voorzangersplaats, van den Dorpe en Heerlijkheijd van Strijen, gelegen 3 uuren van Dordregt, vacant is: die genegen is en bequaamheijd heeft, hetzelve op een tractement van 180 gulden, en andere emolumenten met vrij huijshuur, 't aenvaerden, boven het schoolgeld van menigvuldige kinderen, kan zig addresseeren aen den Geregten aldaer: Het Schoolhuijs is meede zeer bequam voor het houden van*

[1] Três maridos ciumentos, cada um com a sua mulher, encontraram-se na margem de um rio. Como devem atravessar o rio de modo que nenhuma das mulheres é deixado na presença de um ou dois homens, a não ser que o próprio marido esteja presente?

kostkinderen.' [1]
A comissão de mestre-escola só correspondia a dois terços do total acrescentara Begga. O provento era tornado mais atrativo com uma serie de pequenos emolumentos para outros serviços: tocar o sino, trabalho de sacristão, manutenção do relógio da igreja, prelector e cantor, fazer a colecta para roupas de esquife, ensino de crianças pobres, entre elas as sem ligação à igreja. Begga terminara a sua carta com duas observações: não se considerava que um mestre-escola deva ter a capacidade de analisar problemas e tratava-se de mais um exemplo em como estavam longe da Pequena Escola na qual a educação para o conhecimento ficasse separada da educação religiosa.

Alguns meses depois Yann e Madeleine estavam de volta em Lille depois de uma visita prolongada a Maria e Johannes em Oostende. Em fevereiro de 1760 nascera Jean-Jacques. Os pais disseram escolher este nome pela admiração que cultivavam para o outro Jean-Jacques, de quem já leram muito. Ligavam o seu trabalho ao quadro de referência acerca da ignorância e a arrogância incluído pelos avós de Jan na última edição da sua *Opus Omnia*. Jan gostara de citar o seguinte dito de Rousseau, quando falava da ignorância política: '*O verdadeiro fundador da sociedade burguesa foi aquele que primeiro cercou um pedaço de terreno, se atreveu a dizer: 'Isto é meu', e encontrou tolos que*

[1] Foi notificado que está para preencher o lugar de mestre-escola, sacristão e cantor da senhoria de Strijen a três horas de Dordregt. Quem estiver interessado e qualificado para aceitar um salário de 180 florins e emolumentos além de habitação livre acima da mensalidade de muitas crianças pode se apresentar ao Oficial local. A casa escola tem capacidade para internos.

nisso acreditavam. De quantos crimes, guerras, assassinatos, acontecimentos miseráveis e horrores não teria ficado poupado a humanidade, se então tivesse havido alguém a arrancar as estacas e gritado aos seus conterrâneos: 'não ouvem este impostor; ficarão perdidos se se esquecem que os frutos da terra são de todos e que a terra não pertence a ninguém'.'

Jan abordara os seus pais acerca de Voltaire comentando a guerra em curso mas também tinha escrito há alguns anos um poema para exprimir o seu desgosto acerca do terramoto na portuguesa Lisboa que Jan acabara de ler. Nele o poeta observava como quase toda a História consistia num encadeamento de crueldades desnecessárias. Mathilde considerara valer a pena ler em voz alta o poema num dos serões:

Ô malheureux mortels! ô terre déplorable!
Ô de tous les mortels assemblage effroyable!
D'inutiles douleurs éternel entretien!
Philosophes trompés qui criez: «Tout est bien»,
Accourez, contemplez ces ruines affreuses,
Ces débris, ces lambeaux, ces cendres malheureuses,
Ces femmes, ces enfants l'un sur l'autre entassés,
Sous ces marbres rompus ces membres dispersés;
Cent mille infortunés que la terre dévore,
Qui, sanglants, déchirés, et palpitants encore,
Enterrés sous leurs toits, terminent sans secours
Dans l'horreur des tourments leurs lamentables jours!
Aux cris demi-formés de leurs voix expirantes,
Au spectacle effrayant de leurs cendres fumantes,

Direz-vous: «C'est l'effet des éternelles lois
Qui d'un Dieu libre et bon nécessitent le choix»?
Direz-vous, en voyant cet amas de victimes:
«Dieu s'est vengé, leur mort est le prix de leurs crimes»?
Quel crime, quelle faute ont commis ces enfants
Sur le sein maternel écrasés et sanglants?
Lisbonne, qui n'est plus, eut-elle plus de vices
Que Londres, que Paris, plongés dans les délices?

Iniciara-se uma conversa acerca do modo como Voltaire e Rousseau abordavam a experiência de Deus. Um dos presentes sugerira ler *Candide*. O texto da mão de Voltaire fora editado há pouco e servira de uma espécie de resposta a Jean-Jacques Rousseau depois de ter reagido ao poema sobre Lisboa. Dieudonné considerara valer a pena de percorrer também o texto de Hume sobre a história da religião. Mas achara por bem avisar que todos estes textos foram considerados heresia por parte de figuras dogmáticas da igreja; quem temesse a excomunhão melhor evitara a sua leitura.

De seguida falara-se do avanço da enciclopédia de Diderot e D'Alembert da qual até então foram editados sete tomos. Dieudonné apontara com algum orgulho cada exemplar na sua biblioteca. Naquele momento houvera novo impasse, depois do Papa Clemente XIII ter condenado mais uma vez a obra e a ter colocado no Index. Fazia aproximadamente um ano que ordenara os católicos de queimar os exemplares que tinham na sua posse, sob pena de excomunhão.

Aparentemente D'Alembert fartara-se de vez abandonando o projeto. Mas Pierre Lacour soubera de boa fonte que os textos

para as palavras com as demais letras do alfabeto continuaram a ser compostos. Dieudonné observara vêr a enciclopédia como contributo para a realização do desejo de Comenius *Omnes Omnia Omnino*, sabendo que o bispo de Moravia não teria concordado com o teor de uma série de artigos. Mas podia-se tirar Comenius do seu tempo, imaginando-lhe uma reflexão nos tempos que correm? Historicamente isto seria um erro, pensara Mathilde.

A luta pela posse de terra entre as casas reais europeias não só trouxera miséria entre a população europeia. Desde há muito grande parte dos colonos britânicos quiseram expulsar os colonos franceses da América. Parecia-lhes coisa fácil, uma vez que havia trinta vezes mais colonos britânicos do que franceses. Contudo, como um missionário regressado acabara por contar a quem estava regularmente presente nos serões, os colonos faziam alianças com a população local. No início os colonos britânicos não conseguiam ganhar aos franceses e os seus aliados. Isso devia-se sobretudo ao facto dos indianos conhecer muito melhor o terreno do que os europeus aí fixados.
Mas segundo informações mais recentes a situação teria evoluída muito. Suspeitara-se que na realidade o Rei francês não estava mais interessado nas posses no Norte da América. O ministro François de Choiseul prestara só atenção ao continente europeu. Pelo contrário, Jorge II enviara o general-major James Wolfe para a zona de combate na América. As últimas notícias deram conta que ambos Wolfe e o seu adversário francês teriam sucumbidos na batalha de Quebec,

este com avultosas perdas. O desfecho mais provável seria o abandono dos territórios por parte do Rei Francês.

Aparentemente os reinos de Portugal e de Espanha distanciaram-se da guerra em curso. À uma pergunta de Yann, amigos de Dieudonné confirmaram que o primeiro ministro português não só estava a mandar reconstruir Lisboa mas tinha a visão de uma cidade moderna com largas avenidas. Vinham também notícias no campo da educação e da escolarização.
Yann contara com entusiasmo: "O primeiro ministro português tem planos grandiosos para o ensino. Desde que expulsou os Jesuítas do país, ele tem como objetivo de afastar a influência da religião do ensino. Pelo que se diz, ele quer secularizar por completo o sistema de escolas, utilizando a língua portuguesa como língua de ensino, mesmo para lecionar latim. Assim ele consegue diminuir o número de anos de primeira escola e aumenta de igual número o ensino continuado. Existe uma atenção reforçada para os estudos literários com as disciplinas de português, latim, retórica, poesia e filosofia, esta última incluindo lógica, moral, ética, metafísica e teologia. No ensino continuado há espaço para direito canónico e civil, medicina e autonomia, grego, hebraico, francês, italiano, aritmética e geometria.
O propósito é de disponibilizar ensino em escola gratuita e pública para toda a população portuguesa. O objetivo do primeiro ministro é de tornar toda a sociedade portuguesa o mais letrado que possível."
Pareceram planos muito bonitos, mas os convidados do serão tiveram dúvidas acerca da viabilidade do projeto. Houve quem

concordara que desta forma talvez mais jovens transitassem para a escola continuada. Para outros, a diminuição do número de anos da escola pequena faria terminar mais cedo a formação dos jovens pobres. Fora muito provável que a burguesia e a nobreza portuguesa, tal qual com no resto da Europa, não se entusiasmara tanto como Yann com a ideia de uma escola geral e gratuita. Parecera terem tido uma previsão: quando todos os planos estavam prontos para a sua execução, chegara a notícia que, afinal, Espanha e Portugal iriam entrar na guerra, ainda por cima em campos opostos. Não fora muito claro se entrada na guerra tinha a ver com a defesa das alianças em geral, ou se tratara de uma forma de aproveitar as alianças para redefinir as linhas de demarcação para as respetivas posses no ultramar.

Só depois do armistício de 1763 as famílias Lemaître, Larouge e Lacour perceberam claramente como desta vez escaparam incólume a uma absurda violência de guerra, se bem que com grandes prejuízos financeiros. Boquiaberto ouviram que na guerra que acabara agora morreram perto de um milhão e meio de pessoas, metade foram civis desarmados. Nas regiões alemães sobretudo soldados franceses muitas vezes não pagos e sem comida, causaram imensos estragos nas aldeias e cidades. Além disso o resultado de todo o derrame de sangue resultara num novo *status quo* na Europa. Para quê é que tudo isto então servira? Segundo Pierre Lacour para nada, como aliás era o caso de qualquer guerra, acrescentara. Os aristocratas fizeram uns acertos de pormenor nos mapas, procuraram como liquidar dívidas, o que muitas vezes não

conseguiram e esqueceram-se rapidamente que foram eles próprios a causa da sua bancarrota, devido a sua exagerada arrogância. Dos perturbados soldados de infantaria, dos aldeões enfurecidos e das derrotadas famílias enlutadas mal se falava. Nos bairros populares de Lille, cada agregado chorava a morte de pelo menos um familiar. Muitos jovens que se tinham alistado por causa do soldo morreram e os que sobreviveram frequentemente não ganharam pelo sofrimento passado.

Outro resultado da guerra fora que os europeus, soldados e civis, ocupando territórios no ultramar se consideravam legitimados para continuar a chacina da população original desses territórios. Pouco a pouco relatos e testemunhos chegavam ao porto de Oostende. Os Britânicos envolvidos teriam praticamente exterminado a população indígena da Acádia. Na Índia, a população local sofrera violentes massacres organizados por soldados descontentes sem soldo.

Os longos períodos no mar com total ausência de alimentos bem conservados, para não falar da inexistência de vegetais frescos originaram em todas as armadas envolvidas uma taxa de mortes invulgarmente elevada. Escorbuto e tifo mataram quem não tinha sido morto durante as batalhas navais.

Em muitos locais falava-se com desagrado do que fora a evolução desta guerra inútil e absurda, resultado da arrogância não controlada e do exagerado amor-próprio de uma mão cheia de governantes e Reis. O desagrado ainda aumentara, quando se ficou a saber que as negociações de paz se tinham atrasados dois longos anos devido à súbita participação dos governos reais de Portugal e de Espanha.

Em Lille, a família Lemaître passava por dificuldades. No Colégio havia pouco trabalho e as receitas provenientes de investimentos tinha reduzido muito. Em Oostende os Lesmeister estavam um pouco melhor. A Companhia das Índias de Oostende continuava moribunda, contudo Johannes tinha seguido o conselho do seu pai e desfizera-se nos últimos anos de todas as ações que ainda detinha. Investira o dinheiro em outras atividades e assumira também uma parceria como armador passando a ter interesses na compra e no tratamento de peixe.
Por mais que Dieudonné e Mathilde passaram um mau momento, eles não queriam abandonar Lille. Mantiveram-se na *Rue des Carmes* com os dois filhos mais novos, mas apoiaram Yann e Madeleine na sua decisão de se mudar definitivamente para Oostende com Jean-Jacques de cinco anos. Yann entusiasmara-se com o vislumbre de longas horas na biblioteca dos avós e Madeleine quisera estreitar os contactos com Begga e Maria.

Queridos pais,

Estamos muito bem instalados no que chamamos a casa dos avós. O pequeno Jean-Jacques diz a todos que querem ouvir que mora na Casa Marianidjona.
Chegou-nos há pouco uma notícia interessante de Edimburgo. Não sei se a ouviram através de David Hume, por isso conto-a em poucas palavras. Mesmo durante aquela guerra miserável, o mestre e preceptor Thomas Braidwood aceitou, faz agora quatro anos, o desafio de ensinar a escrever e a ler o surdo e mudo filho

dum comerciante de vinho. Conseguiu, dai se dedicar agora exclusivamente ao ensino da escrita e da leitura de crianças que não sabem ouvir nem falar. Talvez será interessante saber mais acerca disso.
Agora que a guerra terminou, Oostende cresce. Todos os dias vê-se o interesse da Corte em fazer da cidade um porto ainda mais importante. Oficialmente a Companhia já não existe mas muitos barcos com fretes do ultramar atracam aqui. Infelizmente, o crescimento da cidade tem por enquanto pouca influência sobre a oferta de escolas. Voltei a abrir o espaço formativo de avô John. Logo que dispomos de mais meios quero dedicar-me também ao ensino de filhos e filhas de pescadores. A escola dos pobres continua a ser uma miséria.
Há poucos dias falei de Portugal com tio Johannes. Ele pensa que por enquanto aqui é difícil pensar sequer na abertura de uma escola municipal secular. Contudo vamos falar da ideia com os burgueses proeminentes da cidade logo que tenhamos a oportunidade para o fazer.
Afectuosamente, Jan.

Queridos filhos,

Ficamos muito felizes em saber da vossa célere integração em Oostende. Como vai o flamengo de Madeleine? E o pequeno Jean-Jacques? Já fala as duas línguas? Conhecer diferentes línguas vernáculas é atualmente uma vantagem. Porém convém uma boa base de latim também, será-lhe indispensável se um dia quer fazer estudos superiores.
Queridos filhos, Jean-Jacques Rousseau está outra vez na boca de muita gente. Como já sabem, ele publicou no ano passado dois

tratados: Émile ou De l'éducation *e* Du contrat social. *O trabalho provocou grandes ondas. O* Contrat Social *agitou todo o mundo político e* Emile *recebeu críticas violentas das esferas da Igreja. Logo que o soubemos, Mathilde e eu fizemos questão de ler os dois textos. Entendemos muito bem toda a campanha de caça ao bruxo. Rousseau baseia-se nas teorias de Montesquieu, mas é mais caustico quando fala das diferenças entre os estados e quando aborda a aquisição da propriedade. Logo é do entendimento geral que ele mina claramente o poder real. No texto* De l'Éducation, *que consideramos muito interessante mas um pouco vago quanto a metodologias de trabalho, ele propõe uma abordagem religiosa considerada incompatível com a fé cristã pela igreja. Resultado: os trabalhos foram condenados e Rousseau, com a tendência de acreditar que é perseguido por todos, partiu para destino incerto.*

Contudo a tua mãe e eu continuamos perturbados a ver como até Rousseau, para quem aparentemente nada é sagrado, coloca as mulheres num papel muito secundário. Parece dar menos importância à educação das mulheres do que Comenius! Este ainda estava pelo menos convencido ser necessário dar uma boa formação às meninas para que possam ser boas mães com amplo conhecimento. Perguntamo-nos porque Rousseau, mas também outros que se dão a auréola de humanista e inovador se agarram à ideia que maternidade não combina com intelectualidade. Émilie não era mãe? Ela até produziu trabalho científico pensando nos filhos. Muitas outras mulheres tendo condições financeiros ou de arriscar devido ao seu estado, já mostraram como combinar estes dois mundos de modo harmonioso.

Não, aqui concordamos com Maria e Begga — ainda que nenhuma delas tenham crianças — que o lugar secundário das mulheres se deve à arrogante misoginia masculina e não à natureza. Mas não deixamos de estranhar que mesmo homens muito letrados continuam a ter uma atitude tão condescendente com as mulheres.

Estamos a pensar naquela pequena obra que irás encontrar na biblioteca dos teus avós, De l'Égalité des deux sexes, discours physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire des préjugés, *que foi efectivamente escrito por um homem: François Poulain de la Barre. É notável ele já fazer a conexão entre preconceito e sexo há cem anos. Begga poderá vos contar mais. Tenho a certeza que educarão Jean-Jacques Lemaître-Lacour para ele não partilhar da visão de Jean-Jacques Rousseau quanto às mulheres. Mas o problema de Sieur Rousseau não é só a sua misoginia. David Hume está de momento em Paris onde trabalha para a diplomacia britânica. Não poupa Rousseau, que encontrou pessoalmente, quando escreve:* 'Rousseau centra-se sobre si mesmo. Ele sente-se atacado por tudo e por todos. Ele é uma mistura de afetação, maldade, vaidade e inquietação, com uma pitada de insanidade. Além disso sobressalta a ingratidão e a mentira naquilo que diz.*'*

Mas para retomar o Contrat Social. *Vemos o texto como um tratado, ou talvez melhor, um panfleto, oferecido aos pobres, como contraponto político à organização da sociedade burguesa utilizada pelos ricos para proteger os seus próprios bens e exercer poder sobre os cidadãos pobres. Quem tem poder considera-se proprietário daqueles que não tem poder utilizando-os como se*

fossem uma espécie de escravos. Vemo-lo perto de nós, por exemplo na companhia Anzin, mas também nas manufacturas que hoje em dia abrem em grande número em Lille e arredores. O Contrat Social *é talvez um meio para evitar que os pobres se tornem eles próprios tirano ou déspota.*
Se decidirem ler o trabalho de Rousseau, irão encontrar ideais atribuídas por alguns aos governadores das antigas cidades-nação Gregas, onde terão sido homens livres a tomar as decisões. Para Rousseau todos são cidadãos livres. Podemos perguntar-lhe: também as mulheres?
Juntamos um exemplar de cada um dos tratados.

Os vossos pais afectuosos.

Assim que receberam a carta e os livros de Lille, Jan e Madeleine começaram a ler Rousseau. Na biblioteca dos avós procuraram os textos de Platão encontrando uma boa tradução em latim. Obviamente ambos consideraram uma ideia interessante o conceito do *Soberano*, a reunião do povo, na qual todo o povo participa. Todos os cidadãos participam para fazer as leis. Este poder legislativo é portanto um tomador de decisões ativo. O Estado torna-se assim o parceiro passivo nesta especificidade política. A diferença entre a monarquia existente e a proposta de Rousseau é que no seu caso todos elaborem as leis estando todos sujeitos a elas. O colectivo faz as leis que todos cumprem. No seu estado mais puro poderiam falar de uma espécie de estrutura que garante a liberdade individual, desde que a liberdade do indivíduo não subjuga a liberdade de outro indivíduo mas a reforça. O

próprio Rousseau dizia: '*Trata-se de encontrar um modo de vida em comum que com toda a força coletiva defende a pessoa e os bens de cada participante e através da qual cada um, em união com todos os outros, continua a obedecer só a si próprio ficando tão livre como anteriormente.*' Jan e Madeleine acharam que de vez em quando não se entendia muito bem onde ele queria chegar, criando confusão no raciocínio. Procurava ele uma outra interpretação de Montesquieu? Afinal, este tinha previsto no seu *De l'esprit des lois* três poderes: o poder legislativo, o poder judicial para tudo que diz respeito à justiça humana e o poder executivo em tudo que diz respeito ao direito civil. Estes poderes deviam ser devidamente separados uns dos outros de modo que um poder não pudesse assenhorear-se de outro. Fora por si só uma proposta radicalmente diferente de tudo que se passara no dia a dia. Na realidade, os três poderes estavam de momento nas mãos do Rei e da Igreja. Os burgueses abastados tinham uma espécie de representação nos parlamentos ou nos Estados-Gerais ou seja como se queria chamar a coisa, mas esta representação não tomava verdadeiramente decisões e certamente não elaborava leis que se aplicavam a todos.

Pais e filhos trocavam cartas acerca das suas leituras e numa dessas cartas, Dieudonné escrevera: "*Há pouco tempo partilhei ideias com o meu irmão depois de uma renovada leitura de 'os três Joões'. Podem abordá-lo acerca disso, se quiserem. Falei então das interpretações diferentes de educação para o conhecimento e de educação religiosa e da ligação entre ambas. Obviamente não tem só a ver com reforma e contra-reforma.*

Hoje vemos constantemente como todos os governos eclesiásticos, diria todos os governos religiosos, procuram manter mão firme na formação das pessoas. Frequentemente é utilizado o caminho mais curto para a instrução, diria para a domação, o que não favorece em nada a divulgação do Conhecimento. Se na Pequena Escola além disso se perfila um modo de fazer baseado nas ideias de Démia então nem sequer temos uma abordagem Comeniana, muito menos uma divulgação geral de conhecimento. Conhecimento mistura-se com dogma. Deus e os santos tornam se rapidamente Grande Arquitecto e o seu exército de factótuns, inclusivamente para promover os milagres e assegurar a batalha contra bruxas e hereges. Não abona a tolerância e certamente não contribui para o cosmopolitismo. Voltaire escreve no seu tratado acerca da tolerância: 'A superstição é para a religião o que a astrologia é para a astronomia, uma filha toda maluca de uma mãe muito sábia. Estas duas donzelas já há muito tempo fascinam o mundo'. *Não posso deixar de observar que superstição e astrologia são filhas de uma mãe e não filhos de um pai. Porque não crianças? Porque é que malucas são as meninas?*
Mas quero voltar ao conceito de Soberano. *De repente, sonhava com uma escola na qual mestres e discípulos constituem o* Soberano. *O poder executivo de Montesquieu seria então o Conhecimento disponível e o poder judicial estaria nas mãos do Sábio que verifica até que ponto o Soberano e o Conhecimento disponível interagem em harmonia. Se for possível aplicar este princípio em todas as escolas, então todas as crianças poderiam entender o que significa liberdade individual e isso mudava obviamente consideravelmente as relações de trabalho. Não*

imagino haver nos Países Baixos Austríacos diferenças substanciais com o que se passa aqui, no que toca a estas relações. Aliás, também na nossa casa há pessoal residente. O casal que há tantos anos nos serve é livre? Afinal, serviram-nos quase toda a sua vida. Um cocheiro alugado é mais livre do que um cocheiro residente? É mais livre nos seus movimentos, nos trabalhos que faz, na escolha dos seus rendimentos? Nós sentimo-nos obviamente responsáveis para cuidar do nosso pessoal e faremo-lo até a sua morte. Isto o torna mais livre ou mais dependente? Está certamente mais dependente de nós. Mas talvez está mais livre no sentido que não se arrisca de acabar na prisão por mendigar ou vagabundear, quando já ninguém recorrer aos seus serviços. Ouvimos que quem serve ou quem é pequeno artesão sem ser residente tem muito pouco espaço de manobra. Tem que trabalhar até a morte para conseguir-se prover, quando não dispõem de outros meios. Sabemos de famílias que providenciam o internamento do pessoal doente ou velho em instituições adaptadas, mas isto liberta-o? Nós cuidámos da formação dos filhos do pessoal, mas isto é o suficiente para eles conseguir organizar a sua vida como querem? A nossa preocupação com o pessoal mas também com os pobres não será uma mera consequência de sermos nos também possuidores, pessoas com posses, no sentido dado por Rousseau? Isto faz-nos inimigo de quem não tem posses? Às vezes sonho de uma sociedade em que todos possuem ou, ainda melhor, onde ninguém possui. Uma sociedade assim é possível? Como se apresentaria o esquema dos meus pais numa sociedade daquelas?

Queridos filhos, temo. Temo que os primeiros sinais da crescente

produção de bens, que decorre da crescente procura dos mesmos, tornará mais pessoas menos livres e pobres em vez de lhes proporcionar a possibilidade de ganhar o estatuto de cidadão livre. David Hume e Adam Smith são mais optimistas. Mas parece me bem claro que eles só consideram a burguesia europeia e que assim o fazem exatamente como o faz Voltaire, porque têm uma concepção de diferentes espécies de seres humanos. E como o vejo, seguram-se nessa concepção para justificar que umas espécies são aptas para se tornar burgueses, enquanto outros não o são. Não é o mesmo tipo de raciocínio que utilizaram os primeiros cavaleiros para se diferenciar dos lavradores? Não é o raciocínio que usa a elite no Reino da Índia? Daí chega-nos a informação que segundo a cultura e a moral local, uns pertencem por descendência a uma casta de intocáveis escravos e que outros pertencem a castas que nós chamaríamos burguesia e aristocracia.
Com o tempo poderão construir-se uma melhor representação dessas relações e interações entre pessoas do que eu tenho. Mathilde está a ler o que aqui escrevo, e diz-me de parar aqui, antes de me tornar demasiado negativo. Portanto paro."

Ficava bastante claro como Mathilde e Dieudonné se situavam muitas vezes na margem nas suas reflexões. Durante os *dîners* e os serões fundamentaram bem as suas críticas acerca do modo como os dirigentes religiosos interferiam com a vida secular e da forma como a monarquia, e a aristocracia em geral, tratava os estados mais baixos. Nas suas intervenções nos serões abominaram a guerra e a servidão e mostraram a sua convicção que uma efectiva educação e

formação tornava todos mais livres.
Regra geral a casa na *Rue des Carmes* era muito popular entre os intelectuais de Lille, mas não deixava de ser escrutinada de perto por quem suspeitara os seus habitantes de praticar uma linguagem incendiária insultando as ações da Igreja e do Rei.

Entre iluminação e escurecimento

Para a dinastia Magister-Auctor, a guerra geral que devastou a Europa, a América e a Índia durante sete anos tem como resultado prático a família voltar a fazer de Oostende o seu ponto de ancoragem. Em 1765 Yann passa definitivamente a ser Jan, quando a pequena família ocupa a casa que antes era dos pais de Dieudonné. Em casa fala-se sobretudo francês mas Madeleine aplica-se para aprender a variante local do flamengo. Como em toda *Belgium Austriacum*, também em Oostende os amigos e conhecidos dos meios burgueses de Jan e a sua família usam o francês e a variante local do flamengo para se exprimir. Em geral, estudantes e investigadores alargam o seu conhecimento das línguas com latim, inglês e, cada vez mais, também com alto-alemão.
Tipógrafos editam livros em francês e em flamengo. Regra geral, a burguesia vê o uso de duas línguas como uma vantagem.
Dieudonné aproveitou a mudança de Jan para *Belgium Austriacum* para visitar Gent mais uma vez. Contacta com algumas tipografias e consulta algumas obras que não encontra em Lille. Acorda com Mathilde a publicação de novos textos seus, entre outros algumas histórias bíblicas com uma boa dose de humor crítica, inicialmente contado a netos e netas e crianças amigas.
É também em Gent que Dieudonné confirma pela primeira vez com clareza o seu receio pelo crescente empobrecimento da população já por si pobre. Abertamente os proprietários das

manufacturas recorrem cada vez mais às casas de órfãos e às prisões para fornecer mão de obra barata. Os órfãos trocam assim as escolas de trabalho pelos ateliers. Trabalham para alguns tostões, lado a lado com ladrões condenados, que trocam as prisões pelas mesmas casas de trabalho onde por norma prestam trabalho forçado. As licenças da edilidade, como aquela que foi atribuída ao produtor de algodão estampado Joos Clemmen, são para Dieudonné indicadores existir conhecimento público que os trabalhadores, mesmo os homens, são muito mal pagos. Afinal a justificação para a atribuição da licença é que será dado trabalho a "*eenen nomber van omtrent de tseventigh vrouwenspersonen ende kinderen de welcke anderssints hunne brootwinningh niet en sauden connen becomen*."[1]

Logo depois de estar instalado em Oostende, Jan estuda mais em profundidade a biblioteca. Mesmo se muitas informações não são completamente novas, ele fica chocado quando lê as anotações dos seus avós. Ele vê-se obrigado de questionar o suposto humanismo europeu, sobretudo no que diz respeito ao relacionamento com pessoas e povos fora da Europa.
Jan decide completar a informação de todas as cidades das quais John já tinha informações sempre que dispõe de canais de comunicação. Tanto nos Países Baixos do sul como os do norte, os livros ABC e a catequese continuam a ser os únicos utilizados na pequena escola. Todos os livros têm que ter a

---

[1] Um número de perto de setenta pessoas femininas e crianças que senão não teriam condições de assegurar o seu ganha-pão.

chancela das tutelas eclesiásticas locais. Na realidade os últimos cem anos, a ordem das lições manteve-se: aprende-se as letras, depois as sílabas, depois as palavras retiradas de textos edificantes. O que Ratke, Comenius, mas também Manoel de Figueiredo propõem como resposta a esta duvidosa abordagem da aprendizagem da leitura mal encontrou aceitação na pequena escola. Só nas antigas escolas latinas, agora frequentemente referidas como colégios, aparece de vez em quando o *Janua Linguarum Reserata*, mais no Norte do que no Sul do continente.
Jan está muito admirado tomar-se tão por certo as letras terem que ser aprendidas antes da leitura propriamente dito. Esta prática está em franca oposição com o que muitos preceptores fazem. Nas escolas, conclui, a estrutura é mais importante do que o indivíduo. Na aula não se mostra escrito, mas apresentam-se letras sem estarem em contexto. Da sua experiência de preceptor ele sabe ser muito mais simples para uma criança de reconhecer uma letra como parte de uma palavra escrita e eventualmente ilustrada, exatamente como é mais simples de reconhecer uma cor numa paleta de cores ou um utensílio de um ofício, quando colocado no contexto de uso. Só de aqui umas décadas terá notícia do uso de métodos baseados em sons, experimentados por alguns mestres-escolas.

Madeleine concretiza o seu plano com a vinda para Oostende e aprofunda os contactos com Maria, a tia de Jan, e com Begga de Bruges. A beguina tem hoje sessenta anos e continua a ser a mesma investigadora entusiasta de sempre quando se trata de mulheres e educação. Durante uma

conversa em casa de Madeleine e Jan, ela relativiza o papel da Reforma no ensino, frequentemente apontado como positivo. Ela descreve por exemplo como comunidades calvinistas atacam não raras vezes outras comunidades quando suspeitam que estes se desviam demasiado da história da Bíblia e do papel subordinado da mulher. Ela chega ao ponto de afirmar o Papa Bento XIV ter feito mais fez para as mulheres do que quem rotula de '*protestantes misantropos*'. Begga lembra como Bento XIV, antes e depois de assumir o trono de Papa, sempre defendeu que as mulheres tinham que ter um papel na ciência. Ele apoiou Laura Bassi para que pudesse lecionar física e matemática na universidade de Bologna, a partir de 1733, quando se doutorou em filosofia. Em 1748 também apoiou Maria Agnesi, para quem foi criada uma cadeira de matemática na mesma universidade.

Jan escreve a sua mãe acerca da visita de Begga de Bruges e das suas opiniões radicais em relação ao papel das mulheres na ciência. Mathilde subtilmente lembra ser a primeira para denunciar a misoginia. Contudo, diz, a misandria porta em si os mesmos perigos para o preconceito e continua: "*Sabes bem, querido filho, como eu penso acerca de certas afirmações de Sieur Voltaire. Mas não podemos esquecer como a sua amizade para Émilie foi muito importante. Assim Émilie pôde desenvolver o seu talento. O longo período que Voltaire viveu com ela foi absolutamente necessário para ela ter acesso à filosofia da natureza e a matemática vindo da Grã-Bretanha e das regiões Alemães. Mas muitos outros homens tem sido importante na vida de Émilie e quiseram corresponder com ela. Graças a Maupertuis*

ela conheceu o trabalho de pessoas como Leibniz, Clairaut, König, Bernoulli e Réaumur. Ela aprendeu e estudou devido a sua interação com homens como Christian von Wolff, Leonhard Euler ou François Jacquier. Para traduzir Principia Mathematica *ela contactou Buffon.*
É claro que entendo o teu entusiasmo de encontrar em Maria e Begga duas parceiras tão interessantes para a reflexão. Penso que Émilie tinha sobre elas a vantagem de também ser mãe. E como mulher e mãe ela aconselhou o filho de bem aproveitar o período da sua vida no qual verdadeiramente se podia dedicar à aprendizagem da ciência. Ela disse: 'vous êtes, mon cher fils, dans cet âge heureux où l'esprit commence à penser, et dans lequel le cœur n'a pas encore des passions assez vives pour le troubler. C'est peut-être à présent le seul temps de votre vie que vous pourrez donner à l'étude de la nature. Bientôt les passions et les plaisirs de votre âge emporteront tous vos moments; et lorsque cette fougue de jeunesse sera passée, et que vous aurez payé à l'ivresse du monde le tribut de votre âge et de votre état, l'ambition s'emparera de votre âme; et quand même dans cet âge plus avancé, et qui souvent n'en est pas plus mûr, vous voudriez vous appliquer à l'étude des véritables sciences, votre esprit n'ayant plus alors cette flexibilité qui est le partage des beaux ans, il vous faudrait acheter par une étude pénible ce que vous pouvez apprendre aujourd'hui avec une extrême facilité.*' Parecem-me palavras sábias que não pronunciei contigo, mas que estavam presentes na cabeça do teu pai e na minha, sempre que te encorajávamos a saber mais acerca de algo que te interessava como criança.*

Eu sei que Begga aprecia Aristophile. Pergunta-lhe de citar o trecho acerca da razão dos Anjos e da razão dos humanos em 'Du célibat volontaire, ou La vie sans engagement'. *Aristophile considera a vida dos Anjos contemplativa e a dos humanos discursiva, para argumentar que os humanos precisam de tempo e circunstâncias para aprender a utilizar os seus sentidos e assim chegar ao conhecimento. Mas ela explica-o muito melhor do que eu, porque só conheço o trabalho por alto."*

Pisando os passos dos seus pais, Jan escreve uma crónica na qual denuncia como a alta nobreza e o alto clero se agarram a privilégios com os quais verdadeiros humanistas não podem concordar. No texto Jan explica como, ao seu ver, poder e ignorância se combinam tanto na protestante República das Sete Províncias como na França e em outros países católicos.
Na mesma crónica denúncia as condições intoleráveis nas manufacturas, na produção do linho e nas minas de carvão que se multiplicam pela região. Ele ressalta como todas as ideias dos humanistas iluminados sempre e só se dirigem ao estado privilegiado ao qual a esmagadora maioria dos pensadores pertence.
Num outro capítulo, Jan reproduz a conversa que teve com Dieudonné depois da leitura das ideias de Abbé de Fleury em *Traité du choix et de la méthode des études,* editado pela primeira vez em 1686 havendo um exemplar na biblioteca da família graças ao Claudius Cardinalis. No tratado, quando fala do modo como 'a verdadeira fe' é apresentada, Abbé de Fleury diz: "*Au reste, il y a une grande différence entre les mystères que la vraie Religion nous enseigne & les absurdités que proposent les*

fausses Religions. Que le soleil se cache tous les jours derrière une montagne".

Jan e Dieudonné observam como demasiado facilmente é esquecido a Bíblia contendo ela própria um sem número de fenómenos impossíveis. Porque é que na própria religião são referidas como metáforas — que diga-se de passagem custaram a vida a quem em tempos designavam assim o que então era apresentado como sendo verdadeiro — e nas outras tratadas como absurdidades? Porque é que o Mistério da própria religião deveria ser o verdadeiro e o dos outros o falso? As discussões acerca dos dogmas mais se parecem com as disputas sim-não de crianças ignorantes. Não é possível viver plenamente a própria fé, sem ridicularizar ou condenar a fé dos outros?

Quando passa a arrogância por cima da interação humana? Infelizmente muito depressa, ainda hoje, argumenta Jan. Lembra as cartas de Claudius Cardinalis em que reconhecia apreciar Fleury, por ser ponderado em relação às questões da evangelização. Mas a vida não deixava de ser nada fácil para quem, há pouco menos de cem anos, era não-cristão em territórios invadidos e ocupados por cristãos. O apelo à ponderação, lembra Jan, não se referia à escolha da religião, mas à eficácia no processo de evangelização. Todas as reflexões em como tratar as crianças dos pobres continuam a ser reflexões de quem vê os pobres provenientes de uma espécie humana diferente da dos abastados e sobretudo da aristocracia e do alto clero. Não avisa o próprio Fleury ter muito cuidado com a oferta de estudos às crianças pobres?

Mas não se fica por aí. Fleury separa inclusivamente os homens de espada dos homens de robe quando fala de estudos. Paradoxalmente, poderia parecer mais justificado hoje do que no tempo dele esta separação, visto a velocidade com a qual o conhecimento se avoluma. Mas, questiona Jan Lemaître, não é essa a substancial diferença com as pretensões de Comenius, mesmo se nunca alcançou o que pretendia? Não, no tempo de Claudius, Fleury podia ser uma fonte de inspiração interessante, mas hoje seria perigoso de abraçar as suas propostas e seguí-lo.
Hoje Jan vê dificuldades acrescentados. A divisão dos conteúdos nas aulas em função da origem e do destino dos alunos, exatamente quando a matemática e as ciências da natureza tanto se desenvolvem conduz para o quê? Onde e como vão Euler, Bernouilli, D'Alembert, mesmo se *querem*, *conseguirem* explicar os seu trabalho? Quantas Émilie de Châtelet vão ser necessárias para traduzir e anotar o trabalho científico. E finalmente, quando vão surgir Émilies de todos os estados na sociedade?
Segue um capítulo no qual Jan aborda a sua visão de cosmopolitismo. Opõe-se sobretudo à atitude constrangedora não só desempenhada por muitas *salonnières*, mas também por alguns dos proeminentes enciclopedistas franceses. Segundo ele, estes desviam-se do espírito da *Res publica litteraria* na qual Jan vislumbra um cosmopolitismo mais prometedor. Ele lembra as palavras de Diderot descrevendo a sua sensação de libertação que viveu no salão do barão de Holbach: "*Alí fala se de história, política, finanças, letras e filosofia; considera-se*

suficientemente quem estiver para permitir a confrontação; é onde se encontra o verdadeiro cosmopolita." Jan observa não ser ele o único a duvidar se podemos aqui empregar a palavra cosmopolita. Diderot limita-se a falar de um fenómeno parisiense. Alías, uma prudente estimativa mostra que mais da metade da enciclopédia consiste em artigos da mãe de quem mora em Paris. Junta-se Paris e Versailles e dá para contar nos dedos da mãos quem de fora contribuiu para a enciclopédia. Toda a enciclopédia não passa de uma visão da metrópole francês sobre o que poderia ser cosmopolitismo?
Quão importante não é de viajar, continua Jan. Aqui inclui as viagens na sua própria família. De avô John dizia-se que tinha feito um '*petit tour*', um trocadilho da mãe dele. Pensando nos '*Iter gallium*' e '*Iter allemannicum*' da aristocracia de então, ela deu ao tour que o seu marido tinha feito o nome de '*Magnum Iter*' e à visita do seu filho John aos Países Baixos a designação de '*Modicum Iter*'.
Infelizmente, as grandes viagens para verdadeiramente se apropriar de conhecimento, hoje ainda mais do que ontem, parecem reservadas aos filhos da abastada aristocracia e burguesia. Preocupemo-nos, escreve Jan, se queremos pensar na generalização do acesso ao conhecimento. Lembra como Bacon escreveu no seu *Travel Essay*, há século e meio, viajar ser um modo de ensino para mais jovens, para mais velhos um modo de experiência. Claro que era imprescindível viajar com um mestre ou um servo com domínio da língua falada na região visitada, para conseguir estudar as coisas. Para Bacon muitas coisas valem a pena serem lembradas depois: as cortes

dos reis e as da justiça, as reuniões eclesiásticas, as igrejas, os mosteiros e a sua história, as muralhas e as estruturas de defesa das cidades, os portos, antiguidades, bibliotecas e universidades e muito mais. Foi o que Bacon escreveu. E, continua Jan, no volume da enciclopédia agora mesmo publicado, Jaucourt escreve na entrada 'Voyage': '*Os grandes homens da antiguidade consideravam que não havia melhor escola de vida como a da viagem, uma escola com a qual se aprende acerca das vidas diversas de muitos outros, onde a cada momento se encontra uma nova lição nesse maravilhoso livro do mundo, e onde a mudança de ares em combinação com exercício tão favorável é para corpo e mente*.'
Mas o que é experiência hoje? Onde obter as credenciais seguras quando não se viaje para família ou amigos, e quem pode apresentá-las? Hospitalidade, refeições e dormida são frequentemente sujeito a caprichos. Dinheiro, alfândegas, certificados de saúde e outros procedimentos de controlo são obstáculos. Estes últimos servem naturalmente para proteger cidades e portos contra as epidemias. Ainda há poucos anos, quando o pai dele viajou, primeiro até Paris e depois com a mãe para Lille, os surtos de morte negra de Marseille e Messina levaram a grandes restrições de viagem. Se viajar é hoje mais complicado para os abastados então para o resto da população é uma miragem.

Na *Belgium Austriacum* católica Jan não consegue o *imprimatur* para a crónica dele, que circula clandestinamente entre amigos que constituem a *Res publica litteraria*.

O meu querido filho,

Aparamente precisas melhorar a tua arte da escrita. É possível falar de muitos assuntos de que os grandes Senhores não querem ouvir nada, mas não convém ofendê-los de propósito. Poderás conseguir publicar a tua crónica se queres dedicar vontade e tempo para reescrever algumas partes. Por outro lado, a versão atual é divulgada pouco a pouco.
Mas sabes, quem critica arrisca-se a ser perseguido. Ouvi de David Hume que voltou para a Inglaterra acompanhado de Jean-Jacques Rousseau. Depois das suas últimas obras, ele próprio dizia nem em Môtiers onde se fixou, sentir-se seguro. Talvez exagerou um pouco. Segundo Voltaire aconteceu que alguns aldeões lhe partiram vidros. Seja como for, Rousseau seguiu para a Grã-Bretanha.
Penso que vai correr mal. Quem contacta com Jean-Jacques diz ele ver perseguidores em todo lado. Segundo David, ele não fala uma palavra de Inglês o que torna tudo ainda mais complicado. De conhecidos em comum ouvi que David está muito impressionado pelo intelecto de Rousseau, apesar de lhe criticar determinadas atitudes. Vamos ver.
Aqui diz-se Hume ser muito optimista quando pensa que a discussão acerca da liberdade (ou o livre arbitro) versus o determinismo, segundo ele velha de mais de 2000 anos, tem sobretudo a ver com os termos ambíguos utilizados que cada um interpreta ao seu belo prazer. Pensa ele bastar procurar melhores definições?
E falando de ambiguidade. A Sociedade de Jesus está em maus lençóis. Sabes, depois de Portugal, foi banida da França. Para os

jansenistas foi feita justiça. Sempre apontaram o dedo aos mais dogmáticos entre os Jesuítas por ter destruído Port Royal.
Há obviamente mais em jogo. O poder subiu a Ordem à cabeça e muitas Casas Reais vêem-na como um perigo. Junta-se a manifesta animosidade aqui contra o Papa Clemente XIII. Os elogios a Sociedade de Jesus feitos por ele certamente não ajudaram. Como bem sabes, muitos membros da Ordem são mestres no uso da palavra vã. Argumentam ter uma postura realmente cosmopolita por dever obediência a Roma, e por isso são vistos como um perigo. Eu por mim, não me parece válido o argumento. Limitam-se a dar uma outra interpretação restritiva à palavra cosmopolitismo, porque raramente encontrei posturas mais dogmáticas quando se trata da profissão da fé como naquela Sociedade. E para mim cosmopolitismo não se limita à congregação de pessoas de todo o mundo dentro de uma ordem específica. Para mim trata-se de reunir pessoas de todo o mundo que pensam de maneiras diferentes e vivem harmoniosamente uns com os outros. Mesmo dos meus muito bons amigos Jesuítas não consigo entender se aceitam realmente esta ideia. Mas tudo bem. La Flèche deixou de ser um colégio jesuíta e também aqui em Lille, o colégio ao qual ainda estou ligado deixou de ser dirigido pela Ordem.

Afectuosamente teu. Dieudonné.

Aproximadamente um ano depois desta carta para Jan, Dieudonné aprende que Jean-Jacques Rousseau deixa a Grã-Bretanha depois de uma briga violenta com David Hume. Muitos alertaram Hume acerca da instabilidade de Rousseau. Já anteriormente teve uma grande disputa com Diderot e

também houve períodos conturbados com Therèse. Desta vez Rousseau está fora de si porque Walpole escreveu uma paródia acerca da sua presunção. Mas Rousseau escolheu como objeto da sua raiva *o amável David*, como ele é conhecido nos salões parisienses, mesmo depois de este o ter resgatado de uma situação difícil. É assunto obrigatório nos de salão, quando Rousseau reaparece na França em maio de 1767.
Nos salões fala-se também do espanto expresso por David Hume ao saber que Rousseau terminava a sua autobiografia, durante a sua estadia na Grã-Bretanha. Terá até observado ninguém conhecer-se menos bem a si próprio do que Jean-Jacques. Este terá afirmado depois estar tão convicto da traição de Hume que lhe deu três bofetadas. O que fez observar Voltaire ironicamente: "*Pois, três sopapos por ter oferecido abrigo pode ter sido um pouco demais*."

Queridos pais,

Está tudo bem connosco. Oostende continua a ter excelente tratamento por parte da Imperatriz. Segundo um censo do inicio deste ano a cidade conta hoje com perto de 5000 habitantes.
Mesmo se as grandes potencias europeias tentam de limitar as nossas capacidades de armador, elas não são bem sucedidas. A edilidade recebeu a autorização da Imperatriz de expandir a cidade e, faz agora dois anos, iniciaram-se as obras para uma nova calçada em direção a Weynendale.
Muitos navios que atracam no porto são carregados com armas vindo de Liège, é claro para todos. Estas armas seguem para América e os revoltosos que lutam contra as tropas britânicas no local. Ouvimos regularmente histórias de navios interceptados

por corsários ao serviço da Coroa Britânica.
De momento damos muito do nosso tempo à educação de Jean-Jacques. As escolas existentes na cidade continuam a desejar muito e asseguramos nós próprios a sua formação. A biblioteca de avô John transformou-se num espaço de trabalho e estudo, não só para Jean-Jacques mas também para outros rapazes e raparigas, filhos de cidadãos de Oostende. Graças à intervenção de tio Johannes que conhece praticamente toda a cidade, cada vez mais pessoas procuram-nos. Madeleine e eu próprio concordámos em acompanhar três grupos. Envolvemos um casal amigo de um dos nossos primos. Exigimos que dois dos três grupos recebem filhos de pescadores e estes estão isentos de qualquer pagamento. Nenhum grupo ultrapassa o número de vinte crianças. A línguas de ensino para as crianças mais novas são o francês, o flamengo e o alemão. Para ensinar a leitura utilizamos palavras e sons que ligamos às letras e sentimo-nos muito orgulhosos de conseguir que a maioria das crianças lêem em menos do que um ano.
Conhecemos por acaso um capitão espanhol obrigado a fazer escala no porto para calafetar o navio. Ele contou-nos que os Jesuítas foram agora também banidos da Espanha. Também aí o poder e a riqueza acumulada nas colónias tornou-se uma dor de cabeça para a aristocracia e eles foram culpados terem tido mão na revolta em Madrid, há pouco tempo.

Querido filho, querida Madeleine,

O teu pai e eu estamos muito empolgados com o vosso trabalho de ensino com o qual conseguem juntar crianças de familias

abastadas e de famílias pobres na biblioteca de John. Penso que o teu avô também teria ficado contente de o saber. Primeiro uma pequena notícia que vai agradar Madeleine. Seja o que se pode dizer de Jean-Jacques Rousseau, ele e Therèse Levasseur casaram-se há pouco tempo, por sugestão dele. Ele faz agora 56 anos, ela tem 46 e diz-se por aqui que quer fazer da Therèse a sua única herdeira. Ele continua a ser uma figura estranha. Soubemo-lo há pouco tempo: o autor de Emile terá tido filhos que nunca quis reconhecer ou educar ele próprio.

Mas escrevo-vos porque descobri um livro de Gabriel Bonnot de Mably e penso que vos irá interessar. A obra tem como título Doutes proposés aux philosophes et aux économistes sur l'ordre naturel et essentiel des sociétés politiques. *Neste livro, o autor escreve entre outras coisas não lhe ser possível aceitar o que está atualmente instituído, nomeadamente a posse da terra estar de acordo com a vontade da natureza. Ele toma sobretudo posição contra a fisiocracia e diz que a posse da terra tem como efeito imediato as fortunas desproporcionais. E, pergunta ele, não decorre dessa desproporção a existência de interesses diferentes e contraditórios? Essa desarmonia não leva ao vício da riqueza, à pobreza, ao brutalizar dos espíritos, à corrupção da moral civil? Ele rejeita a equiparação da ordem social com a ordem física. A sociedade, diz, consiste de seres físicos com propriedades morais. Seja como for, o ser humano é uma mistura físico e moral. Uma instituição social não existe porque o ser humano é um animal que se tem que alimentar, mas porque é inteligente e sensível. A cultura torna a sociedade mais bonita, ajuda a sociedade a avançar. A sociedade não foi feito para fazer florescer a*

agricultura observa Mably. A preocupação com justiça e paz deve ser superior à vontade de enriquecimento, continua. Mesmo se a propriedade da terra fosse mais favorável ao aumento da riqueza do que na realidade o é, mesmo então dever-se-ia dar preferência à posse comunitária dos bens. Para quê maior abundância, pergunta Gabriel Mably, se esta maior abundância leva as pessoas a serem injustas e a se revestir de violência e logro para se enriquecer mais? Pode alguém sequer ter dúvidas que, numa sociedade onde não existe ganância, vaidade e ambição, o menor dos cidadãos seria mais feliz do que o mais rico proprietário hoje, pergunta ele. Gabriel Bonnot de Mably diz conseguir entender o que ele identifica como 'os preconceitos do ser humano' estarem demasiado e profundamente enraizados para reequilibrar a igualdade natural e a comunidade dos bens. Mas, concluí, as leis locais devem limitar o tamanho da posse de terrenos, para pelo menos parcialmente recuperar esta igualdade.

Eu disse ao vosso pai que hoje o general dos Jesuítas não deverá concordar com os escritos deste abade. Penso que a Ordem se tornou vítima da sua própria ambição, arrogância e vontade de possuir. Parece que ela foi agora também banida no Reino de Nápoles, de Sicilia e de Parma. A lista torna-se mais extensa.

Afectuosamente, Mathilde

Mesmo antes do banimento dos Jesuítas na França, Jean-Antoine-Nicola Caritat, mais tarde conhecido como Marques de Condorcet, recebeu o primeiro ensino doméstico com um Jesuíta e depois estudou num colégio de Jesuítas, devido à sua muito devota mãe. Ele publica o seu primeiro trabalho em 1765 com 22 anos. A obra trata o cálculo integral e assegura

ao autor um lugar na Academia Real das Ciências. Logo a seguir o seu amigo e professor Le Rond D'Alembert apresenta-o a Voltaire e ao economista Turgot, na Corte.
Em 1772 e a enciclopédia francesa está completa e publicada, incluindo os volumes que contêm as ilustrações, sem antes darem origem a mais uma violenta polémica. Escreve-se contra a enciclopédia. É o caso do recente criado periódico *La Religion vengée ou Réfutation des auteurs impies* por exemplo. Na mesma altura Abraham Chaumeix escreve os '*legítimos preconceitos contra a enciclopédia e o tratado para refutar este dicionário*'.
Dieudonné observa ironicamente que cosmopolitismo inclui raciocinar livremente acerca da natureza das coisas, mas o termo '*vingado*' faz do termo '*ímpio*' um insulto e o menor que se pode dizer é soar estranho a combinação '*legítimo*' com '*preconceito*'. Contudo ele também, embora por outras razões, continua a ter as suas dúvidas acerca do caráter cosmopolita de quem ele chama os filósofos dos salões de Paris. Ele escreve o seu filho a este respeito e Jan responde ter lido todo o capítulo XV do *Traité sur la Tolérance* de Voltaire fazendo o pensar muitas vezes no esquema dos seus avós na sua Opus Omnia[1].

A via navegável Anzin-Dunkerque passando por Lille está agora completamente operacional. Esta ligação terá uma grande influência no crescente aumento de empresas e manufacturas que empregam cada vez mais homens, mulheres e crianças em condições lamentáveis, contra salários de mi-

[1] Jan vai reconhecer mais tarde que o texto teve influência quando ira reorganizar o esquema em 1792, quando fala dos últimos meses passados com a sua mãe.

séria. A escravidão branca é reintroduzida sob outra forma nesta parte da Europa. As escolas para pobres ainda a funcionar são simples locais de passagem para formar rapidamente a força de trabalho dócil, tanto na França como em *Belgium Austriacum*. Os colégios dos Oratorianos e, pelo menos até 1773, também os dos Jesuítas, continuam muito rígidos e só abrem portas para aqueles que podem pagar. Nos segundos o *Ordo domesticus* permanece em vigor até o decreto pontifício dissolver a Sociedade.

As escolas nas Sete Províncias Reunidas diferem pouco das escolas nos Países Baixos Austríacos. Regra geral, pais pagam taxas escolares. Tipicamente o Conselho de Igrejas determina a tarifa, aprende Jan. Por norma pagam-se três soldos holandeses para uma criança aprender a soletrar e ler. Para uma criança aprender a ler e escrever, são quatro soldos. Para uma criança que além disso aprende os números, a conta eleva-se a seis soldos. Subir para uma classe mais elevada significa mais custos para os pais e mais rendimento para o mestre. O diaconato assume as taxas escolares para crianças pobres e para órfãos. A tarefa do mestre-escola é circunscrita. Além de ensinar a ler e contar, ensina a juventude a história bíblica, o Pai Nosso, os Dez Mandamentos e excertos da catequese de Heidelberg. Escreve-se com tinta e penas de ganso, o que justifica a taxa escolar mais elevada para quem aprende a escrever. O mestre deve ser reembolsado pela compra de tinta e papel e pago pelo corte das canetas.

As crianças sentem-se em salas de aula em bancos direitos sem costas, junto a uma mesa ou então sentem-se no chão. Podem

circular no local para serem interrogados pelo mestre ou para pedir ajuda de um colega mais velho. Por norma, cada criança evoluí ao seu próprio ritmo, estudando em voz alta. As turmas são grandes. Jan considera que em turmas de até 100 crianças e com uma disciplina de ferro, não se pode esperar muito mais do que a instrução.

Tudo somado é possível afirmar que com ou sem diretrizes de Ordens religiosos a escola em geral continua a ser um lugar onde a maioria das crianças recebe uma instrução muito rudimentar enquanto a educação para o conhecimento e a ciência continua reservada para uma pequena minoria. Nem é necessário uma uma Sociedade de Jesus para manter este divisão.
Mas não é por isso que Clemente XIV suspende a Ordem. É mais uma questão de exibição de poder de ambos os lados, com resultado fatal, também de ambos os lados. O Estado Eclesiástico arremeta com força contra o general dos Jesuítas, às vezes referido como o papa negro. Ele é arrastado para as masmorras papais do Castelo de Santo Ângelo havendo suspeitas de ter sido torturado até a morte. O Papa Clemente não saberá desta morte, uma vez que é envenenado pouco depois da suspensão da Ordem.

Da Escócia outra notícia chega a Jan acerca do trabalho de Braidwood e o seu trabalho dedicado exclusivamente ao ensino de crianças surdas. Oficialmente a escola chama-se agora *Braidwood's Academy for the Deaf and Dumb.* Treina-se a leitura labial e foi desenvolvida uma espécie de língua de gestos para facilitar a aprendizagem. Samuel Johnson,

compilador de um dicionário de inglês escreve acerca da sua visita à escola: *"my visit to the schools in 1773 showed me one subject of philosophical curiosity to be found in Edinburgh, which no other city has to show; a college of the deaf and dumb, who are taught to speak, to read, to write, and to practise arithmetic, by a gentleman whose name is Braidwood. The number which attends him is, I think, about twelve, which he brings together into a little school, and instructs according to their several degrees of proficiency*."
Jan e Madeleine consideram a escola um absoluto ponto de luz no escurecido mundo do ensino para crianças.

No ano de 1774 o Marques de Condorcet assume o cargo de Inspector Geral da Moeda. Pouco tempo depois começará a pensar numa nova política escolar. A Imperatriz Maria Teresa de Austria introduz entretanto a escola obrigatória para todas as crianças entre seis e doze anos de idade em todos os territórios por ela governados. Jan e Madeleine procuram saber mais acerca da intenção por trás desta escolaridade obrigatória. Qual será o papel da religião? A escolaridade obrigatória continua a ser uma instrução dogmática? Ou serão os portões do Conhecimento abertos a mais crianças de origem pobre? Mais mulheres irão ter a possibilidade de ler e lecionar, como Laura Bassi? Vai a escolaridade obrigatória manter as próximas Caroline Herschel no continente? Mais mulheres se poder-se-ão desenvolver e formar como o fez Marie Wollstonecraft? Iremos conseguir passos maiores do que na França, onde independentemente do seu valor pessoal, as mulheres que se fazem notar, como Marie-Anne Pierrette

Paulze, continuam a surgir da aristocracia? E os rapazes? Haverá mais rapazes de descendência pobre que se poderão desenvolver e participar na elaboração do Conhecimento e da ciência que não para de crescer?
E, diz Madeleine com um ligeiro tom de provocação, será que uma melhor escolarização fará com que se reflete mais acerca do transporte de material bélico que traz tanta miséria, sobretudo quando líderes arrogantes falam de guerras justificadas? Vão finalmente mais pessoas além dos pilotos de navios e a sua tripulação, não só tomar conhecimento do comércio triangular com o qual se transporta armas para Africa Oeste, escravos para as Caraíbas e colheitas de plantações para Flandres, mas também questioná-lo abertamente?

Há muito a fazer para tornar a humanidade mais humana. A escola finalmente terá um papel a desempenhar?
Jan e Madeleine sonham nisso e a trabalhar para isso.
Aparentemente Jean-Jacques pretende ajudá-los nessa tarefa.

Fim do Volume 03

Uma estranha carta

Querido Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no continuum do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222 no vosso calendário.

Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no continuum não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.

Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

Delun Huang interessa-se pela história da palavra impressa e pela interação dialogante. Atualmente reúne informações sobre Claudius Cardinalis e outras vozes críticas acerca do poder nos assuntos da religião.
Umut interessa-se pela mitologia e pela influência sobre a mente humana por parte de pessoas com poder ligados a dogmas.

Neste terceiro volume da saga Magister-Auctor seguimos as aventuras de Dieudonné Lemaître e Mathilde Larouge, tendo como pano de fundo as actividades das salonnières francesas e os textos de membros da informal *Res publica litteraria.*
Passamos a conhecer algumas mulheres notáveis que influenciaram os círculos literários e científicos da segunda metade do do hectano cento e dezassete.
Entretanto observa-se um aparente aumento do fosso entre pobres e ricos, com humanistas que mal se interessem para servos e empregados, mulheres e crianças empregues nas manufacturas e escravos mantidos nas plantações de europeus emigrados.